

"TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN" NÃO COSTUMA ENGANAR-SE...

Direita portuguesa prepara golpe militar

- 200 mercenários teriam desembarcado em Espanha
- Spínola acumula apoios

Ler pág. 20

ASSEMBLEIAS POPULARES RUMO AO FUTURO



Muitas dezenas de milhares de pessoas desceram à rua, ontem, em Lisboa, pelo avanço das assembleias populares, contra qualquer tentativa de ultrapassar a crise actual pela direita, pela unidade das forças revolucionárias, do povo trabalhador com os soldados e marinheiros.

Convocada por várias assembleias populares, conselhos de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa e comissões de moradores, a Grande Manifestação Unitária demonstrou, com uma força impressionante, que o povo não está disposto a deixar a Revolução retroceder.

(págs. centrais)

BOMBAS NA MADRUGADA

Forças Armadas de prevenção em todo o País

Entraram de prevenção todas as unidades militares do País, depois do rebentamento de uma série de bombas, seis em Lisboa, uma em Alcácer do Sal e outra no Norte, segundo informações que colhemos no Copcon.

O reacender da actividade contra-revolucionária, acompanhado dos mais variados boatos alarmistas que têm corrido, levou as autoridades militares a tomar esta iniciativa, já que há informações, não confirmadas, de que se poderiam registar novos incidentes, particularmente actos de sabotagem. O Copcon considera a situação tranquila, apesar de tudo.

Os petardos que rebentaram hoje de madrugada atingiram 11 automóveis, entre os quais o do comandante Ramiro Correia, chefe da suspensão 5.ª Divisão, e mais dois oficiais progressistas da Marinha, e ainda o do conhecido advogado e militante do P. C. P. Fernando Luso Soares. A intenção dos atentados parece assim ser clara e integrar-se numa campanha de desestabilização da vida social, que garanta que as portas já abertas à contra-revolução e ao fascismo pelos mais recentes acontecimentos da vida política portuguesa, não sejam fechadas.

Segundo informações da P. S. P., os engenhos utilizados eram cargas de plástico branco de 200 gr, 8/51, instalados em automóveis.

Divulgamos a seguir os locais em que rebentaram os petardos e as matriculas dos automóveis em que estavam instalados: R. Sargento José Paulo dos Santos (GB-64-73), R.

Dr. Rafael Duque (EL-64-30), R. Sampaio Bruno (HI-82-88), Alameda das Linhas de Torres (FB-51-34) «Travessa das Amoreiras (HA-78-61). Na primeira rua, nos Olivais Norte, (GA-71-07), Av. da República

Continua na pág. 18

A partir da Bélgica

BOICOTE AO ESCUDO

A banca belga boicota o escudo português. Uma série de normas adoptadas para uso interno pela «Société Générale de Banque» e finalmente reveladas, constituem a prova indenequivel de um boicote que se traduz, principalmente, neste conselho aos cidadãos belgas e outros clientes do banco: Não comprem escudos de Portugal.

As normas da S. G. B. que agora escaparam ao controlo sobre documentos oficiais, são pretensamente justificadas em medidas tomadas pelo Banco de Portugal e que respeitam à importação e exportação de divisas pelo nosso país.

Assim, e a pretexto da obrigatoriedade de declaração dos montantes de divisas que entram e do limite de divisas que saem, o banco belga aproveita as medidas do Banco de Portugal em seu proveito e dá as seguintes instruções aos seus funcionários:

Medidas a tomar — venda de escudos aos clientes — Quando um cliente procurar obter escudos para se dirigir a Portugal, há que: a) informá-lo das limitações existentes, sobretudo quanto à exportação; b) preveni-lo de que não receberemos os escudos excedentes no regresso; c) aconselhá-lo a adquirir divisas fortes, cheques de viagem ou outros meios de pagamento. Se, apesar de tudo, o nosso cliente quiser comprar escudos, há que aconselhá-lo a só adquirir o montante necessário para os seus gastos de estadia em Portugal.

As normas da «Société Générale de Banque» prosseguem, agora sob a rubrica Compra de escudos aos nossos clientes: a rejeitar em todos os casos possíveis, explicando ao cliente que nas circunstâncias actuais o nosso banco não deseja correr o risco de ficar com «dinheiro em caixa», perigosa e dificilmente negociável. A não clientes: recusar pura e simplesmente.

No capítulo de observações, diz-se textualmente: «Que fique bem entendido que estas regras são internas e específicas do nosso banco, pelo que devem ser confidenciais (isto é, não chegaram aos ouvidos de representantes oficiais portugueses, os quais poderiam não apreciar a nossa óptica)».

Acrescenta-se numa última nota: «Não deixaremos de vos avisar logo que ocorra qualquer mudança de política no Banco de Portugal». Trata-se, evidentemente, de uma observação hipócrita. A S. G. B. aproveita das medidas assumidas pelas autoridades portuguesas, contra a especulação, para desencadear uma descarada operação de boicote ao escudo português. Quer dizer, enquanto que em Portugal (à semelhança do procedimento adoptado em inúmeros países) se exige simplesmente que o dinheiro seja declarado à entrada e que, à saída, o montante não exceda aquele que foi declarado à chegada, a «Société Générale de Banque» interpreta estas medidas a seu

Continua na pág. 20

Situação grave em Angola

LUANDA, 24 (Do «Diário de Luanda», em exclusivo para o «D.L.») — O povo de Luanda, a exemplo do que está a suceder em todas as zonas libertadas de Angola, acorreu ontem em massa aos centros de recrutamento, depois do M.P.L.A. ter decretado a mobilização geral, através de um comunicado do Comissariado Político do Estado Maior das F.A.P.L.A.

O comunicado afirma, nomeadamente, que «Angola está sujeita a uma invasão estrangeira a soldo do imperialismo, a qual se processa em várias frentes» e decreta que a mobilização abrange todos os homens entre os 18 e os 35 anos. O comunicado foi lido, aos microfones da Emissora Oficial de Angola, por José Van Dungen, da direcção das F.A.P.L.A., o qual esclareceu também que «se não trata de enviar recrutas sem instrução para a frente de combate, pois os efectivos regulares das F.A.P.L.A. são suficientes para as necessidades imediatas, mas de constituir uma força militar mais ampla face à invasão do território».

Continua na pág. 20

A Inter em S. Bento

O Secretariado da Intersindical reúne-se esta tarde, pelas 17 horas, com o Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo. No decorrer da reunião será analisada a situação política actual e a posição do movimento sindical português face ao actual momento político.

Em representação do Secretariado deslocam-se a S. Bento os dirigentes sindicais Ângelo Ferreira, Álvaro Rana, Filomena Santos e Jaime Machado.

Não deixamos de recordar a posição da Intersindical nos últimos tempos, protestando, tal como as organizações progressistas, contra os «saneamentos à esquerda», contra «uma viragem à direita» etc. Também a Intersindical manifestou o seu desagrado pelo discurso do Primeiro-Ministro na RTP.

Esta deverá ser a posição da Intersindical nas conversações com o Primeiro-Ministro. Por seu turno, o Governo tentará encor uma plataforma de entendimento (se for possível) no sentido de conseguir o que lhe tem faltado: o apoio dos trabalhadores.

FRANCO EM COMA

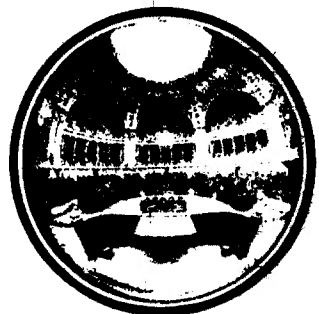
Pág. 20

20 PÁGINAS

COSTA GOMES NA JUGOSLÁVIA

Pág. 2

Nacional



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

NOTÍCIAS DO ALENTEJO

«Se há pessoas que têm uma certa dificuldade em compreender por que é que no Sul a Reforma Agrária está mais avançada do que no Norte, pensamos que as entidades ligadas à questão da Reforma Agrária deviam dar uma explicação» — disse o deputado Dinis Miranda, do P. C. P., na sessão de ontem. — «É que, se efectivamente 35 por cento da nossa população activa se ocupa na agricultura, é necessário que se esclareça que, no entanto, no Sul, encontramos 57 por cento dos activos na agricultura. Ao contrário do que acontece no Norte: distritos onde em cada 100 activos há 16 patrões e por sua vez uma média de 2,6 assalariados por patrão, no Sul, havia, no de Évora, 4 patrões por cada 100 activos a que correspondia a média de 22,1 assalariados por patrão.

Por outro lado, só nos distritos de Beja, Évora e Portalegre, situavam-se 274 das 375 explorações com superfície compreendidas entre os 1000 e os 2000 hectares. Só os hectares das herdades a partir dos 500 dariam, como média estatística, cerca de 9 hectares a cada pessoa activa na agricultura de cada um destes distritos. No conjunto, os três distritos do Sul tinham, no escalão de mais de 500 hectares, 791 explorações agrícolas com cerca de 1 025 348 hectares».

A aridez dos números. Mas a intervenção de Dinis Miranda veio falar de coisas que muitas vezes se ocultam e omitem. Um sem-número de crimes latifundiários. Por exemplo. Ouviram-no cerca de 170 deputados presentes na sessão. Seria interessante transcrever aqui, se espaço houvesse. Mas, por menos espaço que haja, haverá por certo o disponível para estas notícias que o parlamentar de Évora trouxe ao hemisférico.

«Os trabalhadores rurais estão a contribuir decididamente para nos libertar de importações de bens que aqui se podem e devem produzir — disse ele. — Relativamente às colheitas anteriores, sob administração dos latifundiários, que andavam à volta dos 400 a 500 mil toneladas de trigo, e em que se tinham de importar cerca de 250 000, este ano; dado o esforço dos trabalhadores, já entraram nos celeiros cerca de 650 000 toneladas de trigo. As importações que terão que ser feitas talvez respeitem a trigos seleccionados. A colheita das aveias e cevadas, principalmente as dísticas, aumentou sensivelmente satisfazendo as necessidades nacionais e talvez se possa exportar ou guardar algumas toneladas. Quanto ao centeio, mantém-se a produção das 140 000 toneladas; também é significativo. E se já este ano ainda não exportamos grandes quantidades de cereais, podem os trabalhadores portugueses responsabilizar as forças contra-revolucionárias e

conservadoras que obstaram a uma mais rápida expansão das forças produtivas representadas pelos trabalhadores agrícolas organizados. Estariam essas forças interessadas em manter-nos na dependência do capitalismo internacional?»

OUTRAS INTERVENÇÕES

Dinis Miranda falou no período da ordem do dia. Continua em discussão o título IV, na generalidade.

Gusmão debruçou-se sobre as posições do P.P.D. e desmontou os mecanismos ideológicos que as sustentam. Uma expressão como «capitalismo de Estado», por exemplo, a que os deputados do P.P.D. recorrem muito, é uma fórmula, segundo Gusmão, «usada sem qualquer tipo de rigor ou de valor científico» e «serve para camuflar o ataque a alguns princípios fundamentais do socialismo enquanto teoria e prática do movimento operário e das forças revolucionárias». Depois de Gusmão falar, ninguém pediu esclarecimentos.

Casimiro Cobra (P.P.D.): «como humanista»: «nós queremos construir uma sociedade socialista, mas...» Disse que é preciso respeitar certas condições (expressão nossa): liberdades e direitos fundamentais, estabilização das estruturas, igualdade de direito, pleno emprego, não nos lembra que mais. «Estamos preocupados, descrentes, desiludidos e tristes».

Curiosamente, está-se a assistir a um confronto algo dramático entre os dois partidos. E ganha consistência a impressão de que o P.S. se desmarca (sem se aproximar efectivamente) em relação a outros (o P.C.P., designadamente).

Que o P.S. tenderá a desmarcar-se do P.P.D., poderão demonstrá-lo intervenções como as (2) de Carlos Laje e (1) de António Reis, ontem. A primeira de Carlos Laje foi uma exposição mais pormenorizada de certos pontos definidores da específica posição do P.S. perante o articulado do título IV, «Da Organização Económica». Curioso assinalar que Laje teve uma atitude corajosa e rara: fez o «elogio» do modo (digamos, aberto) como o C.D.S. sustenta uma posição capitalista, sem a ocultar ou disfarçar. «Sempre é preferível à mascarada social-democrata do P.P.D.» — disse Laje. Da bancada do P.C.P. bateram palmas. Laje criticou ainda muito o M.D.P., afirmando (e reafirmando, depois de esclarecimentos de Sousa Pereira, deste partido) que o M.D.P. não apresentou razões de fundo para justificar a sua não aprovação do projecto da IV comissão na generalidade.

Sousa Pereira foi à tribuna. Aditamentos à declaração de voto lida dois dias antes. Regressado ao lugar, embaraçou-se com alguns pedidos de esclarecimento que lhe fizeram. Mas, prometeu, o M.D.P. vai apresentar propostas de alteração

a alguns pontos do articulado sobre a matéria em discussão.

«Vou ser sintético», prometeu **Alfredo de Sousa**, subindo à tribuna para repetir, em nome do P.P.D., os lugares mais comuns de uma argumentação fatigada (ideologicamente «viciada», expressão nossa), para percorrer de novo a trajetória em círculo de um discurso fechado.

O discurso do deputado do P.P.D. suscitou uma intervenção de Vital Moreira.

Claro que não é fácil um discurso «P.P.D.» sustentar um confronto (a não ser fictício) com um discurso «P.C.P.» As mais das vezes torna-se mesmo impossível. Quando, por exemplo, Vital Moreira levanta a questão de saber «com quem construir o socialismo», e, em último recurso, para opor uma concepção de todo outra (do outro lado), o P.P.D. se lembra dos votos que teve a 25 de Abril deste ano e os compara aos do P.C.P. A argumentação era politicamente tão, digamos assim, ingenua, que António Reis tomou-a como pretexto, depois, para opor ao milhão e meio do P.P.D., os dois milhões de P.S., mais os setecentos mil do P.C.P., mais os cerca de trezentos mil das outras organizações de esquerda.

António Reis diria isto, ao fim de uma «lição» (de filosofia, disseram do P.P.D.) sobre a social-democracia. Tese de António Reis: em Portugal não há sociais-democratas. Por palavras de António Reis e nossas: O P.S. não é social-democrata; o P.P.D., também não: a sua inspiração ideológica tem muito mais a ver com o liberalismo, com o personalismo humanista, com o cristianismo. O P.P.D. não se distingue do C.D.S... Muitos pedidos de esclarecimento por parte do P.P.D., que passou o tempo de intervenção de António Reis a barafustar. Nas bancadas do C.D.S., Freitas do Amaral e Amaro da Costa sorriam discretamente.

Carlos Laje (P.S.) encerraria a sessão já depois das vinte horas e de duas insistências de Henrique de Barros para que terminasse — com uma intervenção mais a desmarcar o P.S. do P.P.D., entre outros objectivos mais ou menos explícitos. Um dia antes, um deputado do P.P.D. falara, se bem nos lembra, do «fervor (ou do ardor) revolucionário» de Laje. Não é servirmo-nos das palavras do deputado do P.P.D., mas — aqui está um parlamentar de cujas intervenções (com entusiasmo muitas vezes incontrolado, um fulgor verbal que muitas vezes se excede, uma mobilidade que muitas vezes se arrisca, uma lucidez que por vezes corre o risco de se perder em impaciência e nervos) se começa a construir uma imagem que talvez seja a melhor que do P.S. se pode ter.

M.R.

A viagem de Costa Gomes

TITO É PARTICULARMENTE SENSÍVEL A ANGOLA

BELGRADO, 24 (Por Ribeiro Cardoso, nosso enviado especial) — Esta manhã, cerca das 10 e 30, Costa Gomes deslocou-se ao Parque da Amizade, nos arredores de Belgrado, onde plantou a «Árvore da Paz». Este acto, a que assistiu o marechal Tito, simbolizou a grande preocupação dos dirigentes da Jugoslávia e Portugal no sentido do desanuviamento das relações internacionais, consideradas pelos dois presidentes como *«muito difíceis e complexas»*.

Por outro lado, a descolonização levada a efeito por Portugal, com relevo para os problemas que se levantam em Angola, foi o tema dominante do encontro de ontem, entre o marechal Tito e o general Costa Gomes (esta tarde será retomado) repetindo-se, assim, o que já havia acontecido com o presidente Leone (da Itália) e o Papa Paulo VI.

Tito, que se mostrou muito bem informado sobre o que se passa em Angola, foi particularmente sensível a esta questão, e quis saber alguns aspectos particulares das dificuldades que Portugal aí tem encontrado.

Segundo Melo Antunes, que no fim do encontro se reuniu com os jornalistas portugueses que aqui se encontram o velho marechal não fez qualquer juízo de valor, nem tomou posição a favor ou contra qualquer dos três movimentos, limitando-se a constatar as dificuldades que encontramos.

Ainda segundo o major Melo Antunes, em resposta a um jornalista, o marechal Tito mantém muito boas relações com o M. P. L. A. e com o seu presidente Agostinho Neto. *«É possível que venha a discutir com ele a questão angolana, a título pessoal e utilizando, naturalmente, o seu grande prestígio»*.

Os dois presidentes discutiram, ainda, em pormenor, a situação interna dos respectivos países, com relevo para o que se passa em Portugal. De resto, estes dois pontos — a descolonização e a situação interna — bem como a política de não-alinhamento que a Jugoslávia segue e Portugal quer imitar, foram largamente contemplados nos discursos de ambos os presidentes, no final do jantar de ontem, que Tito ofereceu na sua residência oficial (e cujas partes fundamentais publicamos em outro local desta edição do «DL»).

ACORDO CULTURAL ASSINADO HOJE

Esta tarde, Melo Antunes e o seu homólogo Milos Minic, vão assinar um acordo de cooperação cultural entre os dois países. Essa assinatura deve surgir no final de um encontro em que serão debatidos os grandes problemas da actualidade (no dizer de Melo Antunes). A Conferência de Helsínquia, as suas consequências e os mecanismos que deverão ser montados nos próximos tempos para se conseguir tirar o máximo proveito das conclusões aí registadas, serão o «prato forte» deste encontro, que incluirá (também) a análise de questões relativas ao Mediterrâneo, focando (como é óbvio) a situação de Espanha e a sucessão de Franco, factos que preocupam os governantes de Portugal e da Jugoslávia.

As relações com os países do Terceiro Mundo e a política

de não-alinhamento (como a Jugoslávia a vê) enquadrada numa estratégia global dos países que querem escapar à influência das grandes potências (como é o caso de Portugal) serão, ainda, temas que fazem, realmente, também parte da agenda. Mas, não ficarão por aqui os responsáveis pelos Negócios Estrangeiros, pois discutirão a cooperação bilateral entre os dois países, nos domínios científico, técnico e económico (sendo muito boas as perspectivas neste último caso).

RECEBER COM IMPONÊNCIA

Quando chegámos ontem, às 11 horas, ao aeroporto de Belgrado, estava a chover. Não havia guarda de honra e tudo foi rápido e simples: a comiti-

peração entre as duas nações e povos, e exprimir a vontade do Povo Português de uma mais estreita aproximação».

O Presidente da República Portuguesa, afirmou, também no seu discurso, que tinha a consciência de que o marechal Tito era um dos mais destacados «leaders» dos tempos modernos.

A Jugoslávia foi durante muito tempo o único país europeu a procurar uma terceira via no seu relacionamento internacional, dando forma a uma abertura decisiva do Terceiro Mundo — declarou adiantando que «o Povo português acompanhou a implantação da revolução socialista jugoslava».

Costa Gomes referiu seguidamente a descolonização portuguesa, que deu origem já a quatro nações com as quais Portugal mantém as relações mais amistosas.

A ACTIVIDADE DOS CONSELHEIROS

Pezarat Correia e Sousa e Castro, que são acompanhados pelas respectivas esposas, não tem perdido tempo. Hoje vão encontrar-se com o ministro da Defesa da Jugoslávia — um civil que encara os militares meramente como técnicos. Ontem tiveram vários encontros informais com diversas personalidades militares, e segundo me revelou o capitão Castro, na Jugoslávia há dois Exércitos paralelos — o Exército regular, bem equi-

pado e bem treinado, e as milícias populares que organizadas em bairros e fábricas, podem constituir-se em força armada com um efectivo de um milhão e duzentas mil pessoas.

Pezarat e Castro que prometeram contar mais pormenores hoje, mostraram-se muito entusiasmados com o sistema de que a Jugoslávia se orgulha de ser a pioneira — a autogestão.

Na sua intervenção o Chefe do Estado Português frisou, ainda, que Portugal deseja ampliar os laços com a C. E. E.

PLENO APOIO AO PORTUGAL DE HOJE

As mudanças profundas do vosso País merecem o pleno apoio da comunidade internacional porque o Portugal democrático de hoje representa — não só por ele mas ainda pela política de progresso que está a seguir — uma contribuição importante para o desanuviamento das relações internacionais — afirmou o marechal Tito, no decurso de um jantar oferecido ontem, em honra do presidente Costa Gomes.

No seu discurso, o presidente Tito frisou também o apoio da Jugoslávia aos esforços feitos pelo Governo Português com vista à proclamação da independência de Angola na data fixada, tanto mais — disse que nos sentimos profundamente preocupados com os acontecimentos que se estão a desenrolar naquele território em vésperas de independência e que ameaçam transformar Angola em campo de conflitos internos e internacionais».

O presidente do Estado jugoslavo fez votos para que o povo de Angola ultrapasse os atritos existentes e não permita qualquer ingerência externa.

O marechal Tito, mais adiante, referiu o sistema social jugoslavo e a opção pela política de não-alinhamento, que considerou possível graças à união dos trabalhadores que souberam compreender o que é essencial para o progresso da comunidade.

PORTUGAL QUER APROXIMAR-SE DA JUGOSLÁVIA

O general Costa Gomes, discursando no jantar oferecido em sua homenagem pelo presidente Tito, afirmou que o objectivo primordial da sua visita à Jugoslávia era «intensificar as relações de amizade e coo-

post scriptum

Incompetência dos «modestos juristas»

Durante os Governos de Salazar e Caetano, salvo raríssimas excepções, os diferentes ministérios foram dirigidos por indivíduos de formação jurídica.

O jurista tanto servia para dirigir o Ministério da Justiça, como o da Saúde ou das Finanças, da Economia ou do Trabalho, da Defesa ou outro qualquer!

Infelizmente, existia sempre um jurista disposto a ocupar uma pasta ministerial, para a qual não possuía, claro, a necessária competência.

O resultado da acção desses polivalentes ministros juristas-governantes, foi a trágica situação de subdesenvolvimento económico, social e moral em que se encontra o nosso país e que esteve na base do glorioso 25 de Abril.

Legítimo será, no entanto, acrescentar que nem todos os juristas aceitavam ou seriam capazes de aceitar a chefia de determinado Ministério, para cuja função não possuíam os necessários conhecimentos científicos e técnicos.

Cremos até que estes constituíam a grande maioria, pois que, felizmente, sempre existiram muitíssimos juristas profissionalmente honestos. E por isso mesmo é que os juristas-governantes dos «reinos» de Salazar-Caetano eram normalmente os mesmos, correspondendo às remodelações ministeriais apenas a troca de pastas pelos diferentes ministros.

(...) Ao comparar a composição destes governos com o VI Governo, afigura-se-me haver entre eles uma semelhança profunda, que, por isso, não pode deixar de ser preocupante. (...)

É jurista o ministro das Finanças; é-o também o do Comércio Interno; e ainda o do Comércio Externo, além de outros que o País conhece.

Estão assim a ser entregues a modestos juristas os destinos da economia nacional, o que considero grave (...)

Gomes Alexandre — Lisboa

Costumes demasiado brandos

A «brandura dos costumes» vai longe de mais em Portugal. Que raio de Revolução é esta, em que se admitem por toda a parte as inscrições reacconárias que as pessoas lêem com um sorriso nos lábios? Os comboios da linha de Sintra são um exemplo flagrante do que digo: há dias apareceram inscrições da F.L.A., defendendo a «independência dos Açores». Com a mesma letra e a mesma tinta, bem junto das outras, aparecia esta: «O VII Governo será de angolanos».

Já nem falo de «Morte aos comunistas», «Morte a Álvaro Cunhal» e da verborreia «merrepumpista» que assaltaram os comboios logo a 26 de Abril.

Quanto à vila de Sintra, propriamente dita, também está optimamente servida de reacconários. Durante dias e dias, vi na esplanada de um café da Estefânia, escrita em todas as cadeiras, a sigla sinistra do ELP. E toda a gente passava por ali, indiferente. Ninguém se lembrou de as ir apagar. Nem eu própria. Que sou progressista, mas que também me deixo ir nesta brandura de costumes.

Maria José de Sousa — Sintra

O crítico arguto e inteligente

Não me escapam no «post scriptum» de José Campos, de Aveiro, no «DL» de 18 passado, os remosques que além de provocatórios, à mistura do elogio da linha de esquerda do «DL» são a expressão exacta do estado de espírito de pessoas frustradas em relação ao tempo e a si próprias.

Que o Lauro António seja um mau crítico de cinema, não sei (...); mas, quanto ao Mário Castrim, posso dizer que se trata de um crítico competente, arguto e inteligente. Razão: eu vejo um programa de T. V. medito nele e fico na expectativa de querer conhecer as opiniões do crítico do «DL». Sucede, regra geral, ir encontrar a observação lúcida a crítica pertinente. Mais do que isso: deparo mesmo com o escrito explicativo de algumas dúvidas que possam ter ficado a pairar no espírito. Direi ainda que a crítica de Mário Castrim tem, para mim, o sabor do reconfortante apoio para uma maneira de estar que me parece ser a mais justa. Aliás, igual sensação devem sentir muitos outros leitores que, no «DL» procuram avidamente a secção do crítico que o sr. Campos tão mal tratou (...)

Maria da Figueira — Figueira da Foz

O milhão de contos do ministro Magalhães Mota

No último domingo, no programa que substitui o «Teleforum», foi dito pelo sr. ministro Magalhães Mota, entre muitas outras coisas, que o povo português teria que pagar um milhão de contos à CUF e suas associadas pelo desconto de 30% no preço dos adubos. Como acho que isso é mentira, gostaria de perguntar o seguinte ao sr. ministro:

- 1.º — Se não são os agricultores os mais beneficiados pelos descontos nos adubos?
- 2.º — Se um milhão de contos que não entram nos cofres da CUF, não ficam nos bolsos dos agricultores, sendo, por este meio, um investimento num sector da produção que tem sido até aqui completamente abandonado?
- 3.º — Se a maioria do povo português não vive da agricultura?
- 4.º — Se o aumento da produção agrícola não se irá reflectir numa diminuição das importações dos produtos agrícolas e por isso numa menor saída de divisas para o estrangeiro?
- 5.º — Se não se pode arranjar um milhão de contos proibindo a importação de carros de luxo e outros bens não essenciais?
- 6.º — Quais os países sociais-democratas em que houve reforma agrária com entrega da terra a quem trabalha?

Franquelim dos Santos Castanheira — Carcavelos

A SOCIAL-DEMOCRACIA E A INFORMAÇÃO

PEDRO FERREIRA

Um dos argumentos mais repetidos pelas forças conservadoras é o de que os jornais nacionalizados são pagos pelo povo. Que estes dão prejuízo. Que os potenciais leitores não compram porque não gostam da sua orientação. Depois a conclusão: há que mudar a orientação, há que apoiar o VI Governo Provisório se querem que este lhes pague....

Com maiores ou menores subtilidades estes têm sido os argumentos dos actuais responsáveis pelo M. C. S.

As tentativas de «manipulação» da Informação por parte do M. C. S. servindo-se para tal da «chantagem» económica e financeira é em tudo igual, aos métodos utilizados pelos grupos monopolistas no tempo do fascismo. É a censura indirecta muito utilizada em países sociais-democratas de «democracia burguesa».

Não se deverá estranhar por isso, que o M. C. S. se enfade tão porfiadamente contra jornais progressistas e se «cale» sobre jornais de marcado cunho divisionista e reacconário como é o caso de certos jornais do Porto, de outros semanários e órgãos regionais.

Não vejamos os tais argu-

mentos de «fundo». Em primeiro lugar é necessário alertar a opinião pública sobre as falsas análises económicas.

Quando se tem abordado este problema nunca se têm dado elementos sobre a situação económica e financeira das empresas jornalísticas antes do 25 de Abril que já eram deficitárias, nem sobre os aumentos de custos que se seguiram.

O problema é somente posto em termos de oferta «tiragem» e procura «devoluções».

Cabe aqui recordar que a corrida aos órgãos de Informação pelo capital financeiro, nos últimos anos do fascismo, não decorreu da lucratividade ou rentabilidade futura das empresas, suas necessidades de combate ideológico por parte do capital e das possibilidades oferecidas na criação de uma certa imagem na opinião pública do respectivo grupo monopolista, bem como na pressão que estes podiam exercer ao nível do aparelho de Estado e quando da distribuição de diversos «nacos» da economia portuguesa.

Por isso não se percebe bem como é que estas empresas tendo graves dificuldades di-

nanceiras no passado as deveriam resolver agora que o capital multiplicou os jornais de versão ideológica.

Um outro aspecto é o financiamento. E sobre este tema faremos as seguintes perguntas:

Os órgãos ditos independentes não são financiados pelo trabalho do povo através da mais-valia que lhe é arrancada pelos grupos capitalistas que procuram assim, através da propaganda, perpetuar o sistema e os mecanismos de exploração do homem pelo homem? A origem do financiamento será diferente nos jornais nacionalizados e nos jornais «privados»? Não seria este também, em última análise, do povo trabalhador? No caso concreto estes órgãos não são financiados pela banca nacionalizada portanto também pelo Estado? Que diferença é que há?

Os jornais privados não são financiados pelos capitalistas? E estes por sua vez onde arranjam o dinheiro, senão na banca, ou nas suas empresas privadas, através do mecanismo de exploração?

A C. I. P., por exemplo, quando financia (mesmo que indirectamente) um novo jornal,

terá como objectivo satisfazer as necessidades de informação do povo trabalhador, será por amor aos lindos olhos dos portugueses?

De onde lhe vem o dinheiro? E será de estranhar também que as classes possidentes e dominantes, as únicas que tiveram acesso ao ensino e ganharam hábitos de leitura dirijam a sua escolha para os jornais que defendem os seus interesses de classe?

E se o Governo é um Governo revolucionário que quer marchar para o socialismo não deverá financiar órgãos revolucionários que defendem os interesses da classe trabalhadora? Acaso não é isso que faz (ou devia fazer) o M. C. S. em campanha de propaganda? E de onde vem o dinheiro para essas campanhas senão do trabalho do Povo Português?

Basta de perguntar. As respostas do M. C. S. já as conhecemos pela sua actuação prática. Os actuais responsáveis já mostraram há muito a sua orientação de classe. No entanto veremos quem ditará a política de informação, se o povo trabalhador ou a burguesia! A ver vamos como dizia o velho!

PAQUISTÃO: A OBCESSÃO DA UNIDADE

1-OS ADUANEIROS DO PENDJAB

JEAN DE LA GUÉRIÈRE

LAHORE — Vamos voar a uma altitude de 8000 metros e atingiremos Rawalpindi inch Allah às 10 horas, diz o comandante de bordo quando o avião das linhas paquistanesas levanta voo. Encontramo-nos esta tarde às 18 horas, inch Allah, responde um funcionário. É impossível ignorar que no país dos crentes tudo depende da graça de Deus. Alguns dias antes da sua visita oficial a França, Bhutto retirou-se para a sua aldeia natal a fim de assistir à celebração do Ramadan. No mesmo momento, em Lahore, cinquenta mil fiéis estavam reunidos para a oração de sexta-feira, no pátio da mesquita Badshahi, que é a maior do Mundo. No «hall» dos hotéis cheios de peregrinos que tinham vindo à metrópole religiosa do país, encontra-se sempre o retrato do fundador do Paquistão, Mohammed Ali Jinnah, que quis e obteve um «lar» para os muçulmanos do antigo império das Índias.

Em massa sob os minaretes cujos altifalantes difundem as súplicas à maior altura possível, os peregrinos nem sequer olham para o templo outrora frequentado pelos Sikhs, pequeno edifício de cúpula prateada. Essa comunidade, fundada no território do actual Paquistão, por um muçulmano convertido ao hinduísmo, no qual introduziu alguns traços da sua religião de origem, tem agora o seu centro espiritual na cidade de Amritsan, perto do Lahore mas na Índia. O Governo paquistanês acaba, no entanto, de autorizar os peregrinos sikhs a irem ao Lahore em Novembro, durante a festa do Guru Nanak. Chegarão da Índia, mas também dos Estados Unidos e do Kenya, para onde gente empreendedora emigrou em número bastante elevado. Os que chegarem da Índia passarão por Attari-Wa-

gha, única fronteira que se mantém aberta.

O tráfego marítimo recomeçou entre Bombaim e Karachi, mas não circula nenhum comboio entre as duas principais regiões do antigo império de Vitória. Para ir de um território para outro por via aérea, deve utilizar-se uma companhia estrangeira, visto nenhum avião da Air India ou das Pakistan International Airlines estar de momento autorizado a aterrar no país vizinho.

O porto de Attari-Wagha está silvado na estrada onde tanta gente foi massacrada em 1947, a meio caminho entre Amritsan e Lahore. Os camiões, que constituem a maioria dos veículos controlados aqui, podem passar a fronteira após longas formalidades, se não tiverem matriculas da Índia ou do Paquistão. Se pertencem a um ou a outro destes países, não podem passar por Attari (do lado indiano) nem por Wagha (do lado paquistanês). É então preciso descarregar as mercadorias que os «coolies» transportam às costas ao longo dos mil e tantos metros que separam os dois postos de controlo. Depois as mercadorias são carregadas para outros camiões.

De malas na mão, turistas, «hippies» e peregrinos, caminham também numa extraordinária coluna. Os táxis, que evidentemente não podem passar a linha de demarcação, esperam os passageiros em trânsito.

Alfandegários metódicos, sobretudo do lado indiano, examinam minuciosamente e em silêncio os papéis dos motoristas afeitos. Em Attari, os indianos da polícia fronteiriça lêem e recomparam os passaportes, sem omitir uma única página dos vistos, como se as pessoas capazes de se lançar em tal aventura tivessem necessa-

riamente algo a esconder.

O aspecto burlesco dessas formalidades é acentuado pelo facto de a paisagem ser a mesma de um e de outro lado da fronteira. É o Pendjab, «celeiro» do antigo império das Índias repartido entre os irmãos inimigos. As culturas são aí mais ricas do que em qualquer outro lado, apesar da canícula e dos búfalos mergulhados até ao pescoço nos canais de irrigação.

Os vestígios da presença britânica concorrem ainda para a unidade do local. Na primeira paragem, na estrada de Lahore, lavamos as mãos sob um retrato de Jinnah, mas o lavabo foi fabricado (há muito tempo) pela sociedade John Tinson, Delhi, Simla. Nas messes de oficiais, no centro dos campos militares — numerosos de ambos os lados da fronteira — continua a sentir-se planar o aborrecimento supremamente distinto dos antigos ocupantes de bigode ruivo. Mas um estranho monumento em forma de bala de metralhadora, apontada para o céu, foi erigido em Lahore em Setembro de 1965: o Memorial dos primeiros mártires do conflito indo-paquistanês.

DIFÍCIL NORMALIZAÇÃO COM A ÍNDIA

Desde o acordo de Simla, que a 2 de Julho de 1972 consagrou a reconciliação entre Islamabad e Nova Deli, (após o conflito do Bangladesh, em Dezembro de 1971), a normalização só se faz muito lentamente. A Índia e o Paquistão continuam a não ter relações diplomáticas, e os dois países confiam os seus interesses à Suíça que se encarrega das questões consulares.

Quando nos recebeu, Bhutto insistiu muito no seu desejo de negociações num quadro bilateral. Ele pensa que o recomeço das relações diplomáticas facilitaria o diálogo. Pelo contrário, a senhora Ghandi acha que a troca de embaixadores só deve dar-se após o apuramento do contencioso. No início do ano foi assinado um acordo comercial. Ele comporta a cláusula da nação mais favorecida, mas só se aplica a certos produtos: arroz, algodão, juta, chá, bens de equipamento, mineral de ferro. O Paquistão ainda não comprou nada à Índia desde a assinatura deste acordo. Nova Deli só encomendou até hoje 200 000 bolas de algodão.

A mútua hospitalidade dos dois países é visceral. Logo que aparece na imprensa internacional um artigo crítico acerca de um deles, os jornais do outro apressam-se a publicá-lo como documento imparcial. Todas as notícias, mesmo anodinas mas susceptíveis de dar uma ideia má do vizinho, são logo aproveitadas pelas agências de imprensa nacionais.

Embora o tom dos quotidianos oficiais seja agora mais moderado, a queda de Mujibur Rahman foi apresentada como um grave contratempo para a senhora Ghandi. Após o acordo de Simla, as tropas indianas e paquistanesas evacuaram as parcelas de território que ocupavam desde o conflito de 1971. Foi delimitada uma nova linha de cessar-fogo entre os dois países. Os prisioneiros de guerra paquistaneses foram depois progressivamente repatriados. Em Fevereiro de 1974, por altura da conferência islâmica de Lahore, Dacca renunciou a julgar os criminosos

Continua na pág. 15

Nacional

NA MADEIRA

AUTORIDADES AMEAÇAM COM PRISÃO O "PAI" DE UMA FOCA BEBÉ

Uma foca bebé, recentemente capturada, à mão, numa praia da ilha da Madeira, acaba de ser retirada ao seu captor, o jovem Adelino Belo Rodrigues, de 21 anos, casado e pai de um filho. Ele não se conforma. A pequena foca era alimentada pelo Adelino a biberão (de manhã) e com peixes que ele próprio pescava. Profundamente dedicada ao dono, a foca-bébé latia como um cachorro à sua chegada e gostava, como uma criança, de ser transportada às cavalitas. A separação de ambos, imposta pelas autoridades, teve algo de dramático. A ele, ameaçaram-no com a prisão.

Conforme noticiámos oportunamente, a foca fôra capturada no passado dia 13, eram 15 horas, quando o Adelino Belo Rodrigues nadava junto ao ilhéu de Santa Catarina, em Santa Cruz, próximo do aeroporto do Funchal. O captor trouxe-a para terra e meteu-a numa piscina particular, propriedade de Américo Durão. Ao cabo de quatro dias, as relações que se desenvolveram entre o jovem e o «bébé» eram motivo de conversas à boca pequena. Dizia-se que o Adelino



adoptara uma criança ou, noutra perspectiva, que andava apaixonado. De um momento para o ou-

tro, porém, apareceram lá na piscina dois cabos de mar, um marinheiro e um condutor. Eram da capitania do Funchal

e iam buscar a foca. «Recebemos ordens», disseram. O proprietário da piscina disse-lhes que só entregaria o animal na presença do seu tratador. Foram chamá-lo. Era o princípio do fim de uma amizade que cabos de mar, marinheiro e condutor não podiam entender.

Os latidos da foca-bébé, à chegada do dono, tornaram as coisas mais difíceis. O Adelino resistiu. Mas a ameaça de prisão fê-lo reconsiderar.

Agora, ele conta que «se eu não tivesse mulher e um filho, isto não ficava assim...».

Entretanto, o jovem é presa de uma angústia feita de desespero. Os agentes da autoridade disseram-lhe que a foca iria para um lugar público, onde toda a gente a pudesse ver. Mas isso ainda não aconteceu e, no fundo, ele não gostará de a ver exposta à curiosidade de cada um.

Os amigos mais próximos, incapazes de gozar com o amor ternurento que ligava os dois, escutam com toda a atenção os desabafos do Adelino: «Se eu adivinhasse, tinha-a levado para a ilha deserta (habitat natural) e de vez em quando ia vê-la...».

Rectângulos



Maria Judite de Carvalho

CHILES

Mulheres gordas, de aparência modesta, despenteadas e despintadas, ainda novas, muitíssimo murmuradoras. Murmuravam gritando, se me faço entender. O género de murmúrio que chama a atenção dos outros, que não podem, por mais que queiram, manter-se desalentados, ficar dentro das suas vidas, ali, com eles no autocarro. E-los pois prestando atenção, embora sem ouvir mais do que aquele bichanar constante, veloz ainda por cima, ora uma ora outra, às vezes as duas ao mesmo tempo. De via ser interessantíssimo o que diziam porque não havia uma só quebra, um só espaço em branco. Pelo contrário. Se mais tempo houvesse naquele tempo de autocarro, mais elas murmurariam coisas decerto apaixonantes.

E, de súbito, o bichanar cresceu, foi voz com palavras, e uma delas, das mulheres, disse:

«Vai dar ao Chile. Podes crer. Vai dar ao Chile.»

Quem viajava no banco atrás delas sentiu um arrepio e logo a seguir pensou que eram duas mulheres gordas e murmuradoras e também incrédulas ou receosas. Mas Portugal não será o Chile da Europa, sentiu-se pensar. O condutor, porém, passou nessa altura e a mulher que ia sentada do lado de fora perguntou:

«Não é verdade que este carro vai dar ao Chile?»

O homem respondeu que sim senhora, que passava por lá, e ela olhou para a companheira com um olhar pesado de censuras, na voz, ainda alta, nem é bom falar:

«Há meia hora que venho a dizer-te. Sei perfeitamente. Sempre és mais teimosal!»

A outra encaixou. Até ao Chile-praça, onde se apearam, não disseram mais nada.

"SEM EXCLUIR PROCEDIMENTO JUDICIAL"

ADVOGADOS DOS DETIDOS DA U.D.P. PEDEM SATISFAÇÕES AO GOVERNO

Os advogados dos militantes da U.D.P. que se encontram detidos desde a madrugada da morte do militante do M.R.P.P., Alexandrino de Sousa, enviaram ao Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo, uma exposição protestando contra a utilização da expressão «assassinato a frio por afogamento», num comunicado recentemente emitido pelo Conselho de Ministros e a que os meios de comunicação deram a divulgação necessária. «Para os signatários, o que a expressão «assassinato a frio dos senhores ministros, que ousam interferir no poder judicial e qualificar factos que estão sujeitos a investigação através de um processo na fase de instrução preparatória na Polícia Judiciária».

A exposição é subscrita pelos drs. J.A. Pires de Lima e José Augusto Rocha. Como se sabe, os militantes da U.D.P. detidos são Rui Paisano, Luís Pereira, Valdemar Madeira e Manuel Condeço. Versão dos advogados acerca dos acontecimentos que envolveram os seus constituídos: «Na madrugada do dia 9 de Outubro corrente, ocorreu no cais do Terreiro do Paço um conflito entre elementos de grupos políticos que envolveu algumas dezenas de indivíduos e se traduziu em verdadeira «guerra de cartas». No decorrer da contenda, alguns indivíduos caíram ao rio e um deles, por não saber nadar e pela confusão no momento gerada, pereceu afogado. Os constituintes dos advogados signatários que integravam um

dos grupos políticos em conflito viram-se «escolhidos» entre várias dezenas de indivíduos dispersos pelo Terreiro do Paço por uma brigada policial e foram detidos algum tempo após o lamentável incidente de que resultou a morte de um cidadão. Entregues à Polícia Judiciária, nem sequer tinham prestado as primeiras declarações quando o Conselho de Ministros fez publicar um comunicado na Imprensa qualificando o facto como «assassinato a frio por afogamento».

Referindo a designação usada pelo Conselho de Ministros, acrescentam os advogados na sua exposição: «A conduta do Governo é tanto mais insólita quanto é certo que contraria a doutrina emanada recentemente da Procuradoria-Geral

da República, e manifestada à Nação por V. Ex.ª há dias, no sentido de dever garantir-se a dignidade e independência da Justiça. O Conselho de Ministros arredou a possibilidade de se estar perante um acidente lamentável, ou sequer de um homicídio culposo, e qualificando o facto como homicídio voluntário, como crime intencional, deu uma verdadeira «Ordem de Serviço» ao poder judiciário». E lembram: «Assim sucedia noutros tempos com a ex-Pide/D.G.S., quando prendia militantes antifascistas».

Dirigindo-se ao Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo, escrevem Pires de Lima e José Augusto Rocha: «Sem excluir o oportuno procedimento criminal contra os membros do Governo a que V. Ex.ª preside por abuso de liberdade de Imprensa, os signatários exigem que o Conselho de Ministros venha publicamente esclarecer que se precipitou ao usar a expressão «Assassinato a frio por afogamento» e que garante aos instrutores do processo e aos juizes a liberdade e independência na averiguação dos factos e nas decisões a tomar».

PORTUGUÊS PARA FILHOS DE EMIGRANTES

Através da Portaria 616/75, vinda a lume no «Diário do Governo» de 23 do corrente, e nos termos do Art.º 1.º do Decreto-Lei 48944, de 28 de Março de 1969, o Governo preconiza a criação de 103 cursos de português em 73 localidades francesas das áreas consulares de Nogent-sur-Marne, Lille e Lião. A portaria é dimanada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, com a data de 8 do corrente.

A PRISÃO (NO BRASIL) DE MIGUEL RODRIGUES

Cresce o movimento de repúdio pela prisão, no Brasil, de Miguel Rodrigues, filho de Miguel Urbano Rodrigues, na sequência da onda de repressão que nesse país se faz sentir contra figuras progressistas. Desta feita, é o Movimento Democrático de Mulheres (M.

D. M.) que toma posição, num telegrama enviado à Embaixada do Brasil, do seguinte teor:

«Movimento Democrático Mulheres profundamente indignado prisão jovem Miguel Trefaut Urbano Rodrigues pela polícia fascista brasileira, exige sua imediata libertação.»

Convenção de Oslo pode criar em Lisboa um Secretariado

Terminou a segunda reunião plenária da Comissão Executiva de Oslo, que durante três dias decorreu na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, tendo sido discutidos diversos pontos da Convenção, designadamente: quantidades significativas de não tóxicos, de poluentes que deixam vestígios, imersão de munições no mar, de detritos provenientes dos minerais, de detritos contendo organocloretos e incineração no mar. A escolha de Lisboa para a sua realização deveu-se ao facto de ter sido um português, o comandante José Cabido de Ataíde, delegado nacional da C. E. C. O., escolhido por unanimidade para vice-presidente da mesma Comissão, e que é o órgão operacional da Convenção de Oslo, a ele competindo a responsabilidade do controlo da poluição provocada

por vertimentos de detritos industriais por navios e aviões.

Ao fim da tarde de ontem, o comandante Cabido de Ataíde deu amplos esclarecimentos acerca dos trabalhos realizados pela Convenção, respeitantes a uma área de alto mar, a 150 milhas da costa e a uma não menos profundidade de 2000 metros, a que se vão seguir os da Convenção de Paris, estes relacionados com as áreas costeiras e os rios, os quais estão marcados para segunda, terça e quarta-feira da próxima semana, também na Gulbenkian. O comandante Cabido de Ataíde admitiu a hipótese de vir a criar-se um secretariado permanente no nosso país.

A Convenção de Oslo para o Alto Mar visa a defesa dos recursos marinhos, contra os efeitos nocivos da poluição.

SECRETARIA DOS RETORNADOS

Verificando-se a insuficiência dos meios de acção até agora adoptados, relativamente ao apoio a prestar aos retornados de Angola, considera o Governo oportuna a criação de uma Secretaria de Estado dos Retornados, a funcionar no âmbito do Ministério dos Assuntos Sociais. A criação desta

Secretaria de Estado surge através do Decreto-Lei 584-B/75, de 16 de Outubro último, publicado no «Diário do Governo» de 23 do corrente e cujo texto determina que o actual Instituto de Apoio aos Retornados fique reintegrado na Secretaria.

'ESTUDANTES RECUSAM HERMANO SARAIVA'

Do sr. dr. Fernando de Abranches-Ferrão recebemos a seguinte carta:

«O «Diário de Lisboa» (do dia 18) publica uma local, intitulada «Estudantes recusam Hermano Saraiva», na qual se reproduzem as seguintes afirmações constantes de um texto de alunas do Liceu Rainha D. Amélia: ter o dr. José Hermano Saraiva sido saneado, há um ano, pelos estudantes do Liceu Gil Vicente; ter sido reintegrado na carreira docente como novo professor de História do Liceu Rainha D. Amélia.

«São erradas ambas as afirmações. A minha posição de

advogado do dr. J. H. Saraiva no inquérito pendente da Comissão Ministerial de Saneamento e Reclassificação do Ministério da Educação permitiu-me o acesso às fontes e por isso posso assegurar-vos que estas afirmações são inexatas. Assim: não é verdade que os estudantes do Liceu Gil Vicente tivessem saneado o dr. J. H. Saraiva; pelo contrário, protestaram contra a sua suspensão, ordenada ao abrigo da lei, e recusaram-se a aceitar a professora que o foi substituir. Também não é verdade que tivesse sido reintegrado na carreira docente: foi apenas graduado em 1.º lugar no concurso aberto nos termos da lei vigente. A verdade é toda outra: continua suspenso até decisão no processo de inquérito (em que interviho como seu

advogado).

«A notícia revela que no texto das alunas do Liceu Rainha D. Amélia se classifica o dr. J. H. Saraiva de «agente fiel do fascismo e da sua política». E, em meu conceito, injusta e errada a classificação. Esquece-se que o dr. J. H. Saraiva é o autor do programa da TV «O Tempo e a Alma», que me permito classificar de antifascista. Esquece-se que foi esse programa a causa próxima do seu afastamento do tablado político de antes do «25 de Abril». Esquece-se, por último, que sendo o Brasil, actualmente, o regaço onde se acolhem os portugueses reaccionários, o dr. J. H. Saraiva, podendo ter ficado lá (a um ex-embaixador abrem-se todas as portas), voltou. E voltou para, aqui, sim, ficar.»

CIDADE MARGINAL

FALSO TENENTE PROVOCA RONDA MILITAR

Uma ronda da Polícia Militar deteve, num bar da Rua do Conde de Redondo, o desempregado Carlos Almeida, de 31 anos, natural de Viseu, que ali se fazia passar por tenente do Exército, procurando tirar partido dessa falsa condição. Ao sentir-se denunciado, Carlos Almeida entrou em luta aberta com um 1.º cabo daquela força, chamando-lhe incompetente e chegando mesmo a passar-lhe uma rasteira.

DECEPADO NA VIA FÉRREA

Perante o olhar estupefacto e horrorizado de algumas pessoas um homem aparentando cerca de 30 anos, estendeu-se na linha férrea que passa frente à Estação fluvial do Conde de Obidos e deixou que o comboio lhe separasse a cabeça do tronco. A Polícia Judiciária que tomou conta da ocorrência não conseguiu até agora proceder à sua identificação.

EMBUÇADOS RAPAM PASTORA

Três desconhecidos armados de pistolas e embuçados, assaltaram na sua residência, em Vendas do Alcaide, nas proximidades do Pinhal Novo, a pastora Maria de Jesus Freitas, de 40 anos, roubando-lhe cinquenta contos, provenientes de venda recente de alguns porcos. E antes de se afastarem do local raparam-lhe o cabelo à escovinha.

R.R. E CATÓLICOS

Conselho de Gerência reclama Universidade de Louvain adverte

Com data de 23 de Outubro, e sem qualquer assinatura, está a ser difundido um comunicado atribuído ao dito Conselho de Gerência da Rádio Renascença, que, afirmando interpretar «o sentimento de revolta e angústia que neste momento domina o povo português, e os católicos, em especial», protesta contra aquilo que chama de «assalto» aos emissores da Burca da R. R..

O comunicado «chama a atenção» para os seguintes pontos: «Mais do que o acto do rompimento dos selos, e assalto ao Centro Emissor, o que mais preocupa e impressiona é a desobediência e desafio lançado à Presidência da República e Chefe do Estado Maior-General das Forças Armadas, impunemente praticado por bandos de agitadores profissionais que nada mais representam do que a si próprios.»

Os pontos seguintes para os quais o comunicado «chama a atenção» dizem que «este acontecimento leva os portugueses a interrogar-se e a perguntar aos responsáveis pelo actual processo revolucionário português, qual o caminho para onde estão a ser conduzidos e o que os espera, ante a escalada de minorias dominadas por ideologias já repudiadas pelo País» e perguntam se a desselagem da Renascença tem algo a ver com a visita do general Costa Gomes ao Vaticano, se pretende ofender a Igreja e os católicos ou se é uma manobra contra o VI Governo para «fazer mergulhar o País na anarquia e no caos».

Entretanto... Da Universidade Católica de Louvain (Bélgica), chega também um documento, que além da data, traz a assinatura dos professores François Houtart, Georges Casalis, Xavier Aubert, Robert Leroy, Jacques Thisse, Enrico Carontini, Nicolas Rouché, Robert Cobbaut e de mais 207 membros docentes, investigadores e técnicos. Apesar de não tratar especificamente do «caso Renascença», fala na Igreja e nos católicos portugueses.

Diz o documento: «De alguns meses a esta parte, observa-se em Portugal o desenrolar de uma manobra que lembra tragicamente o conjunto de factos que precederam a queda do regime democrático chileno, há já dois anos, seguida de brutal repressão. Acumulam-se os boicotes económicos por parte de países estrangeiros, a sabotagem interna, o reaparecimento de organizações de extrema-direita a desestabilização política. No momento em que as forças mais antidemocráticas concretizam desta forma as suas ameaças de golpe de Estado contra a democracia portuguesa, e lembrando-nos da tragédia chilena, os abaixo assinados, membros da Universidade Católica de Louvain, julgamos não lhes ser possível calarem-se por mais tempo perante a atitude equivocada das autoridades da Igreja Católica Portuguesa».

Em seguida, o documento lembra que durante 48 anos as hierarquias católicas de Portugal apoiaram o regime fascista, nunca se inquietando com a ausência total de liberdade no País com raras excepções e que agora, coincidindo com o esforço de desenvolvimento de uma via democrática e de justiça social, a mesma hierarquia «denuncia» hipotéticas ameaças contra as liberdades.

E continua: «Por outro lado, nós verificamos que o sentimento religioso de numerosos portugueses está hoje a ser utilizado para objectivos antidemocráticos. E a atitude equivocada dos responsáveis pela condução da Igreja Católica permitiu que certas manifestações religiosas fossem manipuladas, não uma, mas muitas vezes, por grupos fascistas que, aproveitando-se da credulidade de parte do povo português, provocaram distúrbios e pilhagens, conduzindo o País à beira da guerra civil. Nós pedimos aos bispos e a todos os responsáveis da Igreja portuguesa que ponham cobro a esta manipulação grosseira das convicções religiosas.»

TESTEMUNHA DIZ DE VALADÃO "É UM MEDIÓCRE"

«Indivíduo medíocre, pouco inteligente e alvo de instrumentalização dos órgãos de poder do antigo regime», eis como Ramiro Valadão foi definido pelo dr. Armando Nogueira, citado como testemunha de acusação e que foi o técnico contratado pela televisão depois do 25 de Abril, para fazer a peritagem das contas, durante a terceira audiência deste importante processo que voltou ontem a encher a sala do 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, sob a presidência do corregedor dr. Tavares dos Santos.

O prof. Armando Nogueira, instado pelos juizes ou pelo advogado de acusação particular, dr. Leonardo Ribeiro de Almeida, ou ainda pelo Ministério Público, dr. Adelino Gonçalves, explicou a forma como procedeu à peritagem das contas, exaustiva mas sob pressão do tempo: o critério usado para distinguir as despesas oficiais com as particulares; e todo um complexo processo de trabalho, considerando, a propósito, que a posição dos outros administradores e do conselho fiscal era extremamente delicada e que, em sua opinião, deviam ter pedido a demissão, já que a actuação do réu não lhes terá passado despercebida, havendo, pois, da sua parte, uma negligência grave.

O julgamento prossegue esta tarde.

CONTRATO É QUESTÃO

Gráficos discordam dos trabalhadores da Previdência

O Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes contesta, sob a forma de comunicado, as exigências que considera «irresponsáveis e ridículas» e que os trabalhadores da Previdência pretendem negociar no seu novo contrato.

O documento refere que «se chega ao descaramento do mesmo não conter quaisquer deveres por parte dos funcionários administrativos da Previdência», e que os sindicatos que fazem parte da comissão negociadora acusam o actual «Governo de direita» mas não hesitam em negociar «um contrato com esse mesmo Governo».

O texto pergunta ainda: «Quem deu poderes ao Ministério dos Assuntos Sociais pa-

ra dispor do fruto do suor derramado pelos trabalhadores-beneficiários?», antes de assinalar que os trabalhadores-beneficiários «não estão dispostos a ser duplamente explorados para satisfazer os luxos e os maus hábitos herdados do fascismo», que os trabalhadores da Previdência «nunca levantaram a voz contra a delapidação que os fascistas faziam do dinheiro com que os beneficiários enchiam os cofres da Previdência».

Salienta, por último, que no «momento grave que a Previdência atravessa, o novo contrato dos funcionários administrativos, a ser aceite na totalidade, acarretará às Caixas de Previdência um encargo ruinoso à volta de dois milhões de contos anuais».



Ora diga-nos

FRANCO VIVO? FRANCO MORTO!

Mais uma vez se volta a falar na morte de Franco. Depois dos cinco recentes fuzilados pelo regime franquista, cuja vida poderia ter sido salva se a clemência do ditador actuasse, a sobrevivência do «caudillo» espanhol não é desejada por nenhum antifascista. Por ninguém. A sobrevivência política, digamos, na medida em que Franco, o último ditador da Europa, encarna um regime que nenhum homem de boa-fé pode desejar.

«Acho que o desaparecimento de Franco seria positivo, na medida em que as pessoas hoje já estão mais politizadas e não estão interessadas em viver em regimes como o dele. Penso que esse homem não está cá a fazer nada» — respondeu Maria José, funcionária pública.

«Por aquilo que oigo talvez fosse bom esse homem desaparecer. As coisas que ele tem feito, os fuzilamentos daqueles jovens, enfim, por tudo isso, e até pela idade, já cá não faz falta nenhuma» — assim respondeu o mecânico Raúl de Sousa.

«Acho que o desaparecimento dele seria absolutamente positivo — afirmou o industrial Luís Gama. — «Estou convencido que isso significaria uma abertura por parte dos espanhóis, que estão a ficar bloquea-



dos, o que não lhes interessa. Nós também estamos a ser bloqueados por eles e logo que Franco desaparecer tudo isso será diferente».

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR

AVISO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Por despacho do Secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica foram fixadas as seguintes normas adicionais relativas ao acesso, este ano lectivo, ao ensino superior:

- 1 — São admitidos à inscrição, este ano lectivo, nas escolas superiores, os estudantes que, tendo terminado o curso complementar do ensino secundário em 1975, satisfaçam a uma das seguintes condições:
 - a) Terham cumprido o serviço militar obrigatório.
 - b) Sejam estudantes trabalhadores com mais de três anos de exercício efectivo a tempo completo de uma profissão por conta de outrem.

A actividade profissional referida deve ser comprovada pela entidade patronal e pela Caixa de Previdência ou Sindicato.

- 2 — Os estudantes que terminaram o curso complementar do ensino secundário em 1974 e que em 1974/75 obtiveram aprovação em novas cadeiras nucleares podem, este ano lectivo, inscrever-se em cursos que correspondam a qualquer dos conjuntos das cadeiras que possuem.
- 3 — Para todas as escolas, em circular, foi enviada a indicação das habilitações complementares ou equivalentes, que a elas dão acesso.
- 4 — Os candidatos cuja inscrição só é possível a partir de agora, por força das disposições atrás referidas, podem, até ao dia 4 de Novembro, requerer a sua inscrição sem pagamento de multa, mesmo nas escolas onde os prazos de inscrição terminaram.

O SUBDIRECTOR-GERAL DO ENSINO SUPERIOR

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 • tel. 82 02 21/83 46 58

ALVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 • (Bentita) • tel. 70 69 74/5

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) • tel. 84 88 64/5

AULAS DE MANHÃ — TARDE — NOITE

- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR
- CURSO GERAL ADM. E COMÉRCIO
- CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

CURSOS INTENSIVOS P.º ADULTOS E

Agora, também, abertos aos ALUNOS MENORES

Nacional

DELEGAÇÃO DO C.M.P. CHEGA NO DOMINGO

É esperada no domingo, em Lisboa, uma delegação do Conselho Mundial da Paz, que aqui permanecerá até 2 de Novembro, a convite do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

A referida delegação trocará pontos de vista sobre o processo português com diversas individualidades políticas e militares, bem como com organizações operárias e camponesas. Na próxima terça-feira estará presente num comício a realizar no Teatro S. Luís, às 21.30.

Esta visita insere-se na tradicional solidariedade do C.M.P. para com as forças progressistas e da Paz portuguesas, reafirmada durante a Semana Mundial de Solidariedade com Portugal e nas recentes Declarações de Berlim, Estocolmo e Bissau.

Integram a delegação individualidades de diferentes países e sectores da opinião pública internacional, sendo esperados representantes do Vietname, Chile, República Popular do Congo, França, União Soviética e Países Árabes.



"VASCO, CORVACHO, QUINTA DIVISÃO!"

LISBOA, 24 (ANOP) — Realiza-se amanhã em Grândola, uma manifestação de apoio ao Poder Popular.

Esta manifestação esteve marcada para o passado sábado, mas foi adiada devido ao falecimento de um médico daquela localidade. A manifestação, que parte às 17.30 da Praça da República, é convocada por Comissões de Moradores da zona urbana, Comissões de Freguesia, Comissões de Aldeia, Comissões de Trabalhadores, cooperativas

agrícolas, delegações sindicais, Liga de Pequenos e Médios Agricultores e colectividades.

As organizações promotoras da manifestação apontam as seguintes palavras de ordem: «Avançar, avançar, poder popular», «Reforma agrária, a terra a quem a trabalha», «A classe operária, está com a reforma agrária», «Nacionalizações ao serviço do Povo», «P.D. fora do Governo», «Reaccionários fora dos quartéis, já!», «Sim ao saneamento da reacção», «Saneamento à esquerda não», «Soldados marinhos, sempre ao lado do Povo», «Aprvação e aplicação das leis do V Governo», «Militares da esquerda no Conselho da Revolução» e «Vasco, Corvacho, Quinta Divisão, voltarão».

APOIO À REFORMA AGRÁRIA

OPERÁRIOS E INTELLECTUAIS MOVEM CAMPANHA INTERNACIONAL

A Reforma Agrária foi tema de uma conferência de Imprensa no Sindicato dos Rodoviários. Quatro horas de diálogo marcado por intervenções significativas de pessoas empenhadas no processo da entrega da terra a quem a trabalha. Esta iniciativa partiu da Comissão Revolucionária de Apoio à Reforma Agrária (C. R. A. R. A.), organismo que integra representantes de vários sindicatos, comissões de moradores, comissões de trabalhadores e outras estruturas de Poder Popular. Um dos objectivos imediatos dessa Comissão é uma campanha nacional de angariação de fundos para apoiar a luta dos trabalhadores do campo.

A mesa era constituída por Sequeira Branco, do Sindicato dos Rodoviários, Jerónimo Bom, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Santarém, Manuel Vicente, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora, Júlio Martins, da Comissão Técnica da Reforma Agrária, e Blasco Hugo Fernandes, delegado do Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais. A sessão iniciou-se com a breve introdução sobre a actividade da C. R. A. R. A. feita por Sequeira Branco.

Em seguida usou da palavra Blasco Hugo Fernandes que chamou a atenção para a importância da Reforma Agrária no processo revolucionário tendo em conta o peso da agricultura na vida da população activa e na economia nacional. Aquele técnico agrícola salientou a forma da concentração da propriedade nas mãos de uma minoria de privilegiados e como isso se reflectia na exploração dos assalariados rurais e do campesinato. Com base na análise desses elementos Blasco Hugo Fernandes demonstrou a inadequação de transformação sociopolítica da agricultura que não desse a terra a quem a trabalha. Portanto qualquer esquema que fugisse à liquidação dos latifúndios traduzia-se necessariamente na pre-

paração do terreno para o regresso do fascismo.

Blasco Fernandes focou ainda as diferentes formas de sabotagem económica nomeadamente o crédito e os restantes factores da produção relativos às herdades colectivas. Finalmente, na qualidade de representante do M. U. T. I. anunciou as medidas levadas a cabo pelos trabalhadores intelectuais no sentido de apoiarem os trabalhadores do campo. Medidas essas não só a nível interno como também no campo internacional.

A segunda intervenção coube a Júlio Martins que frisou os aspectos relacionados com as atitudes contra-revolucionárias postas em prática pelos grandes agrários que puseram em perigo a produção agrícola no nosso país; que deixaram os trabalhadores rurais semanas e semanas sem receber salários; que incendiaram as searas; que vendiam o gado fora de tempo; que paralisavam a comercialização dos produtos;

que não reparavam as máquinas.

Como contraponto a essa sabotagem desenvolvida pelos grandes agrários, Júlio Martins citou a resposta firme dos trabalhadores que começaram por controlar a produção nas zonas onde esses actos contra-revolucionários se praticavam. Perante a nova investida dos latifundiários que não cultivavam as terras e o perigo que disso traduzia para o País, Júlio Martins assinalou a decisão dos trabalhadores em ocuparem as terras e formarem unidades de produção. A consequência desse movimento está bem à vista: 800 mil hectares de terra repartidos em unidades colectivas.

Por fim falou Manuel Vicente, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do distrito de Évora, que destacou a luta dos sindicatos pela Reforma Agrária. Referiu-se depois à carência de técnicos, adubos, máquinas e outros meios que são imprescindíveis

para a produção. O dirigente sindical salientou a luta que os trabalhadores rurais, juntamente com os trabalhadores da metalúrgica, das empresas de adubos e pesticidas, empreenderam para garantir o fornecimento dos produtos às herdades colectivas.

Estava presente na conferência uma delegação dinamizada constituída por 20 pessoas que se encontram em Portugal para tomarem contacto com o processo revolucionário português. Respondendo ao apelo que lhes foi dirigido para definirem a sua solidariedade à luta do povo português, um dos membros da delegação exprimindo o sentir de todos os seus companheiros redigiu uma moção em que assegurava a realização de iniciativas de apoio à Reforma Agrária a levar a cabo no seu país assim como a luta através dos meios da informação contra a campanha de reacção internacional que se tem manifestado contra Portugal.

Quem vai comandar o Destacamento 25 de Abril?

PORTO, 24 (da nossa delegação) — Um dos oficiais indicados pelo general Fábão, durante a sua vinda ao Porto, para comandar o Destacamento 25 de Abril foi mandado apresentar, pouco depois, no Regimento de Infantaria do Porto, para onde lhe foi passada guia de marcha por ordem do brigadeiro Veloso, actual comandante da Região Militar do Norte. O general Fábão havia dado aquela indicação na última quinta-feira e a ordem de colocação no R. I. P. foi passada dois dias depois, sábado, portanto. O oficial em questão é o major Albuquerque, que prestava serviço no Quartel-General desde há muito, incluindo o período de comando do brigadeiro Corvacho. O ma-

jor Albuquerque, segundo indicação do general Fábão, seria o segundo comandante do novo destacamento militar. Como primeiro comandante foi na mesma altura indicado o nome do major Aragão.

A fonte a que nos reportamos para esta informação acrescenta que na opinião dos meios militares do Norte esta medida do brigadeiro Pires Veloso significa, na prática, um novo esforço para contrariar as ordens do general Fábão e as decisões acordadas durante a sua viagem ao Porto para encontrar uma plataforma de solução do problema C.I.A.P./R. A. S. P.

Recorde-se que o general Fábão declarou expressamente a sua intenção de criar no ex-C. I. C. A. P. uma unidade militar revolucionária continuadora da reputação que lhe adveio dos históricos acontecimentos da madrugada do dia 25 de Abril de 1974. O afastamento, desde já, do major Albuquerque, nome prestigioso do Movimento de 25 de Abril, significa, segundo a mesma fonte de informação, que as intenções do brigadeiro Veloso não farão do «destacamento» a unidade revolucionária de que falou o general Fábão.

Pelo que diz respeito ao R. A. S. P., os acontecimentos pa-

recem «evoluir» em sentido idêntico ao do ex-C. I. C. A. P. Assim, o tenente-coronel Tomás Ferreira (chefe do Estado-Maior da Região durante o comando do brigadeiro Corvacho) parecia indigitado, segundo círculos militares do Porto, para comandar o R. A. S. P. já que, durante a recente crise, foi utilizado pelo brigadeiro Pires Veloso como observador da situação, tendo permanecido, para o efeito, naquele quartel da Serra do Pilar.

Todavia, segundo a mesma fonte de informações, o tenente-coronel Tomás Ferreira não será o comandante da referida unidade.

Ainda quanto ao R. A. S. P., começam também a ser conhecidos pormenores sobre as medidas que estariam nos planos da Região Militar do Norte para resolver o conflito na fase mais acesa da luta quando as provocações se sucediam junto aos muros do quartel para forçar uma intervenção militar violenta. Assim, segundo uma fonte militar, existia no Q. G. um plano, elaborado por oficiais do quadro permanente, para assaltar e ocupar pela força o R. A. S. P., no dia seguinte às manifestações do P. S. e do Conselho Municipal, que tiveram lugar fez na sexta-feira oito dias.

Estranhos "exercícios"

Uma carrinha da P. S. P., transportando guardas armados de «G-3» e munidos de viseiras percorreu ontem algumas artérias do Porto, alarmando a população.

Interrogado sobre o significado de tão insólito passeio o comandante da P. S. P. informou tratar-se de exercícios destinados a ver quanto tempo demorava o pessoal a percorrer o caminho de uma esquadra a outra, acrescentando que era apenas «uma questão de rotina interna».

A explicação não deixa de ser estranha pois sempre julgávamos que o tempo de trajecto era o mesmo quer os policiais levassem armas ou não, e dependia essencialmente do condutor, das características da viatura e do trajecto escolhido. Provoca também interrogações na opinião pública sobre quem teria armado a P. S. P. com espingardas «G-3» e com que intenções, esquecendo que esta corporação, enquanto não for devidamente saneada, não poderá ser absolvida dos 48 anos de repressão fascista que o País suportou.

Instituto de Cereais paga a produtores

No Norte do País foi posto a circular o boato de que o Instituto dos Cereais não dispunha de verbas suficientes para pagar os respectivos complementos. Resultado: os pequenos produtores de trigo estão a fugir à entrega dos seus cereais aos celeiros daquele organismo estatal.

Como de facto isto não corresponde à verdade, o Instituto dos Cereais informa: **que todos os complementos autorizados por lei serão pagos.** Convém frisar que os pequenos produtores de trigo são aqueles que produzem menos de 20 toneladas, recebendo além do preço oficial do trigo, mais o complemento de 1540 por kilo. Consi-

deram-se médios produtores os que produzem entre 25 e 150 toneladas, recebendo o complemento de \$70. Quem produz mais de 150 toneladas pertence ao escalão do grande produtor.

Quanto ao centeio, segundo o Instituto de Cereais, os preços constantes da respectiva tabela (despacho de 27/7/75, publicada no «Diário do Governo» de 1/8/75) serão acrescidos do subsídio de 800 escudos por tonelada. A aveia e as cevadas continuam com os preços constantes da respectiva tabela publicada, igualmente no «Diário do Governo» acima referido.

ANÚNCIO

Os trabalhadores da Empresa Pública das Águas de Lisboa, tendo em consideração os direitos do povo consumidor que servem, deliberaram e propuseram à Comissão de Fiscalização da EPAL, que os departamentos de CONSUMIDORES (aceitação de contratos e de pedidos de serviço e prestação de informações) e COBRANÇA (pagamento de recibos de água e obras) funcionem sem interrupção dentro de um período julgado conveniente para os interesses da população.

Informa-se, portanto, que os referidos Serviços situados na Avenida da Liberdade, 22 e 26, funcionarão a partir da próxima 2.ª feira, 27 do corrente, das 9 às 16.30 horas.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo Domingo (dia 26) das 8 às 15 horas, nas seguintes localidades:

Camarte, Fetais, Quinta de S. Francisco, B.ª Angola e toda a linha de A. T. entre as localidades referidas.

Este corte de corrente afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 22 de Outubro de 1975.

O Engenheiro Director-Delegado

Casimiro Martins

OS S.U.V. MANIFESTAM-SE NO ENTRONCAMENTO

Alguns a uma boa centena de quilómetros de Lisboa, os S.U.V. deram ontem à noite uma conferência de Imprensa a alguns órgãos de informação. Rodeada de cuidados, em torno de uma mesa-redonda coberta por um pano vermelho, oito soldados com capuzes enterrados na cabeça anunciaram aos jornalistas a manifestação a realizar na próxima quarta-feira, dia 29, pelas 19 horas, no Entroncamento. Esta manifestação convocada pelo Secretariado Provisório do S.U.V. (R.M.C.) será organizada pelos S.U.V. das unidades mais próximas daquela vila ferroviária, nomeadamente as Comissões do S.U.V. da E.P.E.

(Tancos), R.I.A. (Abrantes), B.S.M. (Entroncamento), R.I.T. (Tomar), R.A.M. (Torres Novas), R.C.S.M. (Santa Margarida), B.A.3 (Tancos), entre outras.

Em comunicado lido antes do diálogo que se estabeleceu entre os S.U.V. ocultos num capuz vermelho e os jornalistas, foi realçado o avanço das estruturas organizativas, «o ascenso de mobilização e de justas lutas desencadeadas até agora na R.M.C.»

O comunicado, mais tarde distribuído aos jornalistas presentes, alarga a uma boa centena de quilómetros de Lisboa, ao tempo em que decorria a manifestação unitária nas ruas

da capital e o Conselho da Revolução estava reunido, informa ainda no seu texto, no que toca à próxima manifestação do Entroncamento: «Apelamos a todos os nossos camaradas da R.M.C., que continuem sem transportes gratuitos e com um pré de miséria (enquanto milhares e milhares de contos são gastos no A.M.I.) para, em massa, mostrarmos a nossa grande força nas ruas do Entroncamento».

Realçado o «impetuoso causal revolucionário que agora ressurge no nosso País», os S.U.V. apelam «para a ampla participação das massas trabalhadoras, nomeadamente os camaradas ferroviários do En-

troncamento, os operários agrícolas e camponeses do Ribatejo, e os operários industriais, para em íntimo estreitamento com as massas populares mais uma vez afirmarmos que os soldados nunca virarão as suas armas contra o nosso Povo, mas antes as porão ao serviço dos explorados».

OS S.U.V. RESPONDEM

O brigadeiro Charais foi tema. Figura em foco, para os S.U.V. «o nosso brigadeiro não está com o processo revolucionário». Legalização à vista dos S.U.V.? Para já nem sequer se admite a hipótese. «Não queremos ser controlados à semelhança do que acontece com as A.D.U.'s»

«No futuro seremos uma resposta à contra-revolução» proclamam os S.U.V. que como organismos de base estão espalhados por todas as unidades do País. «Vai sair talvez um manifesto dos S.U.V. a nível de todo o País», dizem-nos os elementos dos «Soldados Unidos Vencerão» presentes na conferência de Imprensa clandestina. Por outro lado, ficou bem explícito nas palavras daqueles soldados que «os S.U.V. não são uma alternativa ao M.F.A.»

A finalizar, já a hora ia tarde e os soldados do S.U.V. não podiam estar mais tempo conosco, foi-nos afirmado, à guisa de despedida: «Estamos muito atentos até ao 11 de Novembro. Uma solução política para Angola ir-se-á repercutir em Portugal».

S.U.V.'s E PRÓ-S.U.V.'s

Em relação às críticas que lhe foram apontadas por não ter aderido à manifestação de ontem, o Secretário Regional de Lisboa dos S.U.V. tomou posição, concretamente sobre uma conferência de imprensa dos «autodenominados núcleos S.U.V.» de unidades da R.M.L.

Antes do mais aquele Secretariado desconhece por completo a existência de qualquer estrutura intitulada núcleo pró-S.U.V.

Por outro lado os S.U.V. recusam a considerar a manifestação «unitária e apartidária», condições indispensáveis para lhe darem o seu apoio. Se palavras de ordem há que os S.U.V. consideram correctas, de outras desligam-se totalmente. Concretamente a palavra de ordem «Revolucionários para o Conselho da Revolução», considerada pelos S.U.V. como um factor de desarmamento, de desvio e de divisão do movimento popular de massas.

Neçada pelos S.U.V. a capacidade de o Conselho da Revolução poder ser uma «barreira contra o avanço da reacção e do fascismo» alertam a população e os soldados para as forças políticas que se tentam apropriar do seu prestígio como organismos de base entre os trabalhadores fardados, para manobras partidárias.

O apelo final (socorrendo-nos do comunicado do Secretariado Regional de Lisboa dos S.U.V.) pede o desmascaramento destas manobras e o isolamento dos seus autores, demarcando «a sua independência total em relação ao M.F.A. e à hierarquia militar». Em alternativa, apontam a sua actividade para constituição de Comissões de Soldados em todas as unidades militares, ligadas aos restantes órgãos de Poder Popular, pela constituição de Assembleias Populares.



O repórter de serviço

PEDRO ALVIM

A MAÇÃ

Um comboio de joelhos contra joelhos, ombro com ombro, de Sintra para Lisboa, de Lisboa para Sintra. Viajam pessoas que só de rosto se conhecem, que durante anos e anos nunca uma palavra trocaram entre si. Mas viajam também títulos de jornais, abertos como um abraço, exibindo toda a aventura que estamos a viver...

E porque as coisas são assim, nesta hora de ponta de nós todos, o diálogo que nunca existiu surge naturalmente, como principiado há já muito tempo.

Um já longo amor, um já consistente poder popular, impulsiona a locomotiva, as carruagens, corre e desce os vidros das janelas, e vai unindo, unindo cada vez mais as pessoas, vírgula a vírgula, ponto a ponto. Surge, de quando em quando, um ponto de interrogação nos olhos de quem se fita mutuamente.

«Direita?»
«Esquerda?»
«Direita?»

Mas o comboio segue sempre em frente, quilómetro após quilómetro, compacto como uma razão de aço — e, uma a uma, as interrogações vão-se desfazendo. Sucodem-se os dias, sucedem-se os meses, vai-se a paisagem lentamente modificando. Imperceptivelmente. Irreversivelmente. E, um dia, as pessoas desembarcam e optam pela saída da esquerda.

«Onde estamos?» — perguntam-se mutuamente.

Estão, sim, no mesmo país — mas vão modificá-lo, passá-lo de horizontal a vertical. De joelhos contra joelhos, ombro com ombro, de um ponto para outro ponto. Toda uma teia, segura e firme, isenta de aranha usurpadora — e plena de bons princípios, de regras exactas. Matemática como um fruto que a todos sirva e cujo caroço sirva de exemplo a outros povos. A maçã, enfim, da tentação — e a Eva revolucionária que procure Adão.

O R.A.S.P. tem novo comandante

Assumiram ontem as funções de comandante e segundo-comandante do R.A.S.P. os tenentes-coronéis Esteves e Tomás Ferreira, respectivamente. Este último já ali se encontrava há algum tempo, como observador por parte do Quartel-General, nos acontecimentos ocorridos naquela unidade. O tenente-coronel To-

más Ferreira ocupou o lugar de Chefe do Estado-Maior da Região Militar do Norte no tempo do brigadeiro Eurico Corvacho. Encontram-se também a prestar serviço no R. A. S. P. o major Castanheira que vinha exercendo interinamente o comando e o major Delgado da Fonseca que estava ligado anteriormente à dinamização so-

cio-cultural.

Segundo informação do Quartel-General, o tenente-coronel Esteves encontra-se a trabalhar no serviço de transporte em Lisboa e foi nomeado por escala, visto tratar-se do oficial mais antigo da arma que não exercia funções de comando.

Esclarecimento do Gabinete de Dinamização do Exército

Do Gabinete de Dinamização do Exército (E.M.E.) recebemos o seguinte comunicado, esclarecendo uma notícia do «DL»:

«Em relação a uma notícia publicada sob o título «A Homenagem e o General», na última coluna, da última página do jornal «Diário de Lisboa» de 22 de Outubro de 1975 e referida nomeadamente no jornal «O Século» do dia 23 de Outubro de 1975, os oficiais, sargentos e praças que prestam serviço no E.M.E. reuniram-se em plenário, durante o qual foi repudiado o conteúdo daquelas notícias, que consideraram inseridas num contexto mais amplo de acções, que visam denegrir o prestígio de um órgão militar que tem servido com rigor e dignidade, sob a direcção político-militar do

general C.E.M.E. e com isto a própria Revolução.

Sobre essas notícias prestam-se os seguintes esclarecimentos:

1. A homenagem de que foi alvo o general Octávio de Figueiredo partiu não da «finalidade do Estado-Maior do Exército», mas de 55 oficiais que, sob o seu comando, colaboraram intensamente na fase final da descolonização da Guiné, dos quais 27 não pertencem ao E.M.E.

2. Foi motivo de homenagem a recente promoção do general Octávio de Figueiredo ao actual posto.

3. Posto ao seu envolvimento no incidente diplomático em Macau, foi, como todos os seus actos anteriores ao 25 de Abril de 1974, objecto de rigorosa apreciação pelo órgão

competente do M.F.A., como sucedeu, aliás, a todos os oficiais-generais, tendo-lhe sido ratificada a confiança.

4. A referência de que o ex-general Spínola «o admirava pelas suas qualidades operacionais» não pode advir da sua missão de 2.º comandante da C.T.I./Guiné, uma vez que tal cargo não tinha carácter operacional mas apenas logístico.

5. Em 25 de Abril de 1974, o general Figueiredo, que se encontrava de licença em Portugal, não apresentou cumprimentos ao «chefe do monóculo», mas sim apresentou-se, como lhe competia, ao chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Costa Gomes, que lhe determinou o seu regresso à Guiné.

6. A quantidade e tipo de materiais pertencentes às Forças Armadas Portuguesas que da Guiné vieram para Portugal, foram-no em obediência a ordens emanadas pelo E.M.G.F.A.

7. E falso que durante a homenagem tenha discursado o sr. major Coimbra.

8. Adianta-se que esteve presente ao jantar o general Carlos Fabião, o qual, no uso da palavra, manifestou o seu muito apreço pelo valor de toda a actuação militar do homenageado, aliando à mesma o mérito de ter sido ele um dos primeiros oficiais promovidos ao posto de general após o 25 de Abril.

9. Finalmente, não pode o general C.E.M.E. deixar passar em claro o estilo jocoso da redacção das referidas notícias, utilizadas com a clara intenção de lançar aleivosamente a suspeita sobre um militar que merece o respeito e a consideração deste E. M. e da arma a que pertence, e principalmente sobre o conjunto de militares que trabalham no Estado-Maior do Exército, em cuja competência profissional e dedicação ao processo revolucionário em curso o general C.E.M.E. deposita inteira confiança.»

FRONTEIRA DE AYAMONTE ABRE A CURTO PRAZO?

«As autoridades espanholas estão bastante receptivas à reabertura da fronteira de Ayamonte a curto prazo», declarou à ANOP o tenente-coronel Almeida Pires, comandante do C. I. S. (Centro de Instrução de Sargentos) de Tavira, que se deslocou a Huelva na companhia do tenente Mata Gonçalves, a fim de tratar da referida reabertura.

Salientando que a sua deslocação não se destinará a «negociar» quaisquer condições com a Espanha, o comandante do C. I. S. acrescentou que apenas transmitira ao governador civil de Huelva e ao alcaide de Ayamonte a promessa de

que não se repetiriam os factos que estiveram na origem do encerramento da fronteira por parte das autoridades espanholas, e que «esta promessa foi feita depois de termos auscultado a população, numa grande assembleia realizada no sábado em Vila Real de Santo António».

A fronteira de Ayamonte, frente a Vila Real de Santo António, está encerrada desde o princípio do mês de Outubro devido ao aparecimento de um cartaz e inscrições de repúdio pelo assassinio de cinco patriotas antifascistas bascos, perpetrado pelo regime de Franco.

Isabel do Carmo ao pequeno-almoço

A rubrica «O Pequeno-almoço da Emissora Nacional», a ser transmitida no sábado logo após o «Jornal da Manhã» das 8 horas, terá como convidados o ministro do Trabalho capitão Tomás Rosa, Isabel do

Carmo, Sottomayor Cardia e Manuel Rodrigues.

O tema deste «Pequeno-almoço» será «O controlo operacional da produção e a democracia dos trabalhadores».

EXPOSIÇÃO INFANTIL

É inaugurada na segunda-feira, numa das salas do Palácio Foz, uma exposição internacional de expressão infantil, organizada pela Associação Portuguesa de Educação pela Arte, com o apoio da Di-

recção-Geral da Acção Cultural.

Durante a exposição, que estará aberta até 7 de Novembro, das 10 às 12 e das 15 às 20 horas, haverá sessões diárias de projecção de filmes, às 11 e 15 e às 16 horas.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

DIVISÃO DE OBRAS

PLANO DE REGA DO ALENTEJO (2.ª FASE)

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DO FORNECIMENTO E MONTAGEM DOS EQUIPAMENTOS MECÂNICOS DA DESCARGA DE FUNDO — TOMADA DE ÁGUA E DO DESCARREGADOR DE CHEIAS DA ALBUFEIRA DO APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DA VIGIA

A NÚNCIO

Anuncia-se que até ao dia 17 de Dezembro de 1975 se encontra aberto concurso público para arrematação do fornecimento e montagem acima referidos.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na sede da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 23.

Depósito provisório: 130 000\$00.

Alvarás exigidos aos concorrentes: II categoria ou sua 5.ª subcategoria e classe ou subclasse correspondente ao valor da proposta.

O projecto, o caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 22 de Outubro de 1975.

O ENGENHEIRO SUBDIRECTOR-GERAL
Estêvão Mendonça Lamas de Oliveira

Trabalho

Terminou a greve dos pescadores de Setúbal

Os pescadores de sardinha da praça de Setúbal regressaram ontem ao mar, pondo termo a uma greve que durou uma semana. As suas reivindicações fundamentais foram satisfeitas, no decurso de uma reunião efectuada na Secretaria de Estado das Pescas, com a presença de representantes do Sindicato dos Pescadores daquela cidade e das entidades patronais, do secretário de Estado e de representantes do Ministério do Trabalho.

Ao divulgar a cessação da greve, o Sindicato dos Pescadores agradeceu a colaboração e o apoio prestado pelos outros sindicatos, pela União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal — Intersindical, pelos trabalhadores do jornal «O Setubalense» e por todos os outros trabalhadores de Setúbal.

As portarias são para se cumprir — diz o Ministério do Trabalho

Os patrões parece terem em contrato a «unidade». Palavra de ordem do seu «movimento»: dizer «Não às portarias». Depois dos metalúrgicos é a vez dos trabalhadores gráficos estarem a lutar pelo cumprimento dos salários impostos pela portaria. O Ministério do Trabalho emite comunicados, quer num quer noutro caso, afirmando que as portarias são para se cumprir porque são legais. Eis o comunicado relativo às entidades patronais dos gráficos:

«Tendo chegado ao conhecimento desta Secretaria de Estado que empresários abrangidos pela Associação dos Industriais Gráficos e Transformadores de Papel estão a pôr em causa a legalidade das portarias publicadas nos boletins do Ministério do Trabalho de 22/6 e 22/8/75 cumpre esclarecer o seguinte:

1.º As portarias publicadas nos boletins do Ministério do

Trabalho de 22/6 e 22/8 obrigam as entidades patronais ao seu integral cumprimento.

2.º Assim, no respeitante às empresas que não estão a cumprir as determinações constantes nas referidas portarias, reafirma-se o seguinte:

a) Os trabalhadores por eles abrangidos têm direito a receber os salários nelas consagrados;

b) Os trabalhadores têm,

consequentemente, direito às diferenças de salários resultantes do seu não cumprimento.

3.º Relativamente à base XV da Portaria 22/6/75 considera-se que esta só terá aplicação desde que os trabalhadores estejam a fazer o controlo de produção e depois de o acordo entre trabalhadores e entidade patronal ter sido reconhecido pelo respectivo sindicato e pelo Ministério do Trabalho».

BOM APETITE

AMANHÃ

LULAS À REX

ENTRECOSTO DE PORCO NA BRASA

No restaurante panorâmico do **HOTEL REX**

RESTAURANTE PANORÂMICO DO

Hotel Rex

Rua Castilho, 169

PREÇOS POPULARES



Restaurante CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

ESTRADA DA TORRE — TELEF. 790169 — LUMIAR

SALAS PRIVATIVAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES E LANCHES DE CASAMENTO

AOS DOMINGOS ALMOÇOS DANÇANTES

Parque automóvel (Encerrado às 2.ª feiras)

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)

CHURRASQUEIRA ADEGA TÍPICA

PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO

Encerrado às 2.ª feiras a partir das 16 h e 3.ª feiras todo o dia



RESTAURANTE BAR REX

AGORA E ALÉM DOS ALMOÇOS E JANTARES, SERVIÇO DE CEIAS ATÉ ÀS 2 H.

DA MANHÃ • AMBIENTE AGRADÁVEL

RESERVAS PELO TELEFONE N.º 36 01 14

Encerrado aos Domingos

RUA NOVA DA TRINDADE N.º 1-B • LISBOA

RESTAURANTE

número 1

RUA DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO, 44-A

TELEFONE 68 43 26 - LISBOA

«STEAK HOUSE»

ABERTO AOS DOMINGOS

Dona Maria

Restaurante - Cervejaria - Bar

AGORA COM NOVO SERVIÇO — MAIS RÁPIDO E ECONÓMICO

REFEIÇÃO ESPECIAL — 66000 (incluindo vinho e taxas)

— Aceitam-se senhas de almoços —

Encerrado aos Domingos (Excepto para banquetes)

Largo do Regedor, 7-1.º — Telef. 3 49 82 (Junto ao Teatro Nacional)

LEÃO D'OURO

(RENOVADO)

ALMOCE E JANTE NESTE RESTAURANTE

AR CONDICIONADO

Rua 1.º de Dezembro, n.º 93 Telef. 326195

“Só a fusão das empresas petrolíferas pode resolver os problemas”

«Só a fusão das 4 empresas petrolíferas nacionalizadas pode resolver os graves problemas no sector petrolífero, sector este responsável por cerca de 70 por cento da energia do País», afirmaram à Anop, porta-vozes da Comissão Central dos Trabalhadores (C. C. T.) da empresa pública de petróleos (Petrál).

Entretanto está a ser discutida no Conselho de Ministros a fusão das 4 empresas públicas de petróleo, mas em cujo objectivo os trabalhadores das empresas petrolíferas nacionalizadas têm desenvolvido exaustivo trabalho logo após o 11 de Março, altura em que se consumaram as nacionalizações.

Sobre esta luta, diz-nos um porta-voz: «A nacionalização foi uma consequência lógica da luta desenvolvida na Sacor depois do 25 de Abril de 1974», e a sua exigência foi formulada numa reunião de representantes dos trabalhadores, realizada no Porto, depois do 11 de Março, quando os trabalhadores tiveram conhecimento que a Banca tinha sido nacionalizada pelo Conselho da Revolução».

Sob a forma como se está a processar o controlo das empresas afirmaram que foram «colocados dois trabalhadores junto de cada Comissão Administrativa (C. A.) depois do plenário realizado em 9 de Setembro».

bro, para controlar as mesmas e de tudo darem conhecimento à C. C. T.

Note-se, que estes trabalhadores colocados junto das C. A. não substituem nem representam as organizações de trabalhadores, pois só a C. C. T. apoiada nas restantes representações sectoriais da empresa pública de petróleo, de quem é mandatária, pode efectuar o referido controlo».

«Neste momento, as comissões administrativas têm uma gestão coordenada por meio de reuniões semanais que nos preocupamos que seja voltada para a perspectiva de empresa pública», acrescentaram ainda a este propósito.

Referindo-se aos benefícios que podem advir com o controlo por parte dos trabalhadores nesta empresa pública de petróleo «de facto», afirmaram: «Como benefícios imediatos temos a possibilidade do controlo de investimentos, evitar importações e saída de divisas desnecessárias, procurando um melhor processo de exportação, e tentar que as empresas nacionalizadas sigam uma política compatível com esta situação, levando-as a abandonar a perspectiva capitalista e que enveredem pela via socialista, tão reclamada pelos trabalhadores». Apontando, como exemplo, de como tem andado «à deriva» este sector, referiram-se aos concursos ganhos por empresas estrangeiras que

para os satisfazer têm importado produtos quando existem nacionais que podem perfeitamente substituí-los.

«Este facto — fazem salientar — denuncia uma incapacidade governamental para tornarem as nacionalizações decretadas em nacionalizações reais, por falta de uma orientação adequada às C. A. o que não admira, pois, as nacionalizações têm sido uma exclusiva

exigência dos trabalhadores». No final desta conversa, os trabalhadores porta-vozes da Comissão Central dos trabalhadores da empresa pública de petróleos deram especial ênfase à solidariedade que os move em relação a todos os trabalhadores portugueses que necessitem do nosso apoio e da nossa acção, terão a nossa resposta, como já tem acontecido com frequência».

Publicados novos contratos colectivos

Saiu mais um número do Boletim do Ministério do Trabalho, o n.º 37, respeitante ao mês de Outubro.

O presente número insere as portarias que regulamentam o trabalho para os vigias da Marinha Mercante e para os trabalhadores da indústria de cerâmica (empregados de escritório e correlativos); as alterações ao contrato colectivo de trabalho para o comércio de carnes do distrito de Braga; e os contratos colectivos de trabalho celebrados entre a Associação Comercial e Industrial de Angra do Heroísmo e o Sindicato dos Profissionais das Indústrias Transformadoras do mesmo distrito, e entre o Sindicato Livre dos Trabalhadores da Panificação, Moagem, Mas-

sas e Similares do Distrito do Porto e várias Associações de industriais e empresas.

A rubrica «informações diversas» inclui o esclarecimento sobre o novo contrato colectivo de trabalho para a indústria de seguros, a composição do grupo de trabalho para o sector industrial de embalagem de vidro (garrafaria) e as listas dos novos corpos gerentes do Sindicato da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal, Sindicato dos Profissionais das Indústrias Têxteis do Distrito de Coimbra e do Sindicato dos Profissionais de Tráfego Portuário do Distrito e Porto de Lisboa.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES (ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 3-0098/75

Fornecimento de obras de alteração e beneficiação no Serviço 2, Sala 2, do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 10 de Novembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis, das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 20 de Outubro de 1975.

O Chefe do Serviço
a) Alexandre Pinheiro

Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul

Comunicado n.º 7

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL EM 25 DE OUTUBRO DE 1975 ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES PARA O SINDICATO

Concorrem 2 listas:

- A Lista A proposta pela Direcção.
- A Lista B proposta por 453 sócios.

- Existem 37 mesas de voto distribuídas conforme o publicado n.º «O FUSO» de Outubro.
- O local de voto é de acordo com os locais de trabalho.
- Se não tiveres Listas de Voto podes obtê-las junto dos locais de voto.

INFORMA-TE dos locais e horas de votação junto do delegado do Sindicato da empresa onde trabalhas ou na sede do Sindicato.

CAMARADA

EM 25 DE OUTUBRO... VOTA!!!

NÃO ENTREGUES AOS OUTROS UMA RESPONSABILIDADE QUE TE PERTENCE

PEL'A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL (Ilegível)

Trabalho

A CURTO PRAZO

As Caixas sem dinheiro para pagar os benefícios

A grave situação financeira das Caixas de Previdência, com problemas de tesouraria e outros, poderá, a curto prazo, estrangular as possibilidades de pagamento dos benefícios devidos aos trabalhadores, e põe mesmo em causa os ordenados dos trabalhadores do organismo. De facto, neste momento e após contactos com o ministro dos Assuntos Sociais em que se pedia a «descapitalização» de 500 mil contos de títulos, ainda não foi obtida qualquer resposta. Além disso, foi pedido um empréstimo de três milhões de contos.

Estas informações foram prestadas esta manhã, num encontro com representantes do Conselho Coordenador da Previdência, em que também se falou das reivindicações irrealistas dos trabalhadores da Previdência (irrealismo relacionado com a situação financeira). Um dos informadores assinalou, a determinada altura que os trabalhadores que neste momento participam das Comissões Administrativas das 101 Caixas espalhadas pelo País, poderão a curto prazo ser acusados de má gestão e administração, quando os proble-

mas resultem do passado e dos obstáculos que têm sido levantados no presente.

«Mas isso não é verdade. Na maioria dos casos ainda não é possível a essas comissões preocuparem-se de facto com problemas de gestão e de cumprimento de objectivos políticos, porque outros problemas, resultantes de uma máquina burocrática monstruosa, têm aparecido.»

A questão do ministro dos Assuntos Sociais acabou muito naturalmente por surgir. «Enquanto não tivermos um ministro que de facto represente a

vontade dos trabalhadores não poderemos avançar.» A questão da descapitalização e do empréstimo que não obtiveram resposta, quando problemas de pagamentos de benefícios e ordenados se põem com acuidade, é um exemplo.

Medidas a curto prazo, propostas durante a reunião: medidas gravosas sobre as grandes empresas que não entreguem as cotizações dos trabalhadores e apoio às pequenas e médias empresas para que possam enviar as quotizações.

AMANHÃ, NOS TÊXTEIS

Eleições para três anos num sector em plena crise

As eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, respeitante ao Triénio 1975/78, decorrerão, amanhã, dia 25, entre as dez e as 20 horas na província, com um alargamento de prazo até à meia-noite no que respeita à capital. Candidatam-se a estas eleições duas listas, identificadas por letras «A» e «B».

A lista «A» apresenta-se como sendo «Por um Sindicato forte combativo e controlado por todos os trabalhadores», enquanto a sua oponente luta pela «Unidade de todos os explorados na luta contra o capital pela democracia operária».

A grande oposição entre as duas listas verifica-se ao nível prático, seja face à grave crise que os têxteis enfrentam: enquanto a lista «A» apoia as conclusões do encontro de Ofir, em que trabalhadores se reuniram para proporem medidas de carácter imediato, que

salvem o sector, a lista «B» não dá o seu aval às conclusões de Ofir preconizando outras.

Lista «A»

Na segunda parte do seu programa, a lista «A» afirma que «é a luta de classes que move a História. É a luta entre os burgueses e os trabalhadores, isto é, entre exploradores e explorados, é a contradição existencial entre os interesses antagónicos de uns e outros que determina tudo o que se passa na sociedade». Por isso, a sigla «por um sindicalismo de classe».

Mais à frente, defendendo a unidade sindical, a lista «A» afirma que a unidade de pouco ou nada servirá «se não se praticar a democracia nos sindicatos ou se estes não seguirem uma linha de independência quanto a partidos, ao

Estado ou a religiões, se não seguirem uma linha anticapitalista e anti-imperialista». De acordo com esta afirmação, «somos pela unidade, pela central sindical única, para que os trabalhadores não se achem divididos por várias centrais».

O programa da lista «A» dá, também, especial relevo ao anticapitalismo («princípio básico para que o Sindicato possa defender uma linha revolucionária e de classe») e ao anticapitalismo.

A terceira parte deste programa é encabeçada pelas siglas «Pelo poder popular - pela revolução socialista». Aqui, a necessidade de assegurar o emprego para todos e manter e melhorar o nosso nível de vida, lutando contra qualquer despedimento e para que os salários não sejam constantemente comidos pelas subidas de preços, assume particular relevância.

«É neste sentido que, dadas as actuais condições políticas resultantes da luta dos trabalhadores contra a exploração e das conquistas já alcançadas, os trabalhadores têm nesta luta dois objectivos que afinal são um só, pois que se interligam, e que são a reconversão do sector e o controlo operário da produção».

Sobre a tentativa de muitos patrões sabotarem a luta operária pela reconversão do sector têxtil, diz-se no programa que «é por isto que a luta contra os despedimentos, isto é pelo direito ao trabalho, passa nesta fase por uma vigilância revolucionária das manobras dos patrões e seus lacaios pelo controlo da produção».

Por tudo isto e muito mais, esta lista apoia a «proposta aprovada no encontro de Ofir, que mandata as federações no sentido de reorganizar o sector no prazo de um ano».

Lista «B»

«Pelo contrário, num comunicado que acompanha o seu programa, a lista «B», atacando a actual direcção: «Os senhores dirigentes sindicais realizaram, em tempos, um encontro em Ofir, onde cozinharam um projecto que, em seu entender, é o único que resolve o problema do sector têxtil. Agora, exigem do Governo uma

resposta positiva a esse projecto, sem o que, dão a entender, lançarão os trabalhadores em luta aberta pela sua concretização». Ora, de acordo com a lista «B» «esse projecto não tem nada a ver com os interesses da classe operária». «O problema da crise têxtil não se resolve com este ou aquele projecto mas apenas com a resolução da crise mais geral do sistema capitalista português». No seu programa de luta imediata, a lista «B» afirma que «a grande burguesia e os seus governos são manhosos; mas mais forte que eles vai ser a força do povo».

«Objectivos da luta», de acordo com este programa: apoiar com decisão os direitos dos desempregados (exigindo a proibição de novos despedimentos, exigindo o pagamento aos desempregados do salário mínimo que se pretende para a indústria — seis mil escudos, etc.).

Mais: tomar medidas firmes contra a sabotagem económica (expropriação dos bens dos patrões que levem as empresas às falências, que se recusem a tomar responsabilidade em nome das firmas, que retirem bens das fábricas, que abandonem as fábricas; declarar sem validade todos os negócios envolvendo bens pessoais dos industriais e familiares próximos, realizados depois do «25 de Abril», para impedir que os patrões ponham a salvo os seus bens e a seguir ameacem de falência, etc.).

Entre outros, salientamos ainda neste programa de luta imediata da lista «B», este título: «Obrigamos o Estado a realizar imediatamente um programa de grandes encomendas às fábricas de confecções, tecidos, tapetes, etc.».

Este programa de encomendas incluiria «fatos de trabalho, com a obrigação para as fábricas de mais de 50 operários (por exemplo) de os comprarem ao Estado; encomendas de fatos de trabalho para os camponeses usarem no Inverno que se aproximam...; encomendas de diversos padrões e modelos de malhas, calças, camisas, etc., para vender aos pequenos retalhistas e aos armazéns que aceitem as condições de remuneração a fixar para o serviço que prestem».

NA FORÇA



A disciplina do sr. ministro

O ministro do Trabalho acaba de estabelecer normas para as reuniões, assembleias e plenários dos trabalhadores do seu Ministério. Segundo despacho já em vigor, essas reuniões, «para tratar de assuntos de serviço, só podem realizar-se dentro das horas de serviço com conhecimento dos secretários de Estado ou do ministro do Trabalho, que avaliarão de sua oportunidade e interesse (o sublinhado é nosso, não a subtileza escapar ao leitor distraído)».

Mesmo fora das horas de serviço, desde que os trabalhadores se reunam em dependência do ministério, há que dar conhecimento prévio ao ministro. Em qualquer dos casos, o despacho impõe a presença, nas assembleias e plenários, dos secretários de Estado, do ministro, ou dos seus representantes, «para o efeito nomeados».

METALÚRGICOS DO PORTO APOIAM SOLDADOS PROGRESSISTAS

A comissão sindical de luta dos metalúrgicos do Porto, que agrupa trabalhadores daquele ramo de diversas empresas do distrito, dispõem a defender e consolidar as conquistas revolucionárias do povo português, apelam a todos os metalúrgicos e a todos os trabalhadores em geral a participarem na manifestação a realizar hoje pelas 19 horas, com concentração na Praça da Liberdade, de apoio à luta dos soldados progressistas que, logo à noite, se reúnem em assembleia no R. A. S. P.

TRABALHADORES NA IMPRENSA: O RESCALDO

Na sequência de uma assembleia geral pouco favorável à direcção recém-eleita do Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa, esta divulgou um comunicado em procura esclarecer a sua posição recusando as acusações de divisionismo e partidismo, de que foi alvo numa moção de censura. Apela os dirigentes para a necessidade dos trabalhadores comparcerem nas assembleias gerais, e denunciam «a actuação de alguns delegados sindicais que não comparecem às reuniões do Conselho de Delegados e boicotam a distribuição das convocatórias das Assembleias» (segundo afirmam).

Esclarecimento da Comissão Sindical do Banco Pinto e Sotto Mayor

Da Comissão Sindical do Banco Pinto e Sotto Mayor, do Porto, recebemos o seguinte esclarecimento sobre uma notícia por nós publicada:

«Usando o direito de resposta a que se refere o artigo 16 do Decreto-Lei n.º 85/C/75 — Lei de Imprensa de 26/2/75 —, solicitamos a publicação do seguinte esclarecimento, de acordo com o n.º 3 do referido artigo, relativamente à notícia publicada no vosso jornal de ontem, na página 9, 2.ª e 3.ª colunas, sob o título «União dos Sindicatos do Porto denuncia entraves da Banca».

«O Banco Pinto e Sotto Mayor tem-se mostrado, como não podia deixar de ser, completamente opaco na apreciação das operações que lhe são postas, como pode provar-se pela ajuda que tem prestado aos trabalhadores e firmas que se lhe têm dirigido para resolução dos seus problemas, norteando a sua actuação pelas directrizes que oficialmente são dadas a toda a Banca e que a sua Comissão Administrativa executa e fiscaliza.

Os delegados sindicais deste banco, exercem, e só, a sua função sindical e, por isso, não se pronunciam sobre qualquer operação de crédito, em conformidade com os estatutos do seu Sindicato.

O empréstimo de 300 contos, foi pedido pela Sociedade de Papelarias, Lda., em 2 do corrente por intermédio de uma dependência urbana do banco e autorizada prontamente no dia 6, mediante penhor mercantil de 4 máquinas, com o que a Sociedade de Papelarias concordou.

Ora, não obstante a celeridade posta na aprovação da operação, pela respectiva Comissão Administrativa, a Sociedade de Papelarias não deu até hoje a garantia solicitada, pelo que é da sua inteira responsabilidade o atraso que se verifica na concretização do empréstimo referido.

Lamenta-se, portanto, a falta de vigilância revolucionária na notícia dada, que não corresponde à verdade dos factos, e que ao deturpá-los só procurou a divisão dos trabalhadores.»

SINDICATO DOS PROFESSORES

(Zona da Grande Lisboa)

PLENÁRIO ESTATUTOS DO SINDICATO

A Comissão Directiva convoca os professores de todos os graus de ensino para o Plenário que se realiza na Terça-feira, dia 4 de Novembro, pelas 21.00 horas, no Pavilhão dos Desportos.

Neste plenário seguir-se-á a nova metodologia aprovada que passa pela apresentação e discussão em bloco dos projectos de alternativa na especialidade.

Os projectos entregues no Sindicato, estão a ser enviados pelo correio, de forma a permitir a preparação do plenário, nas Assembleias dos Núcleos Sindicais de Base.

Apela a CDP a uma participação massiva na preparação deste plenário, bem como à presença no Pavilhão dos Desportos.

PROFESSOR,

O FUTURO DO TEU SINDICATO DEPENDE EM MUITO DO ESTATUTO QUE APROVARES!

COMPARECE NO PLENÁRIO!

COMPARECE NA ASSEMBLEIA DA TUA ESCOLA!

A COMISSÃO DIRECTIVA

Nacional



PODER POPULAR AVANÇOU EM LISBOA

CINQUENTA E CINCO MINUTOS DE GENTE

Estava anunciado: era uma Grande Manifestação Unitária. Nas convocatórias não se punham reticências. Dizia-se que havia de ser grande e que era unitária. Não se falava em «alteração do programa por qualquer motivo imprevisto». Porque o povo trabalhador não altera o seu «programa» de luta e sabe que a reacção não é nenhum «imprevisto». Por isso a manifestação foi grande. E unitária.

Ainda não eram sete da tarde e já o Rossio denotava inusitado movimento. Começavam, então, a surgir as primeiras bandeiras vermelhas, sem emblemas partidários. Era a hora de desenrolar os primeiros cartazes. Ao lado da estação do Rossio, uma camioneta de carga provida de altifalantes chamava à manifestação, invocando as palavras de ordem programadas.

19 horas. Os trabalhadores da Informação juntam-se em frente ao Ministério da Comunicação Social. A essa hora o Rossio era um mar de gente. Um grupo de cem pessoas desce a Avenida da Liberdade gritando «Avançar, Avançar, Poder Popular».

Desdobram-se cartazes: Lisnave, Assembleia Popular da Amadora, Sindicato das Artes Gráficas, Trabalhadores do Cimento Tejo. O repórter escolhe um ponto fixo (lá em cima, no elevador de Santa Justa) e aguarda o desenrolar dos acontecimentos.

55 MINUTOS DE GENTE

O cortejo iniciar-se-ia às 19 e 40. Um minuto antes, um grupo de marinheiros subia a Rua do Ouro em direcção ao Rossio e, sob uma chuva de aplausos, encabeçaria a manifestação. Um cartaz «N. R. P. comandante João Belo».

Gritava-se então: «O Povo não quer fascistas no Poder». Passou-se a gritar: «Soldados e marinheiros sempre ao lado do Povo».

Depois: «P. P. D. fora do Governo, já!». Eram 19 e 43 e a cabeça da manifestação passava em frente ao elevador de Santa Justa. À frente, uma camioneta cheia de trabalhadores, com altifalantes ampliando palavras de ordem.

19 e 47. A cabeça do cortejo passou há sete minutos o Rossio ainda cego. Dois minutos depois, um numeroso grupo de soldados fura por entre os manifestantes em cortejo e, ao lado dos marinheiros, segue à frente da grandiosa marcha.

«O Povo não quer fascistas no Poder», dizia-se em coro. Eram 20 horas e começava a entrar na Rua do Ouro uma enorme delegação de ferroviários. Dois cartazes: Ferroviários do Centro e Ferroviários

dos. E o povo a dizer que sim, «sempre ao lado do povo». E o povo a gritar unidade, respondendo com aplausos ao cartaz dos trabalhadores da Gulbenkian: «Unidade das Forças Revolucionárias».

gordas: «Siderurgia Nacional». De repente, alguém gritou: «Vasco!» E, durante três minutos recordando-se das leis do V Governo que ainda não saíram, ouviu-se «Vasco! Vasco! Vasco!».

tar libertado da Trafaria, que se pronunciou contra os saneamentos de esquerda nos quartéis, que apoiou a luta do R. A. S. P. e C. I. C. A. P., que referiu um jornal dos soldados em luta na primeira destas unidades, do qual leu um artigo. O povo: «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos!».

Falou, depois, um trabalhador da Lisnave. Antes, o soldado tinha denunciado a desmobilização maciça que se está a verificar no Exército e afirmou que «Portugal não será o Chile da Europa». O trabalhador da Lisnave reafirmou a vontade dos operários se manterem ao lado dos seus irmãos rurais.

Foi depois a vez de um representante da comissão de moradores da 7.ª zona que fez um apelo ao Poder Popular para a construção de uma sociedade sem classes.

Finalmente, um trabalhador da Cometna, representante da Assembleia Popular da Amadora, denunciou as «investidas» do imperialismo e do capitalismo internacional, a criação do A. M. I. e a repressão sobre os órgãos de Informação, exortando, finalmente, ao «Poder Popular».

Foram aprovadas algumas moções, depois de se ter perguntado, em voz alta: «Porque foram saneados os governadores civis progressistas? Porque estavam do lado do povo! Que socialismo é este que estes senhores que os sanearam querem?» A resposta veio de dezenas de milhares de gargantas: «É o fascismo!».

Das moções aprovadas, salientam-se as que se afirmaram contra os saneamentos à esquerda, contra as desmobilizações maciças, pelo reforço do Poder Popular.

PEQUENOS INCIDENTES

Quando parte dos manifestantes ainda se encontrava no Rossio, alguns retornados falaram em voz alta, provocatoriamente da F. N. L. A. e da U. N. I. T. A.. Os manifestantes, em coro e espontaneamente gritaram, M. P. L. A.. Parece que o pequeno grupo que estava à frente do Piquenique não gostou de ouvir gritar «Morte ao E. L. P. e a quem o apoiar».

No final, quando alguns manifestantes se dirigiram ao Rossio, para apanhar transporte, o Piquenique estava fechado. Uma pequena multidão gritou: «M. P. L. A., a vitória é certa!».

N. G. S.



Os manifestantes na Rua do Ouro

do Sul. Vermelhos, ambos.

A essa hora a cabeça da «manif.» atingia o Terreiro do Paço, enquanto um grande cartaz amarelo exortando ao Poder Popular passava junto à primeira transversal da Rua do Ouro. Cantava-se: «Venceremos, venceremos / com as armas que temos na mão».

Só então se ouviu: «Força, força Norte e a Revolução será mais forte!». Era a vez de entrar na rua do cortejo o cartaz da comissão de moradores da Charneca da Caparica. O relógio marcava 20 e 05.

Pouco depois, uma enorme bandeira nacional nas mãos de uma dezena de operários, passava. Ao mesmo tempo, do Rossio, chegava um clamor imenso, sincero: «Em frente, em frente, com a Reforma Agrária». A resposta, na Rua do Ouro: «As leis do V Governo cá para fora, já!».

20 e 08. Chegam mais solda-

Repete-se: «P. P. D. fora do Governo, já!». São 20 e 10 e o cortejo está longe de acabar. Um grupo de trabalhadores da Guarda irrompe na Rua do Ouro, a lembrar que, «com o Norte a Revolução será mais forte». E, antes de se gritar «O povo não quer fascistas no Poder, ouvir-se-ia um grande coro: «Informação ao serviço da Revolução». Era a hora de passarem trabalhadores dos órgãos de Comunicação Social, identificados por cartazes enormes.

Insistia-se: «P. P. D. fora do Governo, já!». A cauda da manifestação tocava ainda os Restauradores quando os trabalhadores da Sorefame começaram a descer a Rua do Ouro. Eram 20 e 15.

«Com o Poder Popular», dizia um cartaz da comissão de moradores de Odivelas. A seguir, de um lado ao outro da rua, outro cartaz, com letras

Passaram a seguir trabalhadores da T. A. P.. Cantava-se, ainda, o «Venceremos». Estava a cauda da manifestação a entrar na Rua do Ouro. Ouviu-se. «A Espanha vencerá!». E, aos 5 minutos, terminava a passagem do cortejo.

Quanta gente? Muitas dezenas de milhares 55 minutos de gente.

NO TERREIRO DO PAÇO

Muito tempo se esperaria ainda, no Terreiro do Paço, já pejado de povo, até que os últimos manifestantes aí chegassem. Gritavam-se palavras de ordem: «Morte ao E. L. P. e a quem o apoiar». A praça era um tapete de gente e de bandeiras e cartazes.

Depois, registaram-se algumas intervenções: de um mili-

AGOSTINHO NETO

COPI

LUANDA — (ANOP) — Com ou sem acordo de Portugal, estamos decididos a proclamar a nossa independência, que na verdade não é mais do que uma conquista do nosso povo, que tanto lutou e se sacrificou. A independência não é um favor que esperamos do Governo português: é um direito nosso. É um direito que o MPLA vai arrancar em nome do povo angolano — declarou o presidente Agostinho Neto ao jornalista Simmon Malley, da revista «Afrique-Asie».

Malley sublinha que, ao fazer estas declarações, o dirigente do MPLA «está calmo, sereno e animado de uma fé inquebrantável na vitória certa» e dá de novo a palavra a Agostinho Neto, que diz:

«Sim, a independência é a consagração da nossa vitória. Uma coisa é certa: qualquer que seja a atitude do Governo português, quaisquer que sejam as manobras que o imperialismo venha a efectuar até lá, teremos esta independência. Não restam dúvidas de que estamos numa situação que não permitirá a todo o nosso povo gozar a democracia que iremos instaurar nos territórios libertados, mas a luta contra a secessão, criada e alimentada pelo imperialismo, prosseguirá, a fim de dar ao nosso povo esta liberdade necessária para que comece a nova etapa da reconstrução nacional.»

«PREOCUPADOS COM OS SOLDADOS PORTUGUESES»

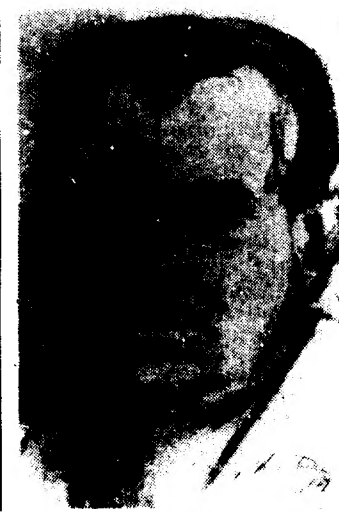
Quando o entrevistador lhe pergunta se julga que o Governo português procurará retardar o reconhecimento da independência, não obstante os compromissos formais que o presidente Costa Gomes e o seu Governo já assumiram, Agostinho Neto responde:

«Como já afirmei muitas vezes, considero necessário que Portugal proceda à retirada das suas tropas o mais cedo

MONTALE, PRÉMIO

OI

Eugénio Montale, o poeta italiano de 79 anos galardoado com o Prémio Nobel da Literatura de 1975, é natural de Génova (n. 1896) e cresceu no seio de uma família de abastados comerciantes. Depois de



ETO À "AFRIQUE-ASIE"

COM OU SEM O ACORDO DE PORTUGAL PROCLAMAREMOS A INDEPENDÊNCIA

possível. Portugal assevera que sofreu imensas pressões externas para retardar a independência, tendo em conta que os reaccionários não estão no poder em Angola. Contudo não creio que utilizará as suas tropas para manter a sua presença em Angola. Esperamos vivamente que respeite os seus acordos, para a retirada das suas forças durante o mês de Outubro. No entanto, *estamos preocupados pelo facto de Portugal não ter começado ainda a proceder à retirada das suas tropas, agora que estamos tão próximos da independência.* Há ainda dezenas de milhares de soldados no país, sobretudo em Luanda.

«Estamos, com razão, preocupados porque os soldados portugueses, que não estão comprometidos com uma causa ou empenhados em tarefas quotidianas, têm tendência a indisciplina e à rebelião. Isto pode provocar incidentes. Nós respeitamos o Povo português e desejamos manter boas relações com Portugal.

«Esta liberdade nós a conseguiremos, pode estar certo, e o nosso desejo é evitar uma confrontação com o Povo português. Mas a indisciplina das tropas portuguesas poderá resultar em conflitos com a nossa população civil no coração de Angola, isto é Luanda, o que deterioraria as relações entre os nossos dois povos.»

POSIÇÃO DOS PAÍSES AFRICANOS

Sobre a posição dos países africanos quanto à luta que se



trava em Angola, disse Agostinho Neto:

«Creio que certos povos africanos sofrem uma certa confusão a respeito da situação em Angola. Parece não compreenderem que o perigo que ameaça o nosso país provém, sobretudo, das forças submetidas ao imperialismo e à perpetuação do neocolonialismo no nosso país, o qual desejam transformar num bastião que ameaçaria a independência e a soberania de outros Estados.

Mesmo a Organização da Unidade Africana (OUA) não parece ter compreendido totalmente as realidades do nosso país.

«Há uma coisa que deveria preocupar os países africanos no seu conjunto e determinar a sua atitude: É a necessidade de respeitar a vontade e as opções fundamentais do povo angolano.

«Quanto às especulações que circulam a respeito de pretensas intervenções estrangeiras ao lado do MPLA, o que

é preciso compreender é que o nosso povo não deseja estar submetido a qualquer potência, seja ela qual for. Esta é a razão por que seria bem melhor que a OUA não interviesse em Angola.

«Vimos, como, há alguns anos, certas potências apoiaram a secessão do Catanga e do Biafra. São precisamente as mesmas potências que apoiam actualmente as tendências secessionistas em Angola, com vista a separar certas regiões do

território nacional angolano. São estas coisas precisas que deveriam fazer reflectir e inspirar a África, a fim de ser empreendida uma acção política e diplomática mais vigorosa para afastar estas influências e pressões do nosso continente e impedir os seus resultados sinistros e nefastos em Angola. Por fim, esperamos que todos os Estados africanos, os não alinhados, os países socialistas e os que não cessaram de nos apoiar na Europa e noutros continentes, que reconheçam rapidamente o novo Estado que vai nascer em condições especiais, mas com a determinação de preservar a sua independência e liberdade.»

O MPLA E A CHINA

Simmon Malley quis saber o que pensa o dirigente do MPLA sobre o apoio que a China tem prestado à FNLA e Agostinho Neto comentou a esse respeito:

«É preciso reconhecer que a China Popular desempenhou um papel importante na África Austral, apoiando os movimentos de libertação de diversos países. No entanto, a China enganou-se neste caso. Talvez devido à ausência de uma análise correcta. Foi assim que vimos a China apoiar secessões e golpes de Estado reaccionários. Em Angola também estamos a ver a China a apoiar as forças reaccionárias, criadas, armadas e financiadas pelos americanos, com o objectivo de entrar na marcha revolucionária em África. É assim que vemos a China ao lado dos americanos combater as forças de libertação nacional. Esperamos, contudo, que uma nova análise da situação possa levar os chineses a modificar a sua atitude e a apoiar as únicas forças progressistas em Angola. Mas não existe, da nossa parte, uma atitude de hostilidade em relação à China. Pelo contrário, procuramos ter com ela boas relações. Após a independência estabeleceremos relações com a República Popular da China.»

«PORTUGUESES SERÃO BEM-VINDOS»

Finalmente, sobre os portugueses que abandonam Angola, Agostinho Neto, disse à revista «Afrique-Asie»:

«Lamentamos que os portugueses deixem Angola devido a uma situação que não é estável, mas não encontrarão em Portugal a mesma vida que tinham cá. Não obstante os nossos apelos, persiste a desconfiança em relação ao MPLA. Dito isto, não excluímos a possibilidade de estes portugueses poderem regressar. Graças à política do MPLA, Angola é um país onde todos os habitantes, sem distinção de raças, poderão viver.

«Portanto, estamos convencidos de que os portugueses que regressarem a Angola para trabalharem na reconstrução do país, serão bem-vindos.»

ANGELA DAVIS DENUNCIA O IMPERIALISMO AMERICANO

Angela Davis, delegada norte-americana no Congresso Mundial da Mulher que está a decorrer em Berlim, afirmou que é necessário evitar por todos os meios que o imperialismo americano possa intervir no processo revolucionário português. A revolucionária americana lançou este apelo depois de ter lembrado o escândalo Watergate e o papel que a C. I. A. tem vindo a desempenhar no derrube de Governos progressistas através de uma política de assassinio e terror.

As nove comissões do Congresso Mundial do Ano Internacional da Mulher, estudam o modo como deverá prosseguir a luta

pela libertação da mulher integrada na situação política mundial. Angela Davis, salientou que a população feminina negra da América Latina é a que mais sofre com a opressão dos regimes ditatoriais.

Os debates das nove comissões analisam os vários factores que explicam o actual papel de subalternização da mulher no plano económico, social e político. A necessidade de superar esta situação para que as forças progressistas possam vencer as ameaças dos imperialistas e consolidar a paz mundial, foi unanimemente reconhecida por todas as comissões presentes.

NÓBEL DA LITERATURA

IMPASSE DOS "ALÉM-CÉUS"

um período de estudos fora do comum, que incluiu lições de canto, alistou-se no exército, participando de 1915 a 1918 na primeira guerra mundial, com um ano no «front». Terminado o conflito, empregou-se

na casa editora Bemporad, em Florença. Na mesma cidade dirigiria o gabinete G.P. Vieusseux, centro de estudos científicos e literários criado pelo escritor do mesmo nome. Ali se manteria até 1929, sendo afastado por ordens superiores: não estava inscrito no partido fascista.

Os anos 30 marcaram uma fase «escura» de Montale. Se bem que escrevendo sempre, e publicando mesmo um título tão importante como «Le Occasioni» («As Ocasões»), manteve-se afastado dos círculos culturais, então infiltrados pelos «camisas negras» de Benito Mussolini. Essa distância fez dele um dos homens de Letras mais respeitados depois de 1945.

No segundo pós-guerra aderiu ao Partido d' Azione e entrou em 1947 para a redacção do «Corriere della Sera», primeiro como crítico musical, depois literário. Enfim os poderes constituídos nomearam-no em 1967 «senatore a vita», dis-

tinção que não acrescentou uma linha ao seu renome.

Filosoficamente Montale começou por estar alinhado no idealismo «gentiliano» (de Gentile), passando a breve trecho para as hostes «crocianas» (de B. Croce). A crítica coincide hoje em apontá-lo como um contingentista de raiz bergsoniana, com influências também de Boutroux.

O ESTIGMA DA DOR

A obra poética de Eugénio Montale iniciou-se em 1925 com «Ossi di Seppia» («Ossos de Sépia»). De 1939 são «Le Occasioni» («As Ocasões»), de 1956 «La Bufera e Altro» («O Turbilhão e Outras Coisas»). Em 1971 deu à estampa o quarto volume de versos, «Satura», dedicado à mulher.

Em prosa publicou, entre outras recolhas, «Farfalla di Dinard» («Borboleta de Dinard», 1956), «Auto da Fé» («Auto-de-

-Fé», 1966) e «Fuori di casa» («Fora de Casa», 1969). As suas versões de poemas anglo-saxónicos estão editadas com o título «Quaderno di Traduzioni» («Caderno de Traduções», 1948).

A poética montaliana é um dos momentos salientes da lírica europeia deste século. Impressiona pela sua unidade praticamente sem fissuras, que um crítico fez derivar da fidelidade aos temas fundamentais, descobertos logo no começo da trajectória criadora.

Já em «Ossi di Seppia» o universo aparece a Montale como um lugar de inevitável derrota, a «sconfitta» de que falou. Assim sendo, a dor é um estigma da própria existência humana. Nos livros posteriores o poeta oferece-se ao leitor como o exemplo acabado do xadrez cósmico. Num mundo em que os emblemas são os detritos, a escória, a recusa, num mundo donde foi banido o op-

timismo histórico de «iluminística» memória (pois qualquer ganho pressupõe uma perda noutra direcção), a «occasione» não pode resultar senão de um, e num, «milagre». O homem pode socorrer-se de pretextos, mas não equivale isso a esperar num «além-céu» («oltrecielo») envolto em trevas? Salvação, dizem os cristãos, só por intercessão da Graça. Mas Montale é um a-confessional: o drama está esboçado.

Para superar esse impasse, patente em «Ossi di Seppia», o poeta projecta a salvação para um mundo pressuposto, quase «suspeitado», em oposição ao mundo presente, imperfeito e perecível. Eis a constante de «Le Occasioni», onde aflora esse outro tema da busca de «presenças» que revelem e libertem o mundo escondido, escamoteado da vista humana — fantasmas, amuletos surgem na lírica deste desesperado.

Influenciado por antecessores directos italianos, pelo menos Pascoli e Gozzano, Montale não foi, entretanto, insensível à leitura das grandes vozes de língua inglesa suas contemporâneas com T.S. Eliot à cabeça. Por seu turno marcou fortemente as gerações italianas mais jovens, incluindo os grupos experimentais e «pós-herméticos».

Atenta à História (e Montale lê a História coeva segundo uma chave negativa), a poesia do novo Nobel está próxima da dos autores situados (sitiados) pela vaga de fundo nazi dos anos 30. Há um tom elegíaco na obra posterior a 1945 que é a de Nelly Sachs, Ingeborg Bachmann, Miroslav Holub ou Anna Akhmatova, mas transmutado às vezes por força da parábola. Apesar de tudo prospectivo, Montale não fechou as portas à esperança e chega a ler-se como um chantre de novas cidades.



Estrangeiro

Atrocidades cometidas por Israel para com o povo palestino

Leo Kothala in "Nouvelles Perspectives"

«Os dirigentes israelitas deviam ser levados a um tribunal como o de Nuremberga, pelas torturas desumanas, os crimes abomináveis que cometem contra os povos árabes dos territórios ocupados em consequência da agressão de Junho de 1967»

«eis uma das conclusões a que chegou a comissão internacional de inquérito sobre as violações dos Direitos do Homem nos territórios ocupados por Israel. Leo Kothala, deputado social-democrata da Finlândia, foi um dos elementos dessa comissão. No artigo da sua autoria, que a seguir transcrevemos e que veio publicado em «Perspectivas», revista do C.M. da Paz, narra-nos aquilo que viu no Líbano. A visita que a comissão fez ao Líbano decorreu em Dezembro do ano passado. Nesta altura, muitos mais crimes haveria a contar. Os que a guerra civil tem originado, por exemplo. Ninguém que conheça um mínimo da situação no Médio Oriente pode duvidar que os fascistas de Falange estão a ser instrumentalizados pelo imperialismo e o sionismo. A destruição da democracia libanesa traduzir-se-ia a breve trecho na liquidação da Resistência Palestina, objectivo de importância primordial para Washington e Telavive.

As atrocidades cometidas pelas forças israelitas para com os palestinos indefesos são uma prova revoltante do desprezo de Telavive em relação aos Direitos Humanos. Os israelitas tratam hoje a população civil com uma crueldade que faz lembrar estranhamente os sofrimentos infligidos pelos nazis aos judeus antes e durante a Segunda Guerra. Os aviões israelitas efectuam regularmente «raids» aéreos contra os campos de refugiados no Sul do Líbano, matando e arrasando tudo à passagem.

Numa visita que fiz ao Líbano como membro da Comissão Internacional de Inquérito sobre as violações israelitas dos Direitos do Homem nos territórios árabes ocupados, que é patrocinada pelo Conselho Mundial para a Paz, tive oportunidade de obter as últimas informações sobre os sofrimentos e os maus tratos a que o povo palestino está submetido. A delegação pôde ver também com os seus próprios olhos as condições de vida dos palestinos no Líbano e os sofrimentos que lhes são infligidos pelas autoridades israelitas. Recolheu vários testemunhos de antigos detidos e deportados palestinos. Dirigiu-se igualmente às zonas bombardeadas pelos aviões israelitas em Beirute e no Sul do Líbano.

Estes testemunhos demonstram a evidência que Israel continua a calcar aos pés os Direitos Humanos da população civil.

Os campos de refugiados têm sido alvo de ataques reiterados do Exército israelita, ataques que sempre se saldaram por numerosos mortos e feridos entre os civis, na sua maioria mulheres e crianças. Contrariamente ao que a propaganda israelita pretende, os seus «domicílios» não são objectivos militares.

Apesar de tudo, o povo palestino continua a travar, a partir destes campos de refugiados, uma dura batalha pela sua existência. As condições de vida da população palestina são deploráveis. Convém sublinhar que estes campos não albergam nada que possa ser considerado objectivo militar. Os palestinos quase não têm meios para cobrir as suas necessidades mais elementares. Pode perguntar-se como é que estes pobres refugiados poderiam dar-se ao luxo de ter equipamentos militares.

TORTURAS BRUTAS

Os relatos das testemunhas oculares traçam um quadro monstruoso da tortura praticada pelas autoridades israelitas nos palestinos. Entre as pes-

soas torturadas figuram trabalhadores, agricultores, professores, médicos, engenheiros, etc.

Civis inocentes são submetidos à tortura física e psicológica. As mulheres são submetidas às piores humilhações. As pessoas presas são lançadas em pequenas celas, onde nem sequer podem dormir. Para lhes arrancarem confissões e para lhes quebrarem o espírito de resistência, obrigam-nas a ficar sentadas debaixo de um duche gelado ou queimam-lhes a pele com pontas de cigarro.

As famílias palestinas, que vivem nos territórios ocupados, são separadas, e os homens, deportados para outras regiões, nomeadamente os diplomados. Ao mesmo tempo, as autoridades israelitas expulsam os professores para privarem as crianças e os jovens palestinos de toda e qualquer educação. Os israelitas tudo têm feito para destruir a cultura palestina: toda a actividade política ou sindical é proibida nos territórios ocupados; os palestinos não têm direito a nenhuma justiça perante os tribunais israelitas; o sistema jurídico estabelecido pelos israelitas não respeita os princípios das Nações Unidas e os Direitos Humanos reconhecidos por esta instância internacional no referente aos palestinos. É lamentável que contrariamente a estes princípios, Israel continue a destruir o património cultural palestino.

BOMBARDEAMENTOS DAS ZONAS CIVIS

Visitei igualmente com os membros da delegação várias regiões do Líbano bombardeadas pelos aviões israelitas. Nenhuma delas pode ser considerada objectivo militar. Todas elas eram zonas civis onde viviam não só palestinos mas também libaneses. Nós próprios tivemos que interromper os nossos trabalhos no momento em que aviões israelitas sobrevoaram Beirute. Tivemos que nos refugiar em abrigos subterrâneos.

A nossa delegação teve oportunidade de discutir o problema com o então primeiro-ministro Rachid Al-Solh e com o dirigente da O.L.P., Yasser Arafat. No âmbito destas

discussões muito construtivas encontrava-se a necessidade de utilizar meios políticos e diplomáticos para encontrar uma solução do problema palestino e da questão do Médio Oriente no seu conjunto. A delegação exprimiu a esperança de que as actividades políticas e diplomáticas seriam intensificadas em 1975 para restaurar os palestinos nos seus legítimos direitos nacionais.

A despeito de inúmeros sofrimentos, o povo palestino deu mostras de uma perseverança e de um espírito de combate exemplares, mantendo intacta a unidade nacional, apesar das dispersões das famílias. Esta

luta do povo palestino já dura há várias dezenas de anos, mas é lamentável constatar que o europeu médio, orgulhoso do seu alto nível de vida e da sua cultura, pouco sabe sobre as condições de vida dos palestinos. Pior ainda: acredita na propaganda israelita, quando esta fala de destruição de objectivos militares, que mais não são, na realidade, que campos de pobres refugiados sem defesa.

É por isso que interessa tomar medidas para denunciar o carácter falacioso das informações difundidas por Telavive e fornecer informações mais correctas sobre as condições

reais em que vivem os palestinos, assim como sobre os sofrimentos que lhes são infligidos por parte das autoridades israelitas, contrariamente aos Direitos do Homem.

A afirmação da identidade nacional, as aspirações do Povo palestino à independência nacional e à paz, e também a um Estado e um território próprios, são tão justificadas como a de qualquer outro Estado. Resta-nos esperar que as forças de paz do mundo inteiro possam mobilizar-se para apoiar cada vez mais a luta do povo palestino em prol de um Estado e um território próprios.

Década da U.R.S.S. Fortalecer a amizade entre portugueses e soviéticos

As comemorações do 58.º aniversário da revolução russa — a primeira revolução socialista da História — ficarão assinaladas no nosso país pela «década da URSS», que decorrerá de 1 a 13 de Novembro próximo. No decorrer desses dez dias, cientistas, desportistas, artistas soviéticos visitarão Lisboa, Porto e outras cidades do nosso país. Esta iniciativa da Associação de Amizade Portugal-URSS será um valioso contributo para a aproximação entre dois povos que o fascismo impediu de conviver. O artigo que hoje publicamos, da autoria de R. Agaev, em exclusivo da «Novsti», apresenta aos leitores portugueses os elementos da delegação da longínqua República do Azerbaijão que se deslocará ao nosso país.

«Para todos nós, participantes da década da União Soviética, visitar nestes dias históricos as terras de Portugal, e ver com os próprios olhos as reformas revolucionárias, será motivo de profunda satisfação. Vamos a Portugal para fortalecer a amizade e a cooperação com o povo português» — estas são as palavras de Mamed Kaziev, que encabeça a delegação do Azerbaijão, vinda a Portugal para as comemorações da década da URSS em

Portugal, a convite da Associação de Amizade Portugal-URSS. Mamed Kaziev é um destacado estadista e homem público. Eleito deputado do Soviete Supremo da RSS do Azerbaijão, ele é, também, o vice-presidente do Comité permanente da Associação Internacional de Previdência Social.

«Nestes dias», declarou, ainda, numa entrevista concedida à agência de Imprensa Novosti, «vivo a recordar o meu primeiro encontro com os representantes do povo português, que se realizou em Maio do ano passado, na Irlanda, numa reunião da Associação Internacional de Previdência Social. A delegação de Portugal despertou o máximo interesse entre os participantes da reunião facto muito natural, pois aquela foi a primeira vez em que tivemos a ocasião de ouvir a voz de Portugal livre. Apreciamos o profundo desejo que manifestaram os delegados de Portugal de colher o máximo de informações acerca dos princípios da previdência social e de se servir da experiência dos países mais avançados neste sentido.

Sabe-se que Portugal está a realizar um programa social. Nós conhecemos, por expe-

riência própria, as dificuldades que sempre surgem nesta obra. A História mostra que a construção de uma nova sociedade por toda a parte suscita problemas — económicos, sociais e culturais.

Há mais de meio século, quando na Azerbaijão triunfou a revolução, a sua economia estava praticamente arruinada, e a sua população era quase toda analfabeta.

Quanto problemas surgiram na luta contra a ordem velha e as tradições antigas! Nacionalização, organização da indústria nacional, de uma agro-pecuária avançada e de uma cultura socialista — eis as vias do progresso social percorridas pela nossa República.

Portugal está a iniciar este caminho. Sabemos que a Revolução já deu vários passos em direcção ao socialismo. Mas ainda há muita coisa a fazer.

Para todos nós, participantes da década da União Soviética, visitar nestes dias históricos as terras de Portugal, e ver com os próprios olhos as reformas revolucionárias, será motivo de profunda satisfação. Vamos a Portugal para fortalecer a amizade e a cooperação com o povo português».

R. AGAEV («NOVOSTI»)

«A Situação Mundial e o Processo Revolucionário»

«O papel dos meios de comunicação de massa na actual luta sociopolítica aumentou em proporções que não têm precedentes nas revoluções do passado. A experiência do Chile convence-nos de que para alcançar a vitória é preciso suprimir o domínio do inimigo da classe sobre os meios de informação pública e de propaganda» — esta frase foi o pretexto para uma gigantesca campanha de mistificação nacional e internacional tecida à volta do chamado «caso República». Assumindo-se decerto como «inimigo da classe» e assumindo decerto o «República» de então como «dominado pelo inimigo de classe», os manipuladores do «caso» agarraram num artigo, a que se chamou «documento de Ponomarev» e transformaram-no, para efeitos propagandísticos e caluniatórios, num guia secreto que o P.C. da U.R.S.S. teria elaborado, para os P.C.s ocidentais conquistarem o poder. Escrito antes do 25 de Abril, o artigo de Ponomarev foi publicado

Os livros da semana



Alice Nicolau

na «Revista Internacional», de Junho de 1974.

Edições Avante publicaram recentemente, na sua colecção «Problemas da Paz e do Socialismo», o discutido artigo de Boris Ponomarev, acompanhado dum prefácio, onde se põe a nu toda a insidia contra-revolucionária que rodeou este texto.

A verdade é que, para além desses aspectos marginais ao artigo em questão, a leitura deste texto é extremamente útil. Será difícil encontrar tão sinteticamente formulada uma panorâmica da actual situação internacional. Depois, para quem vive um processo revolucionário como nós este texto é de importância capital. Tirando os ensinamentos da

derrota no Chile, o autor adverte que a Revolução só poderá desenvolver-se com êxito, se se assegurar o fortalecimento e a consolidação da sua base social, o que depende, em primeiro lugar da política económica. A análise da «via pacífica» para a Revolução é outro ponto importante do artigo. Uma simples citação será suficiente para destacar o pensamento do autor: «...os acontecimentos do Chile voltam a recordar a importância de se saber defender as conquistas revolucionárias e a enorme transcendência de se estar preparado para mudar rapidamente as formas de luta pacíficas e não pacíficas e de se ser capaz de responder com violência revo-

lucionária à violência contra-revolucionária da burguesia».

Por oito escudos podem os leitores portugueses adquirir este livro, lê-lo com toda a atenção, reflectir sobre o prefácio esclarecedor e o acompanhamento. E compreender em toda a sua extensão a desonestidade dos processos utilizados pelos inimigos da revolução.

«SOBRE O ANARQUISMO O TROTSKYISMO E O MAOISMO»

O «revolucionarismo pequeno-burguês», sob três formas (anarquismo, trotskismo e maoísmo), é o tema deste livro editado pela «Estampa», nos seus «Cadernos Políticos». Trata-se dum estudo feito em termos extremamente acessíveis e que o leitor se sentirá impellido a ler dum só fôlego. O maoísmo é o eixo central do livro, com referências constantes às outras correntes abrangidas pela denominação comum de «revolucionarismo pequeno-burguês».

Marginalmente aos temas fulcrais da obra, muitos ensina-

mentos parcelares se podem colher acerca das revoluções russa, chinesa, da criação da I Internacional, e do movimento operário em geral. Para além do seu interesse imediato, esta obra de Boris Leibzon é, pois, extremamente útil pelo apetite que suscita ao leitor em relação a outros livros que o informem mais profundamente acerca dos temas apenas afluídos aqui. Por outro lado, a linguagem deste livro, dispensando conhecimentos marxistas, incentiva-os, e treina o leitor num tipo de raciocínio e método de abordagem dos problemas, que o levará naturalmente a tentar adquirir os conhecimentos marxistas de que tanto se carece entre nós. Uma crítica nos parece, contudo, pertinente: a falta de cuidado que a editora teve, em situar

este livro cronologicamente. Os leitores que sabem da campanha contra Lin Piao e Confúcio actualmente em curso na China ficarão perturbados com as referências feitas no livro aos louvores de Lin Piao a Mao e com o papel destacado que lhe é atribuído na China. Também a admiração dos dirigentes chineses por Confúcio é posta em relevo nesta obra. Escrito pouco depois do IX Congresso do PC Chinês, este livro está desactualizado nesses pontos. Cremos que uma nota introdutória dos editores, explicando a queda de Lin Piao e a contestação contra Confúcio seria muito útil para os leitores: ficariam em dia e leriam com redobrado prazer as frases laudatórias que no livro se citam sobre Lin Piao e Confúcio.

«A situação mundial e o processo revolucionário»; Autor: Boris Ponomarev. Tradução, revisão e arranjo gráfico: colectivo das Edições Avante; Editora: Avante; Colecção: «Problemas da Paz e do Socialismo». Editado em Julho de 1975. Número de páginas: 31. Preço de capa: 8\$00.

«Sobre o anarquismo, o trotskismo e o maoísmo»; Autor: Boris Leibzon; Tradutora: Manuêma Machado. Capa de Soares Rocha. Editora: Estampa. Colecção: Cadernos Políticos. Editado em Setembro de 1975. Número de páginas: 202. Preço de capa: 5\$00.

Estrangeiro

RECAÍDA DE FRANCO

Prepara-se a transferência dos poderes para Juan Carlos

MADRID, 24 — (Pelos enviados da Reuter, David Reid e Tom Burns) — O generalíssimo Franco, ditador de Espanha durante quase 40 anos, luta hoje pela vida enquanto o sucessor designado, o príncipe Juan Carlos, se prepara para assumir o poder.

O Caudillo, de 82 anos, teve ontem uma recaída, após o ligeiro ataque cardíaco que sofreu, há três dias. Altos funcionários iniciaram imediatamente negociações urgentes que se concentraram aparentemente numa transferência, em breve, dos poderes para o neto do último rei de Espanha.

Um boletim médico, assinado por dez médicos que têm mantido uma vigília permanente no Palácio do Pardo, onde reside Franco, dizia que o chefe de Estado piorara e que ti-

nham surgido «sintomas incipientes de insuficiência cardíaca».

Foi o primeiro boletim médico assinado pelos médicos. Antes, comunicações de funcionários governamentais tinham-se limitado a dizer que o Caudillo estava a recuperar bem do ataque cardíaco, provocado por uma gripe.

O marquês de Villaverde, genro de Franco, travou conversações separadas com o príncipe, de 37 anos, o primeiro-ministro Carlos Arias Navarro e com Alejandro Rodríguez de Valcarcel, presidente do Conselho de Regência e também presidente das Cortes (Parlamento), que assume constitucionalmente o poder com a morte do chefe de Estado.

Arias Navarro, acompanhado

por Valcarcel, deslocou-se ontem, à noite, ao Palácio do Pardo. Ambos visitaram subseqüentemente Juan Carlos na sua residência, segundo revelaram fontes políticas fidedignas.

O príncipe recusara-se antes a assumir o poder numa base temporária — uma missão da qual se desentendeu durante uma doença grave que Franco sofreu no ano passado. Fontes dignas de crédito disseram que Juan Carlos informara o chefe do Governo que desejava o poder permanente ou nenhum.

O gabinete deverá reunir-se hoje na sua sessão semanal, presidida tradicionalmente pelo generalíssimo Franco. As mesmas fontes revelaram que a transferência do poder para o príncipe será o primeiro tópico da agenda.

A doença do Caudillo registou-se numa altura em que a Espanha enfrenta uma grave crise provocada por uma planeada marcha de marroquinos desarmados sobre a sua colónia na Sara Ocidental. O ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros, Ahmed Laraki, é esperado hoje em Madrid para realizar negociações directas, à última hora, com o Governo espanhol, a fim de se evitar uma crise.

Observadores políticos declararam que o possível fim do poder do único governante que a maioria dos espanhóis conheceu anunciava um novo capítulo na história turbulenta da Espanha.

O Governo com mão de ferro do generalíssimo Franco, o último dos ditadores sobreviventes dos anos 30, manteve a Espanha afastada da principal corrente política da Europa Ocidental.

Exteriormente, porém, Madrid acha-se calma, embora círculos militares afirmassem que o Exército se encontrava em «estado de alerta menor», com as licenças do fim-de-semana canceladas e os militares retidos nos aquartelamentos.

Quando altos funcionários e cardiologistas andavam numa lufalufa para o Palácio do Pardo, situado numa grande propriedade particular nos arredores de Madrid, as

agências noticiosas espanholas começaram a transmitir obituários do Caudillo e pequenas biografias do futuro chefe de Estado, para serem publicadas após a morte de Franco.

Oposição à monarquia

CIDADE DO MÉXICO, 24 — (F.P.) — «O Partido Socialista Operário Espanhol combaterá o regime Juan Carlos com o mesmo vigor que usou na luta contra o do general Franco», declarou ontem no México um dos dirigentes deste movimento, Juan Urquiola.

«A plataforma de convergência democrática», constituída pelo Partido Socialista e as «juntas de-

mocráticas» (de orientação comunista) estão de acordo para combater uma monarquia imposta — acrescentou Urquiola.

A única maneira do regime do príncipe Juan Carlos ter hipóteses de sobreviver seria submeter-se a um referendo, — disse ainda Urquiola, que participa na capital mexicana no congresso da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (C.I.S.L.).

SILÊNCIO E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL ESPANHOLA

MADRID, 24 — (Por François Pelou, da F. P.) — Duas horas depois da publicação do comunicado que anunciou o agravamento do estado de saúde do general Franco, o Palácio do Pardo tornou a mergulhar pelas 23 horas em calma total.

O presidente das Cortes, o presidente do Governo, Arias Navarro, o príncipe Juan Carlos e vários ministros que ali tinham ido, retiraram-se enquanto uma muralha de silêncio e de calma isolou a capital submersa por uma noite tornada ainda mais irreal e obscura por uma poluição excepcionalmente elevada.

As emissoras de rádio continuavam a transmitir programas de música ligeira e programas de variedades, enquanto a TV apresentava uma película programada havia dias.

Os ministérios estavam fechados e depois de um frenesim de rumores contraditórios e alarmistas anunciando que o chefe do Estado se encontrava em estado crítico e sem esperança, ou até em coma, na cidade, no Palácio do Governo como em casa das personalidades oficiais que tinham garantido a autenticidade destes rumores, voltava a reinar a calma.

Um porta-voz, que já não se ousa qualificar de oficial, anunciava até que «o chefe do Estado estava a recuperar».

Sim, houve agravamento esta manhã — dizia um alto funcionário mas tudo retomou o seu curso normal. «O chefe do Governo deixou o Palácio do Pardo depois de se informar da saúde do caudillo e foi jantar num restaurante com amigos».

Enquanto a cidade adormecia como se nada se tivesse passado depois de mais um dia de rumores, de tensão, de contradições e de segredo, duas coisas eram certas:

O boletim de saúde foi publicado cerca de 15 horas depois do agravamento do estado de saúde do general Franco. Divulgado às 21 horas, não refere nenhuma melhoria nem estado que se agravava antes do alvorecer. Foi o primeiro boletim de saúde oficial depois da doença de Julho de 1974. Está assinado por 11 médicos e es-

pecialistas e, de acordo com as afirmações oficiais dos dias precedentes, faz entrar automaticamente em acção o mecanismo da transmissão dos poderes.

Segundo informadores oficiais, com efeito, não fora publicado nenhum boletim médico quando da primeira recaída cardíaca do general Franco, na terça-feira de manhã, porque este se restabeleceu rapidamente e os dirigentes consideraram inútil entrar no processo de transmissão dos poderes ao príncipe Juan Carlos de harmonia com o art. 14 da lei da sucessão, o qual estipula que a incapacidade do chefe do Estado é decidida pelo Governo por maioria de dois terços. O conselho do reino é então informado. Se o considerar necessário, por maioria de dois terços, informará as Cortes, as quais, reunidas nos oito dias imediatos, terão igualmente que se pronunciar por uma maioria de dois terços.

Mas, mesmo para observadores e jornalistas habituados aos silêncios oficiais precedentes, o de quinta-feira é o mais enigmático.

Caleidoscópio

■ REYKJAVIK, 24 — (R.) — As mulheres da Islândia puseram-se hoje em greve, deixando os homens preocupados a interrogarem-se como devem passar sem elas.

As senhoras militantes — há cerca de 60 000 com mais de 19 anos, segundo o último recenseamento — fazem a paralisação simbólica para provar como são indispensáveis.

■ LONDRES, 24 — (R.) — Os políticos britânicos foram hoje avisados para estarem alerta contra atentados bombistas como a explosão de ontem em frente da casa onde Caroline Kennedy, de 17 anos, filha do falecido presidente dos Estados Unidos, estava alojada.

A explosão matou o professor Gordon Hamilton Fairley, um dos maiores especialistas de cancro britânicos que passava em frente da casa.

■ LONDRES, 24 — (F.P.) — O jornal londrino «Financial Times» não foi publicado na

quinta-feira em consequência de um conflito entre os tipógrafos e a direcção. Os tipógrafos entraram em greve na quarta-feira, a fim de obrigarem a direcção a esclarecer o futuro dos trabalhadores do jornal. Os operários temem, com efeito, que a direcção despeça alguns trabalhadores.

■ ROMA, 24 — (F.P.) — Uma «jornada de luta pela reforma das Forças Armadas» efectuou-se ontem na Itália, correspondendo ao apelo da Comissão Nacional de Coordenação de Sargentos. Realizaram-se manifestações sem incidentes em várias cidades italianas.

Os sargentos do Exército italiano reivindicam o direito sindical, exigindo uma reforma do Exército «no sentido democrático», a revisão da disciplina militar e a melhoria da sua situação económica, como explicaram os manifestantes nos panfletos que distribuíram no centro de Brescia (norte de Itália).



O general Franco e o príncipe Juan Carlos fotografados no passado dia 12, altura em que apareceram juntos em público pela última vez

FRAGA IRIBARNE PODERÁ SER O NOVO CHEFE DO GOVERNO

MADRID, 24 — (ANOP) — Depois de horas de tensão e expectativa com a publicação, às 21 e 20 de ontem, do boletim clínico assinado por onze médicos em que se anunciava o agravamento do estado de saúde de Franco, com a iminência de novos acontecimen-

tos urgentes, parece que pelo menos neste momento não serão conhecidos oficialmente novos factos.

Nada mais se sabe sobre Franco, se morreu, como foi anunciado em vários meios, se melhorou ou não. O que parece estar preparado é todo o processo de transmissão de poderes.

Sabe-se entretanto que desde antontem começou a ser executado o «Plano Lucero», plano de segurança militar de semi-estado de prevenção. Estaria na primeira fase ainda com a suspensão de pernoitar fora aos militares, suspensão de licenças e formação de um «cinturão de segurança» à volta de Madrid. Em segunda fase atingir-se-iam outros objectivos de segurança estratégica.

Não se espera entretanto qualquer alteração.

O facto de este plano ter começado a ser executado revela apenas que a transmissão estaria prevista para estes dias, mas de momento não existe qualquer confirmação. Pode acontecer de um momento para o outro. Aqui tudo pode acontecer de um momento para o outro. Os acontecimentos são iminentes.

Sabe-se que por trás e em função dos acontecimentos está sendo preparado e negociado um plano político, sobretudo no que se refere ao futuro chefe do Governo. Os indícios mais evidentes apontam para Fraga Iribarne, ex-ministro da Informação e Turismo, embaixador em Londres que tinha o regresso marcado para a segunda metade de Novembro mas que o pode antecipar. Em Londres e reunindo-se com Fraga encontra-se, desde terça-feira, o general Díez Ale-

gria, outro dos possíveis indicados para presidente do Governo. Pensa-se que ambos estariam a negociar. A outra indicação, mas parece que a que tem menos probabilidades, apontaria para Arias Navarro.

Fraga, conhecido como um homem duro, de centro direitista com ar de liberal, autoritário, com forte apoio nos meios económicos e burgueses-liberais, seria quem reuniria mais confiança não só de militares como dos americanos. Consta até que tem já delineado o seu grupo ministerial. A sua entrada equivaleria a abrir pelo menos a oportunidade para outros grupos políticos, com excepção do Partido Comunista e dos esquerdistas radicais.

A hipótese Díez Alegria, que teria como colaborador um catedrático de direito administrativo, comporta o que se poderia chamar o Governo técnico que prepararia eleições e a mudança de toda uma série de estruturas.

A solução Arias Navarro, segundo diversas fontes, não é tão viável e representaria o regresso ao espírito e programa do 12 de Fevereiro de 1974 e que não pode cumprir.

De qualquer maneira, a direita parece marginalizada no sentido de liderar qualquer hipótese de solução.

De momento espera-se uma certa tranquilidade, embora a curto prazo se possam desencadear as grandes lutas pelo Poder a nível de grupos políticos e económicos. De momento os Estados Unidos apoiam, sem interferência directa e imediata, qualquer das duas primeiras hipóteses, com preferência para a de Fraga Iribarne.



O embaixador espanhol em Londres, Fraga Iribarne, que é considerado o candidato com mais possibilidades no que diz respeito à futura chefia do Governo

Espectáculos

POLÓNIA:

O TEATRO E A CRÍTICA TRATADOS A SÉRIO

Concluimos hoje a transcrição de parte da gravação de uma mesa-redonda em que esteve presente o crítico Roman Szydlowski, presidente da Associação Internacional de Críticos de Teatro. Participaram no debate, que se efectuou na Sociedade Portuguesa de Autores, Luís Francisco Rebelo (SPA), Maria Helena Da Mesquita (A Capital), Fernando Midões (Diário Popular), Carlos Porto (Diário de Lisboa) e, durante algum tempo, Urbano Tavares Rodrigues («O Século»).

INTERESSE PELO TEATRO PORTUGUÊS

Conhece autores portugueses?

R.S. — Não, apenas conheço os autores portugueses através da interessante conferência que Rebelo fez na sede da nossa Associação de Críticos, no ano passado, em Varsóvia. Tinha muito interesse para nós receber peças traduzidas de dramaturgos portugueses.

Vai publicar-se na Polónia uma antologia de textos dramáticos portugueses.

R.S. — Penso que o teatro polaco terá vir a interessar-se pelo teatro português porque parece-me haver certas afinidades entre as tradições poéticas polacas e portuguesas. Tenho pelo menos essa convicção, embora naturalmente não o possa garantir. Numa como noutra, tanto quanto me possa aperecer, há, um certo romantismo, uma idêntica apatência da liberdade. Aqui não tenho a sensação de estar num país estrangeiro. Disse I enine que havia grandes afinidades entre a Espanha e a Polónia devido à tradição católica e revolucionária. Penso que essa comparação é também válida para Portugal. Todos os polacos que aqui vêm dizem que se sentem em Portugal perfeitamente à vontade. Não há nenhuma distância entre nós, e o contacto estabelece-se imediatamente, o que é muito agradável. Espero que sintais o mesmo na Polónia.

TEATRO

● CRIANÇAS AO MARTIM MONIZ

Os trabalhadores do Teatro «Adóque» anunciam que, a partir da próxima semana terão início nas suas instalações do Martim Moniz os ensaios de um espectáculo infantil destinado às crianças pobres de Lisboa onde serão representados: «Indiozinho Raio de Luar» e «Pedro e o Lobo». Mas para as crianças, mais importante será, talvez, a criação do Centro Infantil do «Adóque» que sob orientação pedagógica da

professora Maria Virgínia e com a colaboração dos elementos do Grupo, irá proporcionar gratuitamente iniciação coreográfica, iniciação teatral, iniciação musical, jogos de expressão, trabalhos manuais, desenho pintura, etc. As comissões de moradores poderão desde já contactar o «Adóque» no sentido de que as crianças dos seus bairros possam beneficiar deste empreendimento.

● AMOREIRAS EM CAMPOLIDE

Por iniciativa do Sport Lisboa e Amoreiras, membro da União dos Clubes de Campolide, realiza-se amanhã, pelas 21 e 30, no Teatro Municipal de S. Luiz, uma noite de teatro amador, totalmente preenchida pelo seu grupo de iniciação teatral, composto por amadores, com as seguintes peças: «Zázá», comédia em 1 acto de César Mendonça; «Luís de Castro», comédia

em 1 acto de Abreu e Sousa; «Está Lá», comédia em 1 acto de André Brun.

O fim desta iniciativa, destina-se na sua totalidade à obtenção de fundos, que se destinam exclusivamente a obras de beneficência a executar na Escola da Câmara N.º 13, em Campolide, edifício que se encontra em precárias condições de utilização.

● CUBA : POLÍTICA NO TEATRO

HAVANA — O teatro Carlos Marx, o maior de Cuba, foi o local escolhido para a realização do I Congresso do Partido Comunista Cubano (P. C. C.), em Dezembro próximo.

A sala foi reconstruída e transformada em pouco mais de um ano, tem agora capacidade para 4000 pessoas e está

equipada com 12 cabinas de tradução simultânea, além de dispor de aparelhagem moderna para o seu funcionamento como casa de espectáculos.

O edifício terá na frontaria um fac-símile com a assinatura de Karl Marx, fundador do comunismo científico e guia do proletariado mundial.

Mesa-redonda com o crítico Roman Szydlowski

E a primeira vez que vem a Portugal?

R.S. — E a primeira vez. Nunca fui a Espanha e vejo que tenho que esperar ainda algum tempo para lá ir.

Há entre nós um grande interesse pelos problemas portugueses. A nossa delegação foi a primeira delegação de países socialistas que chegou a Portugal depois do 25 de Abril. E a visita do Presidente Costa Gomes foi para nós muito interessante tendo concitado a atenção do povo polaco. Precisamos, sobretudo, de receber muitas informações sobre o que se passa em Portugal, incluindo naturalmente o teatro.

O TEATRO

E o vosso povo vai muito ao teatro?

R.S. — Sim. Houve um momento em que a televisão foi um perigo para o teatro. Depois tornou-se um verdadeiro aliado. As pessoas viam pela primeira vez teatro e ficavam a gostar o que as levava a ver as peças ao vivo. Actualmente, o público aumentou bastante e é curioso verificar que há um grande interesse por parte da juventude. Integrámos nas escolas o ensino do teatro porque pensamos que o teatro é uma arte difícil que deve ser explicada aos mais jovens.

Penso que aqui em Portugal poderemos integrar o teatro no ensino das outras disciplinas, em especial na de Português porque, a meu ver, o teatro tem muito a ver com a língua.

R.S. — Sim. Pela nossa parte estamos actualmente muito interessados em organizar cursos de teatro nas escolas.

Mas o teatro aprende-se isoladamente ou integra-se, como dizia noutras disciplinas?

R.S. — São duas hipóteses de trabalho diferentes e penso que devemos utilizar uma e outra. Temos tido, no entanto, problemas como o recrutamento de professores pois não temos nesse campo (algo difícil) quadros suficientes. Surge por vezes conflitos deste género: velhos professores pretendem encerrar o teatro como uma forma estritamente literária. Levantavam-se, por isso discussões entre esses professores e os alunos que iam ao teatro e diziam que o teatro não era aquilo que os professores diziam pois não era apenas o texto. Neste momento, há uma grande liberdade no teatro polaco e as pessoas já o encaram como uma arte autónoma que é outra coisa que o simples texto.

— A meu ver, uma das formas de motivar os alunos — que são bastante rebeldes — para a aprendizagem da língua é proporcionar-lhes a possibilidade de fazerem uma interpretação viva do texto, como se estivessem no teatro. Mas claro, para isso é necessário que os professores disponham de determinados conhecimentos.

R.S. — Uma das coisas que sinto que fazemos na Polónia consiste em convidar os professores a assistir aos ensaios gerais de algumas peças mais importantes. Depois dos ensaios fazem-se debates entre os professores e os encenadores para esclarecimento das intenções do trabalho destes últimos. Além disso, os estudantes visitam os teatros por dentro para que possam conhecer os aspectos técnicos da sua prática.

O TEATRO E AS CLASSES TRABALHADORAS

Tudo isso começou imediatamente com a Revolução?

R.S. — Não. Trata-se de um processo que se veio a desenvolver gradualmente, e que se acelerou nos anos 60. Ao princípio, o teatro era visto sobretudo pelo resto da burguesia, empregados, etc.

Continuamos a ter um problema grave com o público operário. O teatro ainda não popularizou suficientemente entre os operários que preferem o cinema e a televisão. Para eles, o teatro continua a ser uma

arte de prestígio, continua a ter uma etiqueta de arte elitária. Temos uma média de 20 por cento de operários no público de teatro, nos melhores casos.

O resto do público é constituído por empregados e intelectuais.

E os camponeses vão ao teatro?

R.S. — É um facto curioso, os camponeses vão muito mais ao teatro. Organizamos durante o Inverno — época em que têm menos que fazer — excursões de camponeses para verem teatro; temos grupos itinerantes que visitam os centros rurais; temos mesmo um barco que desloca espectáculos a locais para os quais não há outros acessos. Os camponeses, com efeito, gostam muito de teatro.

Fazem-se espectáculos nas fábricas?

R.S. — Não. Nas fábricas há grupos de amadores constituídos pelos próprios operários. Há mesmo um festival organizado pelos sindicatos com espectáculos feitos por operários. Há razões de ordem prática que explicam o facto dos operários não irem muito ao teatro; por exemplo, chegam normalmente tarde, a casa e, por razões de tempo, têm dificuldades em deslocar-se ao teatro. Estamos agora a construir teatros junto dos locais onde há uma maior densidade de população operária. Depois, os operários pensam que devem vestir-se de outra maneira para ir ao teatro.

Não...

R.S. — É verdade.

Então, continuam a existir preconceitos na Polónia.

R.S. — Sim, claro. São problemas cuja resolução é morosa. Mesmo se dissermos aos operários para irem ao teatro é uma questão de irem vestidos de outra maneira. Pensamos também em diversificar os horários das sessões para facilitar a sua ida aos espectáculos. De qualquer forma, trata-se de um problema que ainda não conseguimos resolver embora trabalhemos nesse sentido.

(Falámos ainda da nacionalização do teatro, tendo-nos Roman Szydlowski dito que na Polónia o teatro começou por ser municipalizado e só depois foi nacionalizado; perguntamos-lhe se há na Polónia críticos que analisam o espectáculo teatral segundo uma perspectiva semiológica, ao que nos respondeu afirmativamente, acrescentando que um seu camarada publicou recentemente, em francês, um livro sobre a semiologia do teatro).



A RTP homenageia Chostakovitch

O programa «Música, Música», que a R. T. P. transmite esta noite, será preenchido, na segunda parte, com uma homenagem ao célebre compositor contemporâneo Dimitri Chostakovitch.

A primeira parte, apresentada por José Nuno Martins, terá

a colaboração do Trio Harmonia, recentemente galardoado com o primeiro prémio do Campeonato Mundial de Conjuntos de Harmonia de Boca, e a Oficina Samba.

A segunda parte será apresentada pelo nosso colaborador Mário Vieira de Carvalho.

MÚSICA

● PROFESSORES DE FLAUTA DE BAMBÚ

Até ao próximo dia 30 do corrente estará aberta a inscrição para o Curso de Formação de Professores de Flauta de Bambú, promovido pela Fundação Gulbenkian — Av. de Berna, 45, das 9 às 13 horas e das 14 e 30 às 17 e 30, a fim de preencher os respectivos boletins de inscrição.

pretação de Flautas de Bambú, é necessário o Curso Geral do Conservatório Nacional.

Os interessados devem dirigir-se à sede da Fundação Gulbenkian — Av. de Berna, 45, das 9 às 13 horas e das 14 e 30 às 17 e 30, a fim de preencher os respectivos boletins de inscrição.

● CONCERTO EM QUELUZ

Esta noite, às 21 e 30, promovido pelo Conselho de Moradores de Queluz, realiza-se, no liceu da vila, um concerto pelo Regimento de Infantaria

de Queluz. Serão interpretadas obras de Wagner, Weber, Lucene, Fred Loewe, etc.

CINEMA

● CINEMA CUBANO: PRÉMIO EM BARCELONA

BARCELONA — Cuba obteve o galardão máximo da VI Semana Internacional do Cinema, realizada em Barcelona.

Entre as curtas metragens cubanas galardoadas figuram «Now», «LBJ», e «79 Primavera», do realizador Santiago Alvarez, subdirector do I. C. A. I. C.

O prémio Frutuoso Gelabert, concedido pelos Cineclubes Catalães foi atribuído a um conjunto de curtas metragens do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas (I. C. A. I. C.), tendo o júri declarado que nenhuma película de longa metragem apresentada ao concurso correspondia às bases estabelecidas.

Contam-se ainda nesta série, as obras: «Sobre um Primer Combate», de Octavio Cortazar, «História de Una Batalla», de Manuel Octavio Gomez, «Medina do Boé», de Jose Massip, «1868-1968» de Bernabé Hernandez, «Arte del Pueblo», de Oscar Valdés, e «Trinidad», de Hector Veitia.

MAYO REGRESSA EM OUTUBRO

HOLLYWOOD, 24 — (ANOPP) — Após mais de seis anos de «silêncio cinematográfico», regressou aos estúdios de Hollywood a actriz norte-americana Virginia Mayo, que se havia dedicado à actividade tea-

tral. A artista participa no novo filme de Michael Winner «Wol Tonton, o Cão que Salvou Hollywood» que tem como protagonistas Bruce Dern Madeline Kahn e Art Carney.

NOVOS DISCOS

O mercado do disco continua a receber, lá das estranhas, reforços vindos de diferentes latitudes. De Itália, chega-nos Claudio Villa: um estilo tradicional patente em «Bella Ciao» e «Bandiera Rossa». São da primeira composição estes versos:

«Ma se tornasse l'invadore Bella ciao, bella ciao, Bella ciao, ciao, ciao. Ma se tornasse l'invadore C'è mio figlio a guerreggiar».

Roberto Flack, grande do mundo musical, permanentemente em foco. Agora, nova gravação: «Feelin' That Glow» e «Some Gospel According To Matthew».

Outro 45 de outra cantora negra: Minnie Riperton, que surge em «Lovin' You» e «The Edge of a Dream», trechos da Riperton e de Richard Rudolph.



Peter Hammill, dos «Van der Graaf Generator»

Anka). E, também, as quatro moças do grupo «The Pointer Sisters», à «boa moda antiga» em «How Long» («Betcha Got a Chick On The Side») e «Easy Days».

VAN DER GRAAF

Após um longo período de actividade individual, os quatro membros do importante grupo surgido no princípio da década de 70, «Van der Graaf Generator», juntaram-se de novo para recriar o seu próprio estilo de «rock».

Iniciando a sua actividade com uma «tournée» em França, no mês de Maio, o grupo atingirá a sua total capacidade operacional antes de Novembro, quando estarão à disposição do público as suas novas gravações.

Geral

Trabalhadores do M.E.I.C. obtêm duas vitórias

«Os actuais problemas do M.E.I.C. nada têm a ver» com a greve dos respectivos Serviços Centrais, declarou ontem o Secretário das Intercomissões aos órgãos de informação em conferência de imprensa realizada no próprio M.E.I.C.

Convocada sobretudo para explicar o processo e as fases de luta de uma greve subordinada à reivindicação da «reparação de injustiças» na conferência de imprensa os trabalhadores do M.E.I.C. anunciaram ter já conseguido pelo menos duas vitórias sendo a primeira satisfação de «proposta de critérios». Lembra-se que no cerne do problema estava a situação do pessoal do M.E.I.C. em desvantagem com elementos que eram colocados depois, nomeadamente no que respeita a promoções, nomeações e garantias de trabalho. A segunda vitória salda-se na determinação do ministro Vítor Alves (ao contrário do que decidira antes) de pagar por

inteiro os dias de greve, de 9 a 17 de Outubro, portanto. «A Unidade e firmeza na luta foram factores decisivos para as vitórias que os trabalhadores do M.E.I.C. já alcançaram», sublinhou o Secretário de Intercomissões de Trabalhadores dos Serviços Centrais do Ministério da Educação.

Finalmente, não é demais realçar, recorde-se que foi esta «a primeira luta generalizada ao nível dos trabalhadores do Estado».

TRABALHADORES-ESTUDANTES

Dando cumprimento ao determinado na Assembleia realizada no passado 15 de Outubro, os trabalhadores-estudantes candidatos ao Ensino Superior incluindo os que obtiveram as habilitações em 1975, vão reunir-se num plenário nacional a realizar amanhã, pelas

16 horas, na sala 1 do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, sito na Avenida do Brasil.

Da ordem de trabalhos constam informações (historial do processo feito pelo Centro Coordenador), análise do documento-base (acesso, horários e condições de trabalho e reconversão); e ainda formas de luta a adoptar.

Recorda-se que no seu documento-base a comissão coordenadora dos trabalhadores estudantes, exige a «entrada imediata e incondicional de todos os trabalhadores-estudantes na Universidade, inclusive os que alcançaram habilitações académicas em 1975»; exige «a criação de um horário em todos os estabelecimentos de Ensino Superior (das 8 às 23 horas) dando prioridade ao trabalhador-estudante de escolha do mesmo, de acordo com o seu tempo livre».

Entre outras das reivindicações apontam-se: a concessão de duas horas diárias sem qualquer compensação, considerando um horário nacional; que todos os sectores de apoio (secretarias, bibliotecas, secção de folhas) se mantenham em funcionamento normal paralelamente ao horário da escola; a isenção de propinas e concessão de bolsas aos mais desfavorecidos e a premiar os mais aplicados; a criação de um estatuto do trabalhador-estudante, onde sejam salvaguardados os direitos e deveres, elaborado com a participação dos trabalhadores-estudantes, sindicatos e M.E.I.C.

Aval à Sociedade Financeira

Por resolução do Conselho de Ministros publicada hoje na folha oficial, foi concedido à Sociedade Financeira Portuguesa um aval no montante de 5 500 000 dólares.

A resolução considera a quota de igual montante que a Sociedade teve na compra de três aeronaves para a TAP, num financiamento de 33 700 000 dólares do Con-

sórcio Internacional de Bancos a que a Sociedade pertence. Mais considera que na actual conjuntura, não é possível àquela Sociedade obter no mercado externo financiamento adequado.

O aval é em título a apresentar a desconto no Banco de Portugal, onde, com o respectivo produto, será adquirida a necessária cobertura de divisas.

Os aduaneiros do Pendjab

Continuação da pág. 3

de guerra paquistaneses que a Índia ainda conservava e, em troca, Islamabad reconheceu oficialmente Bangladesh. Mujibur Rahman foi a Lahore, e Bhutto seria calorosamente acolhido meses depois em Dacca. Mas os resultados concretos desses gestos de boa vontade fizeram-se esperar até à queda do pai da nação bengalesa, a 15 de Agosto último.

Após a morte, sob a metralha, de Mujibur Rahman, o Paquistão foi o primeiro país a reconhecer o novo regime de Dacca. No fim de Setembro, um barco paquistanês deixou Karachi com uma carga de arroz e de vestuário, oferecidos, como auxílio, à antiga província oriental. Na O. N. U., os ministros dos Negócios Estrangeiros tiveram conversas que, a 4 de Outubro, chegaram ao anúncio do estabelecimento de relações diplomáticas. Em breve deverá haver troca de embaixadores.

Um problema apasiona hoje os peritos. A favor de quem se pronunciará o Bangladesh quando o grupo dos países asiáticos da O. N. U. tiver de escolher, entre os candidatos paquistaneses e indianos, o seu representante entre os membros não permanentes do Conselho de Segurança?

Após a derrota de 1971, Ali Bhutto, por gosto pessoal e também para restaurar o prestígio gravemente comprometido do seu país, pelos excessos do exército no Bangladesh, consagrou parte do seu tempo à acção diplomática. Em consequência da perda da sua província oriental, o Paquistão retirou-se da O. T. A. S. E. (Organização do Tratado da Ásia do Sudeste, em vias de desaparecimento), em Novembro de 1972, meses depois de haver deixado a Commonwealth. Continua, no entanto, a pertencer ao C. E. N. T. O. (Organização do Tratado Central), o que o impede de ter lugar entre os países não-aliados. Embora o levantamento do embargo do armamento decidido este ano pelos Estados Unidos, ainda não tenha tido consequências (os americanos querem receber o pagamento imediato), esta medida, esperada desde a visita de Kis-

singer a Islamabad em Outubro de 1974, contribuiu largamente para o desenvolvimento das boas relações com Washington.

UMA DIPLOMACIA ACTIVA

A China, cujo amparo moral foi tão apreciado durante a guerra no Bangladesh, continua a ser a aliada de que mais se fala em Islamabad. As grandes sociedades paquistanesas compraram espaços publicitários nos principais jornais a fim de cumprimentar o grande povo chinês, por ocasião do vigésimo sexto aniversário da República Popular, no princípio deste mês.

No entanto, o primeiro-ministro foi por duas vezes a Moscovo a fim de melhorar as relações com o melhor aliado da Índia. Os chineses construíram a estrada da amizade, no Norte do país. Mas os soviéticos estão a terminar o maior complexo siderúrgico do Paquistão, perto de Karachi.

Bhutto multiplicou os contactos com os países muçulmanos. Desde a sua ascensão ao Poder, fez mais de vinte viagens oficiais a esses países. A solidariedade com os Estados do Próximo Oriente contra Israel, a exaltação da solidariedade islâmica, têm um grande lugar na imprensa oficial.

Estas profissões de amizade custam caro aos países produtores de petróleo. É certo que o petróleo bruto é entregue ao Paquistão a preço internacional. Mas enquanto que a factura petrolífera se elevou a 350 milhões de dólares, durante o exercício 1974-1975 (o orçamento paquistanês é encerrado a 30 de Junho de todos os anos), Islamabad recebeu, pelo mesmo período, um auxílio de 410 milhões de dóla-

Delegação da C.F.D.T. vem a Lisboa

É esperada no domingo, em Lisboa, uma delegação da C. F. D. T., que a convite da Intersindical visita o nosso país, de 26 a 29 do corrente. A delegação é composta por Jacques Moreau e René Salanne, membros da Comissão Executiva; Emile le Beller, Jacques Tignon e Jacques Chereque, membros do «Bureau National» e Pierre Svain, secretário confederal.

Leite a horas em Janeiro

Com vista à discussão dos problemas de abastecimento de leite na Zona da Grande Lisboa, efectua-se hoje, às 21 e 30, na Associação dos Lojistas, uma importante reunião com os retalhistas desse ramo, de onde deverão sair medidas regularizadoras da distribuição daquele produto.

Relativamente ao problema do leite, o vice-presidente da Junta Nacional de Produtos Pecuários, Pinto Cardoso, em declarações prestadas à ANOP, afirmou que o seu abastecimento poderá estar regularizado no princípio do próximo ano, com uma melhor estruturação das áreas de Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Baixa e Beira Alta, que proporcionará, pelo menos, 200 postos de trabalho. Naquelas áreas, a Junta está a efectuar uma organização nacional, tanto na produção como na distribuição do leite.

Hoje



Marlene Dietrich, principal intérprete do filme desta noite «A Imperatriz Vermelha»

I PROGRAMA

- 19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
- 19.30 «O Perigo é a Minha Profissão»
- 20.00 Panorama — apoio à pequena e média indústria
- 20.30 Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.00 Afinal como é?
- 21.30 Música, Música! — um programa em que coexistem a música clássica e a música ligeira.
- 23.00 Telejornal — 3.ª edição
- 23.20 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e Largo do Pelourinho
- 21.30 Telejornal — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
- 22.00 Noite de Cinema — «A Imperatriz Vermelha» («Scarlet Empress») — um filme produzido em 1934 e realizado por Joseph von Sternberg, com Marlene Dietrich, John Lodge e Sam Jaffe.
- 23.55 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Música, Música! (21.30)

II PROGRAMA

Cinema — «A Imperatriz Vermelha» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e Fronteiras do Amanhã; 13.00: Retrospectiva — revista desportiva; 13.15: Telejornal — 1.ª edição; 13.30: Hoje Pode Ver — os programas dos teatros e cinemas de TV; 13.40: Rock em Stock — um programa de música jovem; 14.05: Cinema de Animação; 14.35: Falar de Educação; 14.55: Eurovisão — Raguebi — transmissão directa do jogo entre as seleções da França e da Argentina; 16.35: Documentário; 17.00: Desenhos Animados; 17.25: Expedição — documentário; 18.00: «A Iha do Tesouro» — segundo a obra de L.R. Stevenson; 18.20: Cartaz TV; 19.00: Cada Dia uma Esperança — pelo dominicano Luis de França; 19.55: Concerto Sinfónico; 19.55: Relatório; 20.30: Telejornal — 2.ª edição; 21.05: Noite de Cinema — «Lacos Humanos» («A Tree Grows in Brooklyn») — um filme produzido em 1945. Realização de Elia Kazan. Interpretação de Dorothy McGuire, James Dunn e Peggy Ann Gardner; 23.45: Telejornal — 3.ª edição; 00.00: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Desenhos Animados; 20.50: «O Perigo é a Minha Profissão»; 21.15: Retrospectiva; 21.30: Telejornal — a 2.ª edição em diferido do I Programa; 22.00: «Jane Eyre» — série filmada produzida pela B.B.C. baseada no romance homónimo de Charlotte Brontë; 23.50: A Gente que Nós Somos; 00.10: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Destacado e pagamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

ADOQUE
grupo de teatro

(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80

HOJE

As 20.30 e 22.30 horas

• 2.º MÊS! •

ACIADOS CARDEAIS



VEJA
ERMELINDA DUARTE
em «O Estica»
Uma notável composição!

• ÊXITO! •

(Não ac. men. 18 anos)

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
(AR REFRIGERADO)
Tel. 5513
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingo a tarde 15 h
VÁSIO MORGADO APRESENTA



Poema: Eduardo Dantas, Carlos Coelho, José Vilhena
Música: João Nogueira, João Vaz, Manuel Palma
MILU * CARLOS COELHO *
AIDA BAPTISTA * OCTAVIO
DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atuação na íonal
HELENA TAVARES
no «compere» CARLOS MIGUEL

O Internacional
VIP BALLET
18 esculturais
bilhetes

e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

Desporto

im Boletim Boletim Boletim Bo

UMA NÓDOA EM CASTELO BRANCO

O inacreditável aconteceu em Castelo Branco. Na véspera da inauguração de novo período de ensino da natação, às crianças de todas as escolas da cidade, vândalos assaltaram a piscina municipal e atiraram para a água toda a sorte de coisas que lhes apeteceu: desde sacos com diatomite (produto utilizado no isolamento de paredes) e estrados de madeira a cestos e baldes com lixo. Enfim: todos os utensílios que apanharam à mão.

Não vale a pena acrescentar mais nada a esta simples notícia que fala, em verdades como punhos, do modo como muito boa gente, deste Portugal-75, continua a viver na selva das ideias retrógradas e (infelizmente) apegadas a conceitos de muito discutível interesse que a descoberta dos energúmenos deseja «construir». Espera-se que a descoberta dos energúmenos albicastrenses (ou visitantes perigosos da bela cidade) seja pronta para o desmascaramento, de molde a saneamento em tribunal da sua agressividade mal conduzida.

ONTEM

Segunda ronda dos campeonatos lisboetas de andebol, 1.ª divisão. Os desfechos: Sp. da Penha, 13-Caramão, 24; Vendedores de Jornais, 7-Académica da Amadora, 22; Ajudense, 18-Oriental, 18 e Atlético, 11-Encarnação, 16.

HOJE

Espera-se que os sócios do Benfica não se esqueçam de que está marcada para esta noite, no Pavilhão da Luz, a realização de uma assembleia geral extraordinária que, na sua ordem de trabalhos, tem um ponto de primordial importância. Trata-se de se discutir a situação financeira do clube no profissionalismo do ciclismo. Como facilmente se depreende, trata-se de uma importante reunião, sendo portanto necessário que os sócios acorram em elevado número: há a possibilidade de atirar para o desemprego homens que já receberam os aplausos (e palmeiras nas costas) de muitos que hoje irão ditar a sua sorte.

Com jogos no Estoril e no Barreiro prossegue, hoje, o Torneio de Abertura em hóquei em patins. No Estoril, defrontam-se: Paço de Arcos-Sintra, Oeiras-Parede e Salesiana-Cascais. No pavilhão do Desportivo da C. U. F. a ordem dos jogos é a seguinte:

C.U.F.-Benfica, Campo de Ourique-Sporting e Sotto Mayor-Académica da Amadora.

PORTUGAL

A transferência do ex-sportingista, foi oficialmente homologada pela Federação: assim, a defesa já poderá actuar perante o Boavista, na próxima jornada do «Nacional».

O ciclista Fernando Mendes (Benfica) triunfou na «Volta à África do Sul». A sua turma igualmente foi a vencedora da prova.

Nomes que se distinguiram no Torneio de Abertura (para o escalão sénior) promovido pela Federação de Lutas Amadoras para praticantes do estilo greco-romano: José Biscoito, Vitorino Gaspar, Carlos Vasco, Leonel Duarte, Victor Nobre, João Grilo, Fernando Ribeiro, Orlando Santos, Luis Grilo, Pinto Gomes, Carlos Carmo, Adriano Moraes, José Silva, Joaquim Vieira, João Silva, Manuel Batuca, David Silva, António Maia e Francisco Lopes.

AGENDA

Principia amanhã o Campeonato Nacional de Andebol de Sete, da 1.ª divisão, com o seguinte programa de jogos: Belenenses-Benfica, S. Mamede-Sporting, V. Setúbal-F.C. do Porto, Almada-Beira-Mar, Tec-

nico-Campo de Ourique e Boa Hora-Passos Manuel. Deste conjunto de embates ressalta o facto de o F.C. do Porto ter «revisto» a sua posição no actual figurino do «nacional», anunciando-se a sua presença em Setúbal, depois de se ter pronunciado como desinteressado da prova. Efectivamente, já solicitou à Federação os cartões dos jogadores que não estavam na sua posse.

Voleibol lisboeta: torneios abertos previstos para 8 e 9 de Novembro (juniores), 15 e 16 do mesmo mês (juvenis) e 13 e 14 de Dezembro (iniciados). Competições para ambos os sexos. Por seu turno, o campeonato regional de juniores (masculinos e femininos) tem início marcado para 15 de Novembro.

Domingo, pelas 21 e 30, efectuar-se, no Pavilhão da Académica da Amadora (na Rebolaireira) as finais do torneio «Primeiro Soco», organizadas pela Associação de Pugilismo de Lisboa.

De acordo com o plano de dinamização da Associação de Tenis de Mesa do Porto, vai ser levada a efeito uma minijornada desta modalidade, que terá como cenário o Palácio de Cristal. Esta minijornada terá periodicidade quinzenal. A primeira, realizar-se-á já este fim de semana e conta com a colaboração do Bonfim Futebol Clube. Podem participar jovens dos 8 aos 16 anos, que nunca tenham sido inscritos oficialmente.

A Associação de Ciclismo de Aveiro organiza, no próximo domingo, o Campeonato Nacional de Rampa para amadores e profissionais: os primeiros, cumprirão 600 metros, partindo da Calçada do Gato em Coimbra, com chegada ao Largo do Espírito Santo; os profissionais, correrão 800 metros com partida e chegada nos mesmos locais. Os amadores começarão a prova às 10 horas, enquanto os profissionais iniciarão a corrida 10 minutos depois de terminada a prova dos amadores.

COMENTÁRIO

Sob o aspecto desportivo a Televisão está a decepcionar muita gente: quase toda. Não se fala já das enfatuadas e enfadonhas crónicas do telefutebol, quando os olhos do comentador mais parecem holofotes a quererem hipnotizar os espectadores: a preocupação em fazer o programa o mais sério possível transforma-o no mais anormal que admitir se possa. Não se fala, habitual, na tónica constante (também) do redactor de serviço ao domingo, ao dizer mal «lstoril», «lstrala», etc...

Falamos hoje (isso sim) das delusões que a TV está a proporcionar ao espectador amante do futebol, não cumprindo com aquilo que promete. Ainda na última 4.ª feira, quando todos se preparavam para ver o Vasas-Sporting, surgiu a inesperada notícia da impossibilidade dessa transmissão, atirando-se as culpas para cima da Federação Portuguesa de Futebol.

Não sabemos a quem realmente deve assentar a «carapuça»: por um jornal diário do dia seguinte, ficámos a saber que a grande acusada da não transmissão pode não ser a nossa Federação ou o próprio Benfica, mas (sim e exclusivamente) a União Europeia de Radiodifusão, que ofereceu um espectáculo sem ter a certeza de que o podia transmitir.

Seja de quem for o erro, sobre quem recair o problema, a verdade (a única certeza)

que temos é esta: sob o aspecto desportivo, a Televisão está a desiludir. O que é muito mau para quem, pontualmente ou não, vai pagando as suas taxas, para não ver aquilo que lhe prometem.

E como tem o selo da taxa anual, com um cheque sem cobertura...

LA FORA

Os operários das obras das instalações olímpicas de Montreal (Canadá) entraram no 3.º dia de greve, exigindo que os patrões destruam um «lista negra» de nomes de operários que são impedidos de trabalhar.

Segundo um ort-voz da Federação dos Trabalhadores da Construção Civil do Quebec (FTQ), essa lista é composta por 300 nomes de operários que, em Maio último, participaram numa longa greve, nas mesmas instalações olímpicas de Montreal, e que, por isso, foram interpelados pela Polícia. Diz ainda a Federação dos Trabalhadores da Construção Civil do Quebec que os operários só voltarão ao trabalho quando os patrões se comprometerem a ignorar essa «lista negra» que impede camaradas seus de trabalharem.

O Internacional, do Rio Grande do Sul, manteve a sua invencibilidade, nas meias-finais do campeonato brasileiro de futebol, ao derrotar, por 3-1, o Fluminense do Rio de Janeiro, em jogo correspondente à quinta jornada do torneio.

Os resultados dos restantes encontros foram: Est Bel Horizonte: Cruzeiro-Vasco da Gama, 0-1; Em Florianópolis: Figueirense-Guarani, 0-0; Em Teresinha: Tiradentes-Góias, 0-0; No Recife: Sport-América (Rio de Janeiro), 1-1; Em Belém: Remo-São Paulo, 2-2.

Mais de 300 representantes de quase 50 países participam nos campeonatos mundiais de judo que decorrem em Viena.

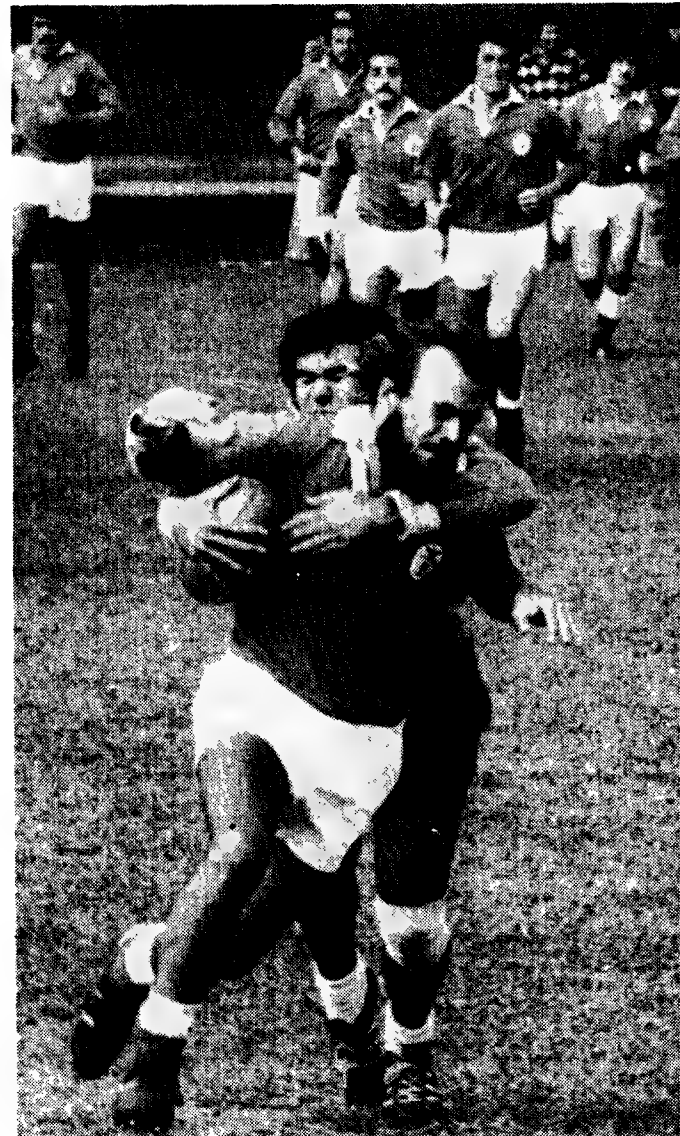
Entre os participantes figuram quatro que defenderão o seu título conquistado nos campeonatos de 1973 em Lausana, onde o Japão se sagrou campeão em todas as seis categorias.

Aqueles que têm esperança de conservar o ceptro durante a competição que se prolonga por três dias são o peso leve Minami Yoshiharu, o médio Fujii Shozo, o pesado Tagaki Chonosuke e o campeão da categoria aberta Ninomyia Kozuhiro.

Completo-se ontem a quinta jornada da fase das meias-finais do Campeonato Brasileiro de Futebol, com os seguintes encontros: Corinthians-Flamengo, 0-1; Grêmio-Curitiba, 1-3; América (Rio Grande do Norte)-Palmeiras, 2-2; Santa Cruz-Atlético (Minais Gerais), 2-0. A sexta jornada disputa-se este fim-de-semana.

Em Viena de Austria, o Francês Jean Luc Rouge derrotou Michinori Ishibashi, num combate em que estava em jogo o título mundial de «meios pesados» de judo. Ao tornar-se campeão mundial de 1975, o francês cometeu a proeza de ganhar o primeiro título que não vai para o Japão, desde os campeonatos mundiais de 1973.

O antigo treinador da selecção brasileira de futebol, Mário Zagalo, que dirigiu a equipa sul-americana no último campeonato mundial (na Alemanha) foi convidado para treinar a selecção nacional do Kuwait. Zagalo é, actualmente, o treinador da equipa carioca do Botafogo. A proposta que recebeu dos dirigentes do Kuwait é de 10 000 dólares mensais: mas, até agora, Zagalo não decidiu qual a sua posição.



A FORÇA DA JUVENTUDE

Não se pode dizer que os protagonistas desta bela jogada de rãguebi pertençam à nova geração portuguesa que «invadiu» agora a modalidade: a barba rija de um e o afã e força do outro, deixam adivinhar alguns anos de prática deste desporto bem másculo. Mas, no segundo plano, as caras novas lá estão, como que espreitando a oportunidade de agarrarem a bola e alcançarem a linha de fundo: que dá pontos gordos. Acontece no rãguebi nacional, no último fim de semana. Muitos novos integraram as equipas participantes no campeonato, que na primeira ronda forneceu os seguintes resultados:

Direito A-18-CDUL, 13; Belenenses A-12 - Benfica A-12; Cangurus, 7-Sacavenense, 10; Agronomia, 30-Barreiro, 24; Técnico, 40-Benfica B, 3; S. Miguel, 0-Belenenses B, 28; E. Amadora B, 12-Benfica A, 3 e E. Amadora A, 24-Direito B, 12.



PALÁCIO DA JUSTIÇA TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DE LISBOA

3.ª VARA — 5.º Piso

2.ª Secção — Proc. 4740

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 6 de Novembro próximo futuro, pelas 14,30 horas, à porta do tribunal judicial desta vara, e nos autos de carta-precatória, correndo termos pela respectiva 2.ª secção, vinda da 2.ª Vara Civil do Porto, extraída dos autos de execução de sentença que Daniel Guedes Barbosa, Sucessores, move contra Indústrias de Cartonagem e Tipografia Cartotipo, Ld., com sede em Casal da Fonte, Porto da Paia, Odivelas, desta comarca, não-de ser postos em primeira praça, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, três máquinas, sendo duas offset «Chif 24», modelos 1600 e 1800 e a outra de impressão tipográfica, marca «Nebiolo», das quais é depositário o Sr. Luís Lúcio Ferreira, sócio-gerente da executada, residente na Praça de S. Tomé n.º 10, porta 3.ª, Pontinha, desta cidade de Lisboa.

Lisboa, 3 de Outubro de 1975.

O Juiz-Corregedor Adjunto a) Mário Sereno Cura Mariano

O Escrivão de Direito a) José António dos Reis Palma

ÉDITOS DE 10 DIAS

CITAÇÃO DE CREDORES DESCONHECIDOS

Faz-se saber que, pelo Juízo Fiscal do 3.º Bairro desta cidade, correm éditos de 10 dias, citando credores desconhecidos de MABITEL Sociedade Têxtil de Confecções, Ld., com sede que teve na Rua dos Correios, n.º 101-2.º, em Lisboa, à qual foi penhorada a importância de Esc. 12 237\$40, depositada na Caixa Geral de Depósitos, proveniente de sobras resultantes da venda de bens penhorados no processo de execução fiscal n.º 411/75 — para reclamarem, querendo, os seus créditos em igual prazo, contado do termo dos éditos, na execução fiscal que a Fazenda Nacional move àquela firma por dívida de Imposto de Transacções do ano de 1975.

Lisboa e 3.º Bairro Fiscal, 22 de Outubro de 1975.

E eu, Manuel Alves Valente, secr.º de finanças de 3.ª classe, servindo de escrivão, o subcrevi.

Publique-se.

O Juiz-auxiliar, Norton Tapada Borges

O TRAÇO DE PARGANA



Sheu (Benfica).

Manuel Fernandes (Sporting).

Nacional

PARA PINHEIRO DE AZEVEDO E OTELO

DELEGAÇÃO DE MACHICO
TRAZ AVISO DO POVO

O padre Martins de volta à presidência da Comissão Administrativa do Município de Machico e ponto final nas actividades terroristas da «Flama» — é o que representantes das comissões de trabalho e de freguesia daquele concelho madeirense vieram a Lisboa exigir das mais altas autoridades portuguesas.

Para avançar no processo, Machico teve o apoio de órgãos de Informação, que acompanharam a delegação madeirense ao Palácio de S. Bento (Primeiro-Ministro) e ao Forte do Alto do Duque (Copcon). No final, uma esperança para o povo de Machico, alvo de forte repressão militar na sequência de factos que temos regularmente noticiado: embora as coisas não se resolvam «assim do pé para a mão», as altas entidades foram alertadas.

O almirante Pinheiro de Azevedo e o general Oteio serão oficialmente informados, através de relatos formais feitos pelo assessor do Primeiro-Ministro, dr. Teixeira Martins, e por um oficial do Copcon, das reivindicações expostas pela delegação madeirense. As queixas do povo de Machico passam pela actuação do brigadeiro Azeredo, governador militar do arquipélago, acusado de pactuar com as forças

reaccionárias locais. Mas o «ponto quente» do conflito é a arbitrária exoneração do padre Martins do Município de Machico, que os populares entendem como um «saneamento à esquerda».

APOIO
DA INFORMAÇÃO

Em conferência de Imprensa, realizada ontem, a delegação (composta por Maria José Freitas, Júlio Rodrigues e António Rodrigues) expôs aos representantes dos órgãos da Informação os graves motivos que a trouxeram à capital. Após a repressão exercida so-



Para falar com Pinheiro de Azevedo, a delegação do povo de Machico bateu à porta de S. Bento. A primeira resposta foi não. Com a interferência dos órgãos da Informação, a segunda resposta deu acesso ao adjunto do Primeiro-Ministro.

bre o povo de Machico, particularmente na tentativa de reocupação da Câmara, feita por populares, na última semana, na sequência de uma «armadilha montada pela própria P. S. P.» — seguem-se ameaças de «morte ao padre».

Machico — afirmaram — é neste momento uma vila ocupada militarmente. As pessoas perderam o sossego, que só voltará quando o padre Martins estiver de novo na Câmara.

Em Lisboa, onde se encontra desde segunda-feira, a delegação esbarrou em sucessivas dificuldades burocráticas que adiaram qualquer entrevista a nível governamental. No decorrer da conferência de Imprensa, representantes dos órgãos de Informação decidiram acompanhar a comissão de Machico nas suas tentativas de contacto com o Primeiro-Ministro e o general Oteio. Rádio Renascença, no seu primeiro dia de pleno trabalho após a reocupação popular oportunamente noticiada, deu cobertura radiofónica ao acontecimento, enquanto a Emissora Nacional, no noticiário das 13 horas, informava que junto aos portões de S. Bento se encontrava a delegação madeirense disposta a esperar sem limite que fosse recebida por representantes do Governo. A intervenção da E. N. foi fundamental para o rápido desfecho da questão.

Os portões de S. Bento abriram-se para os três delegados do povo de Machico, que apresentaram ao assessor do Primeiro-Ministro as razões que os tinham trazido a Lisboa. No Forte do Alto do Duque a delegação foi recebida por um oficial, encarregado de elaborar um relatório para o general Oteio.

PADRE MARTINS
FALA AO «D. L.»

Na Madeira, onde entretanto

fora radiodifundido o noticiário da E. N. o padre Martins, na paróquia da Ribeira Seca, seguia o desenrolar de toda esta movimentação.

Contactado pelo «D. L.», o sacerdote comentou os últimos factos ocorridos em Machico (Forças Armadas e P. S. P. reprimiram brutalmente, com matracas, granadas de gases lacrimógenos e uma granada ofensiva, os populares que reocuparam a Câmara, exigindo o regresso do padre à presidência) e considerou a vinda da delegação ao continente como uma prova de que «o povo não está vencido».

Com a repressão que se abateu sobre a gente de Machico, o brigadeiro Azeredo mostrou a sua verdadeira face — declarou-nos o reverendo José Martins. — Até mesmo pessoas que estavam alheadas do que acontecia em Machico, agora vieram até nós, dizendo que estão do nosso lado. Isso prova que as pessoas que fizeram nascer o ódio, agora o têm voltado contra si.

O padre Martins — «saneado» da Câmara pelo governador, e de pároco pelo bispo — continua na paróquia da Ribeira Seca, onde populares montaram piquetes de vigilância. Segundo afirmou a delegação madeirense, o padre só sai da Ribeira Seca quando quiser, e não quando os reaccionários quiserem.

Ele quer ficar, e lá está, sob a guarda do povo.

M.E.S. ANALISA E CONCLUI

"É DECISIVO REFORÇAR O PODER POPULAR"

O Secretariado da Organização Regional de Lisboa do Movimento de Esquerda Socialista divulgou aos órgãos de Comunicação Social, em conferência de Imprensa, um documento no qual faz a análise dos últimos acontecimentos e movimentações populares e onde aponta os principais problemas que, segundo a sua opinião, se colocam aos trabalhadores nesta fase da luta de classes; apresentando, a seguir, o modo que acha mais correcto para os resolver, de forma revolucionária.

O MES começa por creditar um êxito, embora momentâneo e parcial, à ofensiva da direita que é marcada, fundamentalmente, pela queda do V Governo, tomada do Conselho da Revolução e do MFA por oficiais direitistas e social-democratas, formação do VI Governo de coligação, de submissão ao imperialismo e de salvação do capitalismo. O MES aponta ainda os factores que este avanço teve o PS e os «nove» como «pontas de lança» e que a ofensiva esteve articulada com todas as outras forças reaccionárias, incluindo acções violentas do ELP, MDLP e outras organizações fascistas.

«Esta ofensiva foi possível em virtude da anterior direcção do processo político (o MFA e os partidos reformistas) ser hesitante e ambígua e conter no seu seio inimigos abertos do processo revolucionário e do povo». O MES acusa esta direcção, que classifica de «pequeno-burguesa» e de «antimonopolismo estreito» só conseguiu dar passos significativos em momentos de ascensão na luta de massas, particularmente em resposta a golpes reaccionários, mas sem obter alterações qualitativas na direcção do processo, o que tornou impossível um ataque às estruturas burguesas das Forças Armadas e a ultrapassagem das instituições democrático-burguesas. Como exemplo, cita a realização das eleições para a Constituinte, «que só podia servir para travar o processo».

Para o MES, todas estas contradições acabaram por desagregar a direcção política que vinha-se mantendo e inaugurar uma nova fase do processo, que tem estas características: o desaparecimento do MFA como força progressista, a formação de um poder político militar claramente direitista e militarizado, mas sem possi-

bilidades de governo efectivo imediato e o amadurecimento do movimento popular que se vem dando desde o 25 de Abril.

O Movimento de Esquerda Socialista encontra vários pontos novos do processo. Assim, aponta como novidades, a maior capacidade de mobilização dos órgãos de poder popular para acções de natureza política global, articulados com a satisfação de interesses concretos e imediatos dos trabalhadores e a força e aceitação dos SUV; o facto de as massas populares serem mobilizadas já não por um MFA com posições de classe pequeno-burguesas, mas pela organização de classes dos soldados e marinheiros: o facto de o poder popular estar na ordem do dia; a capacidade que as massas demonstram em romper com as propostas reformistas para o movimento popular de massas, que passa pelo reforço e unificação dos órgãos de poder popular.

As tarefas prioritárias preconizadas pelo MES para o actual momento do ponto de vista popular e revolucionário, na região de Lisboa, são as seguintes: resposta firme às tentativas repressivas da direita no poder, com base na mobilização popular; reforço da unidade de todos os trabalhadores, de todos os revolucionários e unificação da vanguarda política da classe operária; reforço da organização autónoma, unitária e revolucionária dos soldados nos quartéis e da ligação entre estes e os órgãos de poder popular.

A seguir, o MES adverte que «neste momento, e quando as massas populares e todos os revolucionários se empenham verdadeiramente e com frutos já visíveis no desenvolvimento dessas tarefas, acontece que as forças reformistas, nomeadamente PCP, embora proclamando os mesmos objectivos, tem vindo a dificultá-las através de manobras e processos de actuação que atrasam a unificação e a ofensiva popular e pelas quais lhe caberá pesada responsabilidade histórica». Cita exemplos como: convocação de manifestações de forma apressada e sem discussão; rompimento de compromissos assumidos no próprio terreno; utilização de massas para conseguir fins que lhes são ocultados e desprezo pelo esforço organizativo popular, não se empenhando nas realizações que promovem

O MES acusa ainda o PCP de uma política de «regresso aos cemitérios» quando tenta desenterrar «defuntos políticos» como o MFA, Conselho da Revolução à antiga.

E continua o Movimento de Esquerda Socialista: «Outra expressão política do reformismo que ganhou uma certa influência nos órgãos autónomos dos trabalhadores e da qual se reivindicam as ditas organizações «m-l-maoístas» é a que reduz os órgãos de poder dos trabalhadores a meros órgãos de expressão da «vontade popular». Esta concepção radical não só a incompreensão do que é o poder na sociedade capitalista como na análise in-

correcta da actual situação política, escamoteando que na situação de grave crise do domínio da burguesia que vivemos, se tem aprofundado a dualidade de poderes. Esta perspectiva escamoteia ainda a questão da tomada do poder pelos trabalhadores remetendo-as unicamente para a conquista do aparelho de Estado através do «PC reconstruído».

Ao finalizar, o MES afirma que a questão que se põe é esta: poder popular ou poder reaccionário; Governo dos trabalhadores ou Governo capitalista e reafirma que é decisivo reforçar o poder popular nos quartéis, nos campos e nas fábricas.

CÂMARA MUNICIPAL
DO PORTODIRECÇÃO DOS SERVIÇOS
DE HABITAÇÃO

ANÚNCIO

A Câmara Municipal do Porto (Direcção dos Serviços de Habitação) faz público que se encontra aberto concurso para adjudicação da empreitada de «CONSTRUÇÃO E URBANIZAÇÃO DO GRUPO DE MORADIAS POPULARES DE BONJOIA», durante o prazo de trinta dias, a contar do primeiro dia útil ao da publicação do presente anúncio, no «Diário do Governo».

Durante o prazo de concurso e nos dias úteis e horas de expediente poderão os interessados examinar, na Secção de Expediente e Contabilidade da Direcção dos Serviços de Habitação, no 5.º piso do edifício dos Paços do Concelho, o Caderno de Encargos, programa de concurso e peças do processo, e apresentar até ao último dia do prazo, inclusive, as respectivas propostas.

O acto público do concurso, incluindo a abertura de propostas, terá lugar pelas quinze horas do dia 18 de Novembro de 1975, numa sala do 5.º andar do edifício da Rua do Bolhão, 192, afecta à Direcção dos Serviços Técnico-Especiais.

O preço base é de Esc. 30 516 956\$50
A caução provisória é de ... Esc. 762 924\$00

Ao presente concurso só poderão ser admitidos empreiteiros portadores de alvarás de 1.ª categoria (ou 1.ª Subcategoria da 1.ª categoria), 4.ª categoria (ou 1.ª Subcategoria da 5.ª categoria) e 5.ª categoria (ou 1.ª e 4.ª Subcategorias da 5.ª categoria) da classe e subclasse correspondente ao valor da proposta apresentada, conforme o estabelecido no Regulamento do Decreto-Lei n.º 40 623 de 30 de Maio de 1956, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 10/75, de 14 de Janeiro de 1975.

Porto e Paços do Concelho, 21 de Outubro de 1975.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Rogério Tavares

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis

Faço saber que CIDLA — Combustíveis Industriais e Domésticos, S.A.R.L. pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade arroximada de 22 200 litros, sita no Parque Residencial de Miraflores (1.ª fase) — Algés, concelho de Oeiras e distrito de Lisboa.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, de Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 8 de Outubro de 1975.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,
(assinatura ilegível)

Geral

BOMBAS

Continuação da pág. 1

os engenhos explosivos atingiram também mais cinco automóveis.

Em Alcácer do Sal foi violentamente atingido o Centro Regional de Reforma Agrária que, ao que sabemos, ficou bastante danificado.

Do Porto informam-nos também a nossa delegação de que foi lançado um engenho explosivo contra a casa de um comerciante de Nogueira da Maia, tendo o estabelecimento ficado com a fachada completamente destruída.

VIATURAS DO RALIS ALVEJADAS A TIRO

Quando ontem à tarde passavam no Campo Grande, junto ao Cinema Caleidoscópio, duas viaturas Berliet do RALIS foram alvejadas com sete tiros disparados rapidamente por desconhecidos.

As viaturas regressavam do Jardim Zoológico transportando crianças dos bairros adjacentes àquela unidade militar.

De acordo com um porta-voz militar é impossível saber se os tiros foram disparados intencionalmente e de onde partiram os projectéis.



Timor "SITUAÇÃO CALMA" SEGUNDO A FREILIN

«A situação no território nacional de Timor-Leste é calma», anuncia uma informação do Comité de Acção da Fretilin em Portugal na qual se faz o ponto da situação político-militar naquela colónia. A informação prossegue anunciando que a zona baixa de Maliana foi retomada pelas Falintil (braço armado da Fretilin) e que as forças pró-indonésias se encontram apenas localiza-

das em Balibó e Batugadé. Acrescenta ainda que é inteiramente falsa a notícia proveniente da Indonésia segundo a qual as forças U. D. T./M. A. C. e Apodeti ter-se-iam apoderado de Bobonaro.

A agência France Press anuncia, entretanto, que as forças conjuntas pró-indonésias se estão a aproximar de Maubara, com vista a abrirem uma via de acesso a Dili, cidade

de que tentam conquistar antes de 1 de Novembro, data em que se devem iniciar conversações entre Portugal e a Indonésia sobre o futuro de Timor-Leste.

Falando ontem numa conferência de imprensa o ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio declarou que nestas conversações com o seu colega português, major Melo Antunes, irá, insistir no prosseguimento do processo de descolonização.

«As autoridades portuguesas — acrescentou — poderiam vir a retirar-se de Timor antes de 1978, data fixada na primeira conferência sobre o futuro da ilha, que se reuniu em Junho último em Macau.»

O ministro indonésio admitiu, pela primeira vez, que o seu país está a assegurar treino militar aos refugiados da parte portuguesa da ilha.

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — Lisboa

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL COMUNICADO SECTOR GARAGENS

Os Sindicatos de Garagens de Lisboa, Porto, Aveiro e Braga, vêm informar os seus associados que prestam serviço em garagens, estações de serviço e postos de abastecimento que o contrato colectivo de trabalho já foi publicado no Boletim do Ministério do Trabalho, n.º 38, de 15 deste mês.

A nova tabela salarial tem efeito desde 1 de Maio, devendo as diferenças ser pagas até fins de Novembro. O período normal de trabalho não pode exceder 45 horas semanais.

Lisboa, 24 de Outubro de 1975.

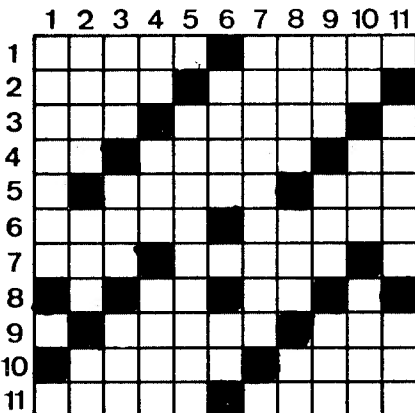
Pel'OS SINDICATOS
Manuel F. M. Pereira

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11219

HORIZONTAIS:

- Assanha. Pinheiro.
- Sofreguidão. Capricho.
- Rei lendário de Tróia. Triste.
- Laco. Aragem. Preposição.
- Carvão incandescente. Arara.
- Limpei com vassoura (inv). Congelar.
- Fecho as asas para descer mais depressa. Levanta.
- Nota musical. Sódio (s.q.).
- Animais ferozes e carnívoros. Chiste.
- Destinos. Favorece.
- Nome de frutos secos. Estampilhas.



VERTICAIS:

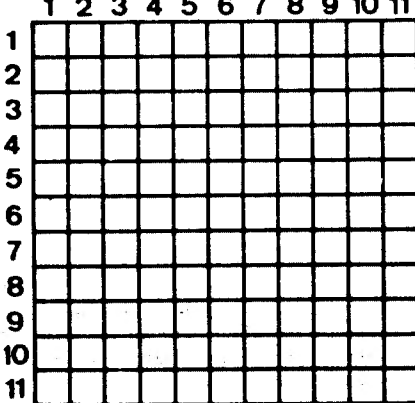
- Acabais.
- Regaco. Curso de água natural e abundante. Nome de Buda, na China.
- Espádua. Papa de umbu, alimento nas regiões do sertão (Bras). Executa.
- Nota musical. Com. da Itália. Secura.
- Plantas também chamadas cravinas.
- Em mais alto grau. Carta de jogar.
- Vistas.
- O mesmo que ainda. Nome de mulher. Preposição.
- Ninho. Renque. Nome de astro.
- Tempo do verbo haver. Doutora. Charneca.
- Impedira. Pêlos de certos animais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7380

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Astúcia. Antes de Cristo.
- Corda de esparto. Rezara.
- Tratas por tu. Linhas secundária de Caminho de Ferro.
- Prensa de penteiro. Acari-nha.
- O sono das crianças. Rio da Rússia.
- Crômio (s.q.). Gosta muito de. Amónio (s.q.).
- Utensílio doméstico. Prefixo de privação. Batráquio. Palavra latina pela qual comecam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal.
- Perfume. Virgulas dobradas.
- Raera. Ópera de Verdi.
- Letra grega. Pedras de mo-nho. Preposição.
- Cidade de Itália. Sorte.



VERTICAIS:

- Respeito. Estacionem.
- Mulher astuciosa. (Prov.). Visagem.
- Sussurro. Rezas.
- Farrapo. Estima.
- Rasoiira. Mulher de baixa estatura. Miriara.
- Ribeira da Ásia. Russa. Isolado.
- Pancada (gi.) Arara. Apeli-do.
- Guarneco de arames. Pega.
- O mesmo que ameba. Be-berrão (pop).
- Lavrão. Meios.
- Guardar segredo. Planta vi-vaz e medicinal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11218

HORIZONTAIS:

- Apar. Cimo.
- Ac. Tapamos.
- Ria. Ena. O.
- MEDO. Arolas.
- Olá. Rios.
- Pressão. Sa.
- Sisa. Ais. Val.
- Aar. Mm. Mi.
- la. Montã.
- Guarda. Chãs.
- Or. Aar. Aas.

VERTICAIS:

- Carmo. Salgo.
- Cie. Pia. Ur.
- A. Adoraria.
- Pt. Olé. Ara.
- Are. Asam. Da.
- Rena. Sim. Ar.
- Cá. Oio. Moca.
- Imolo. VINHA.
- Mo. Assa. Tas.
- Osos. Aliás.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7379

HORIZONTAIS:

- Frias. Gerar.
- Lesam. Arado.
- Olas. Amos.
- Rer. Soa. Ara.
- Ar. Ciara. Ni.
- Arrá. Tapa.
- Aer. Ara.
- Amis. Orar.
- Lua. Ser. Asa.
- Varra. Unico.
- Asais. Mesas.

VERTICAIS:

- Flora. Calva.
- Relera. Nuas.
- Isar. Raiara.
- Aas. Crês. Ri.
- Sm. Siar. Sãs.
- Coa. De.
- Ga. Artã. Rum.
- Era. Aaro. Ne.
- Rama. Paraís.
- Adorna. Asca.
- Rosai. Araós.

Provérbio: O MEDO GUARDA A VINHA.

Tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e havia neblina nalgumas regiões.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14°
P. DOURADAS	11°
COIMBRA	15°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	15°
FARO	17°
FUNCHAL	18°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
ELVAS 27°

Mínima:
P. DA SAÚDE 6,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 16,4°
Atmosfera 13,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

5.58 3,8 m 11.47 1,0 m
18.19 3,6 m

Dia 25

6.33 3,7 m 0.01 1,1 m
19.00 3,5 m 12.28 1,2 m

Dia 26

7.18 3,6 m 0.44 1,3 m
19.54 3,3 m 13.20 1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e limpo a sul do Tejo; vento fraco predominando de Sudoeste

AMANHÃ

NAScer ÀS 7.56
OCASO ÀS 18.46



DIA 27 DIA 3 DIA 10 DIA 18

BARS BOITES

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197. YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

DANCINGS

MISSORA
1.º Programa
17.00 Rádio estudantil
18.00 Música portuguesa
19.00 Informação de trânsito
20.00 Última hora
21.00 Jornal da noite
21.45 Sessão de cinema, por Maria Cristina e Damas Nunes
22.05 Sindicalismo por Helena Neves e Madeira Claudino
23.05 A grande música negra, por José Duarte
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Sessão de encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
01.15 Temas de educação
2.º Programa
16.00 Uma obra, duas interpretações
17.05 Solos de piano
17.30 O compositor da semana: Dvorak
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
21.00 Música ligeira variada
22.00 Música de câmara
23.00 Concerto
23.00 Fecho

Var. edades internacionais.
T. 261461/164526/264596/264621/264946.

HIPOPOTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de tecla
21.05 Conjuntos de câmara
22.00 Rapsódia jugoslava
22.30 Juncão com o Programa Estereofónico
01.00 Fecho
RÁDIO CLUBE
Onda Média
16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.17 Música para meditar
21.31 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
06.13 Rádio-teatro
08.30 Espaço R.C.P.

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Programa em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva

03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça
Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Peninsular
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal
Das 12.00 às 14.30

Rádio Voz de Lisboa
Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00





Farmácia de Serviço

LISBOA

TURNO I-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA

Lealade, Rua do Olival, 226 (tel. 663441)

ALTO DO PINA

Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (tel. 841912)

ALVALADE

Líbia, Avenida da Igreja, 4-B (tel. 711681); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel. 710331); Aguiar, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (tels. 768343/764629)

ANJOS

Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50 (tel. 47838)

AVENIDAS NOVAS

Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (tel. 40592)

BAIRRO DA LIBERDADE

Salutar, Rua B, 75-A/B (tel. 683694)

BAIXA

Unifa, Rua da Vitória, 21 (tel. 323793)

CAMPOLIDE

Gomes, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (tel. 682333)

CAMPO DE OURIQUE

Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (tel. 687949)

RESTELO

Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (tel. 610280)

XABREGAS

Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (tel. 382470)

TURNO I-2

TODA A NOITE

AJUDA

Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (tel. 633288)

ALTO DO PINA

Pais, Rua Abade de Faria, 22-A (tel. 723965)

ALTO DE S. JOÃO

Oriente, Rua Lopes, 120 (tel. 843381)

AREIRO

Galeo, Avenida Oscar Monteiro Torres, 38-A (tel. 774920)

ARROIOS

Pancada, Rua Rebelo da Silva, 9 (à Rua Pascoal de Melo) (tel. 43340)

BAIRRO ALTO

Barreto, Rua do Loreto, 24/30 (tel. 327284)

BAIRRO DA ENCARNACÃO

Zira, Praça Casas Novas, lote 66 (tel. 310172)

BENFICA

Marques, Estrada de Benfca, 648 (tel. 700096)

CAMPO DE OURIQUE

Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1/9 (tel. 662838)

GRAÇA

Silva, Calçada de Santo André, 16 (tel. 862074)

LUMIAR

Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel. 790942)

PENHA DE FRANÇA

Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (tel. 832580)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Sagres, Avenida Luís Bivar, 69 (tel. 47213)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T.930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T.932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149)

DAMAIA

Confiança, E. Militar, lote D (T.9710231)

VENDA NOVA

Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T.974161)

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)

CACÉM

Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D

MEM MARTINS

Rodrigues Rato (T.2912038)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (T.980456)

SINTRA

Marrazes, Estefânia (T.2930058)

COLARES

Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Almeida Nifo, Av. C.G. Guerra, 64 (T.212070)

PACO DE ARCOS

Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Toda a noite

OEIRAS

Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Até às 22 horas

CARCAVELOS

Central, Até às 24 horas

PAREDE

Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Toda a noite

ESTORIL

Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Toda a noite

MONTE ESTORIL

Amoreira, Até às 22 horas

CASCAIS

Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T.204020)

ALMADA

Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T.2750076)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302)

BARREIRO

Mascarenhas Neto, R. Garrett, 1 (T.2076454)

COVA DA PIEDADE

Louro

MOITA

União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)

MONTUJO

Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T.2310035)

SESIMBRA

Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)

SETUBAL

Bocageana, R. do Romeu (T.23425); Bairoiros, B. Santos Nicolau (T.23330)

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 30

ATÉ ÀS 22 HORAS

Batalha, Praça da Batalha, 26; Campo, Praça da República, 118; Costa Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832; Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463; Invicta, Rua do Bonfim, 330; Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37; Barras, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Oliveira Monteiro, 475; Garantia, Rua Fernandes Tomás, 696; Sá, Rua Vale Formoso, 181; Sazabando, Largo dos Lóios, 36

A PARTIR DAS 22 HORAS

Batalha, Praça da Batalha, 26; Campo, Praça da República, 118; Invicta, Rua do Bonfim, 330 e Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37

COIMBRA

Nazaré, R. Ferreira Borges, 135 (T.2605); Santa Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (T.24916); Solum, R. Carolina Michaelis, 20 (T.331120)

ESTREIAS DE NOJE

NOS CINEMAS

JÚLIA E OS HOMENS
ROMA E AVIS

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

SPY'S

Espões

N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
3.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

BALBÚRDIA NO OESTE

11.ª Semana
Hoje às 24 Grupo D M. 18 anos

VALPARAÍSO, VALPARAÍSO

ROXY

T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA

14.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Alto do Pina: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos

O PIRATA

Nunca os mares do sul conheceram tal fúria de Kung Fu!

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

QUE VIVA
A REVOLUÇÃO

c/Marcelo Mastroiani

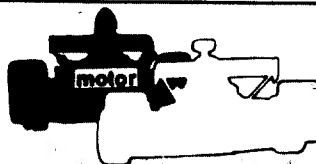
MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos

VIRILIDADE
A ITALIANA O SEXO É SEXO...

T. 971794 21.00
Grupo D/M. 18 anos

A BELA CASTA SUSANA



cinemas

UNIVERSAL

T. 774402 15, 17, 19, 21, 23
Não acons. a menores de 13 anos

O DESTACAMENTO VERMELHO
POPULAR

Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

INICIAÇÃO SEXUAL
DE CASANOVA

Um filme de Luigi Comencini

EDEN

T. 320769, Hoje estreia às 21.15 h
Não acons. a menores de 18 anos

GOLPE BAIXO

Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Int. a menores de 18 anos
DUELO DE PUNHOS

TIVOLI

T. 570595 Hoje estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

«PAUL E MICHELLE»

Amigos... e Amantes
Hoje às 15.15, 18.30
«SPY'S»

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Grupo D/M. 18 anos

SIMPLESMENTE... GAROTAS

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15
Para todos maiores de 6 anos

ONDE SE METEU A 7.ª Companhia?

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos

AS CONSEQUÊNCIAS
DE UM LEITO...
MUITO ACOLHEDOR

ROMA

T. 727778 Estreia às 21.15
Int. a menores de 18 anos

JÚLIA E OS HOMENS

este filme contém cenas eventualmente chocantes.

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

DITO É QUE
EU GOSTO 2.ª Semana

SATÉLITE

T. 562632 15 17 19 21.15
Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

8.ª Semana

CARLOS MANUEL SINTRA

21.15
Não acons. a menores de 13 anos

OK PATRÃO!

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
As 12.30 (Não acons. men. 13 anos)
BRANDOS COSTUMES

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 Estreia às 21.15
Para todos maiores de 6 anos

O REI DO CIRCO

Hoje às 14, 16.30 e 19
Não acons. a menores de 13 anos
ANGÉLA

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

O riso dos anos 70, e...

O PROFESSOR NUDISTA

2.ª Semana
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Int. a menores de 18 anos

MASSACRE

O filme de choque e acção explosiva
c/ Jim Brown

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

LA BAMBINA

Uma nova forma de amor...

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A ÚLTIMA GOLPADA

c/ Clint Eastwood
Um filme espantoso!

AVIS

T. 47163 Estreia às 21.15
Interdito a menores de 18 anos

JÚLIA E OS HOMENS

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

O VÍCIO (TRASH)

4.ª Semana

CINEARTE

T. 660446 21.15
Grupo c/ M. 14 anos

CINTURÃO NEGRO

CONTRA A MAFIA

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

TRANS EUROPA EXPRESSO

c/ Jean Louis Frinignant

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

Este filme contém cenas eventualmente chocantes 22.ª Semanas

EUROPA

T. 661016 15.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

7.ª Semana

RESTELO

T. 610375 21.00
Inter. a menores de 18 anos

A PRIMA

MONUMENTAL

T. 555131



REMANESÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCN.
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍBDA TELEF.
LISBOA PORTUGAL

Política económica em Conselho de Ministros

O plenário do Conselho de Ministros, alargado com a presença dos secretários de Estado, reuniu-se ontem no Palácio de S. Bento, para exame e discussão da situação económica e definição das linhas orientadoras de uma política económica global e de algumas das principais medidas imediatas a tomar.

Sem a preocupação de elaborar já um acabado plano económico de emergência, em detrimento de medidas imedia-

tas cuja necessidade de há muito se reconhece, o Conselho de Ministros teve-se sobre a política económica a seguir, e examinou critérios e linhas de actuação, com a preocupação de restringir ao mínimo as necessárias medidas de austeridade e de poupar o mais possível à sua incidência as classes sociais mais desfavorecidas.

O exame e discussão dos problemas em agenda continuará na próxima reunião do Conselho de Ministros.

MADEIRA

Detenção dum oficial progressista

Um oficial miliciano progressista em serviço na Ilha da Madeira, foi recentemente punido com cinco dias de prisão pelo comandante da unidade a que pertence. Motivo: por altura da ocupação do emissor regional da E. N., no Funchal e da repressão sobre populares, na Câmara de Machico, teria influenciado os soldados no sentido de se colocarem ao lado do Povo.

Trata-se do aspirante Luis Filipe de Oliveira.

No despacho onde se decide a punição deste oficial, diz-se a certo passo que ele se permitiu influenciar o pessoal sob o seu comando ao não cumprimento de ordens recebidas superiormente e que contribuiu largamente para a indecisão e falta de firmeza do mesmo.

Acrescenta-se no despacho que aquele oficial miliciano

manifestou a sua discordância pela decisão do comandante da companhia e que «com o seu procedimento revelou manifesta falta de disciplina e apuro militar», com graves reflexos no prestígio das Forças Armadas do C.T.I.M.

Em resumo, cinco dias de prisão para um oficial progressista que se recusou a cumprir ordens de repressão sobre o povo madeirense em geral e de Machico em particular.

Mais uma vez funcionou o Regulamento de Disciplina Militar (R.D.M.) de inspiração fascista. Entretanto, as forças progressistas, armadas com uma intervenção do brigadeiro Azevedo na TV local, continuam a ver provocadores, separatistas e reacconários em liberdade: os mesmos que ocuparam a Emissora Nacional e a bombardearam.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Empresa nacionalizada

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Sonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes:

- 2.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua da Praia do Bom Sucesso — Depósito da Gelmar e imediações. (Das 8 às 12 horas).
- 3.º Sector — Rua Saraiva de Carvalho de 139 a 205. (Das 8 às 12 horas).
- 4.º Sector — Rua Dr. João de Barros, Rua Maria Pimentel Montenegro e Rua Coronel Santos Pedrosa. (Das 8 às 12 horas).
- 6.º Sector — Rua Portas de St. António de 129 a 157. (Das 8 às 12 horas).
- 8.º Sector — Av.º Cinco de Outubro de 147 a 159, Rua Alberto Pimentel, Quinta do Bacalhau, Quinta do Monte Coxo e imediações, Quinta do Alto. Az. do Salreu e imediações, Av.º Luis Bivar de 2 a 16. (Das 8 às 12 horas).
- 10.º Sector — Bairro da Musqueira Norte e imediações. (Das 8 às 12 horas).
- 1.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira:** Alhandra (parte), Castanheira e Vaia do Carregado. (Das 7 às 14 horas). **CASTANHEIRA DO RIBATEJO:** Av.º Dr. Carlos Leal, Bairro de S. João, Rua D. António de Ataíde, Rua Palha Branco, Rua António Vitor Bada, Rua da Igreja, Lg. do Adro. Trav. do Regedor, Rua Laura Palha Branco e imediações. (Das 8 às 14 horas). **VILA FRANCA DE XIRA:** Est. Nacional n.º 10 (junto à Pr. de Touro). (Das 7 às 14 horas).
- 2.ª Zona — **Concelho de Azambuja:** Vila Nova da Rainha. (Das 8 às 14 horas).
- 3.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** ALENQUER: Rua Sacadura Cabral. (Das 8 às 14 horas).
- 4.ª Zona — **Concelho de Sintra:** QUELUZ: Av.º Elias Garcia (parte Norte), Rua dos Lusíadas, Rua Bocage, Rua José Cipriano Silveira Machado, Rua Marcos Portugal, Rua D. Pedro IV e imediações. (Das 8 às 14 horas). Abrunheira (parte Norte), Recoveiro e imediações. (Das 8 às 14 horas).
- 5.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** AMADORA: Pr. da Igreja, Rua Pio XII, Rua Sete de Junho, Rua 1.º de Maio, Rua St. António, Rua 1.º de Dezembro, Rua Heliodoro Salgado, Rua Afonso de Albuquerque, Praceta Antero do Quental, Rua Antero do Quental, Rua Alexandre Herculano, Rua Guilherme Gomes Fernandes, Rua Diogo Bernardes, Rua Bernardim Ribeiro, Rua Gil Vicente, Rua Cinco de Outubro, Rua Gomes Freire, Rua Gonçalves Ramos, Rua Luis de Camões, Rua António Correia, Av.º Elias Garcia, Rua Alfredo Keil, Rua Capitão Plácido de Abreu, Rua Vinte e Sete de Junho e imediações. (Das 8 às 14 horas). Leão, Bairro de Auto-Construção de Porto Salvo, Leceia, Bairro da Quinta da Ponte, Est. para o Murganhal e Barcarena. (Das 8 às 14 horas).
- 6.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Sasseiros. (Das 8 às 14 horas). Talaide. (Das 8 às 14 horas). **CARCAVELOS:** Quinta do Paulo Jorge entre a Av.º da República e a Est.º da Torre. (Das 8 às 14 horas). Estrada de Birre, Areia e imediações. (Das 8 às 14 horas).
- 7.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Avessada, Galês, Santo Estêvão das Galês. (Das 7 às 15 horas). Pousal, Casal Novo. (Das 7 às 14 horas).

Segundo um semanário francês

DIREITA PREPARA GOLPE

Enquanto determinadas forças políticas, nomeadamente o P. P. D. acenam com insistência o espantinho de um «golpe» de esquerda, os factos, e indícios, da cena político-militar portuguesa apontam ao contrário, para um iminente «putsch» de direita.

De tal se faz eco o próprio «Témoignage Chrétien», semanário francês de prestígio e, normalmente bem informado, que três dias antes do 11 de Março anunciava a possibilidade do golpe spinolista. Desta feita a revista parisiense, posta hoje à venda, indica que o golpe militar em preparação para a 2.ª semana de Novembro começaria pela manobra de afastamento de Otelo, Fabião e Vasco Gonçalves, a pretexto de um «complot» destes três generais.

O golpe, que terá sido preparado durante a recente viagem de Spínola a Paris, seria accionado por altura da independência de Angola, prevenindo-se, para esse dia, o bombardeamento de Luanda por forças da F. N. L. A. O ex-general diz ainda a revista, recebeu na capital francesa vários oficiais da Força Aérea Portuguesa vindos de Angola para efeitos de preparação do golpe.

Relativamente ao apoio financeiro, que o «Témoignage Chrétien» diz estar centrado em Paris e Genebra (em Agosto passado terá sido aqui efectuada uma operação de 20 mil contos) — ainda significativa a

revelação de de um outro semanário francês, «Le Canard Enchaîné» na sua última edição dá conta do encontro de Spínola em Lausanne com John Maccone, antigo director da C. I. A. e actualmente administrador da I. T. T., e com um representante da Petrofina, os quais lhe teriam concedido substancial apoio financeiro para o pagamento de mercenários (à volta de dez contos mensais por cabeça) que se estão e concentrar em Espanha.

Neste caso avulta ainda a chegada por volta do passado dia 15 a Espanha, nos arredores da base naval da Rota, de 200 mercenários portugueses vindos do Brasil e financiados pelo Fundo de Socorro aos Refugiados, organismo ligado ao E. L. P.-M. D. L. P., dirigido pelo ex-ministro fascista Cotta Dias e pelo eng.º Santos e Castro, irmão do tenente-coronel do mesmo nome que comanda forças da F. N. L. A.

Entretanto fontes próximas de meios progressistas, militares e civis, indicam que as notícias vindas a lume em «O Tempo» e o vespertino «Luta», da criação de um secretariado político criado após a reunião de cerca de uma centena de militares dos três ramos das Forças Armadas, unidos com base «numa plataforma antifascista e «anti-social-fascista», poderão constituir a retaguarda militar interna do golpe de direita que se avizinha.

Esta estrutura militar clan-

destina que é considerada por outros meios como uma resposta de direita ao movimento dos SUV (soldados Unidos Vencerão) começaria já por agir fora dos quartéis englobando muitos dos militares reacconários saneados após o 25 de Abril.

Entretanto, afiguram-se peritentes e encadeadas em todo este contexto as afirmações de Otelo que indicou ontem, estar inserida num plano da reacção a campanha de boatos de «golpes de esquerda» agitados, nomeadamente, por Sá Carneiro e pelos jornais, «Tempo» e «Luta».

Entretanto, a viagem de Pinheiro de Azevedo ao Porto, e que visa solucionar os problemas políticos militares da região está a ser também utilizada por meios reacconários imaginando-a como prova de força do Governo e que teria como objectivo apoiar publicamente o brigadeiro Veloso. Tal facto não tem fundamento dado que ao contrário do que foi anunciado a reunião do Primeiro-Ministro, que segue acompanhado de general Fabião, realizar-se-á no Governo Civil e não no Quartel-General como fora anunciado. Há indícios ainda de que as manifestações de apoio ao Primeiro-Ministro, promovidas pelo P. S. e pelo P. P. D. não são encaradas com simpatia pelo chefe do Governo, dado a gravidade do momento, pois poderiam originar já uma ruptura extremamente rigorosa na actual situação.

SITUAÇÃO EM ANGOLA

Continuação da pág. 1

A situação da Frente Sul, pressionada pelas forças invasoras, constituídas por mercenários recrutados na África do Sul pelo traidor Daniel Chipenda e por forças regulares daquele país, mantém-se grave. Os agressores ultrapassaram já Chibia (antigo general João de Almeida) e aproximam-se de Sá da Bandeira. As F.A.P.L.A., face a este avanço, efectuaram um recuo estratégico para garantirem a defesa da cidade. Entre os dirigentes políticos do M.P.L.A. e militares das F.A.P.L.A. reina a confiança e a calma, sendo opinião corrente a de que este avanço sobre Sá da Bandeira poderá vir a transformar-se numa rasteira para os agressores, que poderão ser cercados e privados das suas fontes de reabastecimento, que residem totalmente em território administrado pela África do Sul, na Namíbia.

SILÊNCIO DAS AUTORIDADES PORTUGUESAS

A população de Luanda prepara para o próximo domingo (data em que o comandante Victor Crespo deixará a capital), uma grande manifestação de repúdio às afirmações recentemente produzidas pelo ministro Melo Antunes na O.N.U. e à posição do alto-comissário face à agressão estrangeira de que Angola é vítima. Esta mani-

festação, promovida por todas as comissões de bairro de Luanda, decorrerá no largo fronteiriço ao Palácio do Governo, tendo a sua realização sido decidida ontem.

Também ontem, a informação luandense boicotou a conferência de Imprensa concedida na capital angolana pelo ministro português da Cooperação, comandante Vitor Crespo, a qual teve a presença apenas de jornalistas estrangeiros. Vitor Crespo expôs os motivos da sua deslocação a Angola.

A posição defendida por Victor Crespo junto do M.P.L.A. terá sido a mesma de Melo Antunes perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, e que é totalmente rejeitada pelo M.P.L.A. Exemplo desta posição ressalta do seguinte diálogo com um jornalista presente à conferência de Imprensa: Pergunta: «Portugal já definiu, visto V. Exa. considerar três forças políticas em presença, qual a única verdadeiramente progressista?» Resposta: «É um problema que compete ao povo de Angola dar resposta e não ao Governo português que não pode nem deve definir a natureza dos movimentos angolanos.»

SITUAÇÃO NA FRENTE DO CAXITO

Depois de um dia de intenso duelo de artilharia, as posições no terreno mantêm-se sensivelmente as mesmas. O M. P. L.

A. conserva a cintura defensiva em torno de Luanda e, segundo declarações de um membro do Comité Central do M. P. L. A., prepara o contra-ataque. De momento, os combates desenrolam-se na zona entre Quifandongo/Salasembas, Porto Quipiri e Morro da Cal. Ainda no distrito de Luanda foi anunciada a libertação das áreas de Quizonzo e Zimba, donde os mercenários da F. N. L. A. foram expulsos.

FRANCO EM COMA

MADRID, 24 (R) — O chefe do Estado espanhol, generalíssimo Franco, de 82 anos, entrou ontem, à noite, em estado de coma, após ter uma recaída, segundo revelaram hoje fontes bem informadas.

Acrescentaram que o coma fora causado por uma aparente falta do fluxo de oxigénio ao cérebro.

Uma sessão do gabinete, marcada para hoje, foi cancelada, mas os ministros mantinham-se nos seus gabinetes prontos para qualquer emergência.

Essa prevenção estava incluída numa operação com o nome de código de «Lucero», que entra em vigor em tempos de crise e inclui um «estado de alerta menor».

CÂMARAS FARO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lagoa convoca todas as comissões administrativas das Câmaras do distrito de Faro e todas as juntas de freguesia para uma reunião a realizar hoje às 21 e 30, em Lagoa.

3 tome e

AMI E MP

O brigadeiro Melo Egídio, a quem foi entregue o comando do discutido e discutível AMI. (Agrupamento Militar de Intervenção) desempenhou importantes funções na Mocidade Portuguesa, o que lhe valeu receber diversos louvores: director do Centro de Milícia de Lourenço Marques, de 1952 a 1956, sendo entretanto comandante interino das Milícias, de Setembro de 53 a Fevereiro de 54. Louvado por três vezes em ordem de serviço, por ser considerado dirigente totalmente devotado e sempre pronto «para todos os serviços».

Em Portugal (na Metrópole, como então se dizia) foi adjunto para as Milícias no Quartel General do Governo Militar de Lisboa e adjunto do Comando Geral das mesmas Milícias, em 1959. Em 1964 era já comandante geral interino e recebera entretanto um quarto louvor.

INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

No seu «Exclusif», a revista «Afrique-Asie», de 20 de Outubro a 2 de Novembro, já uma série de pequenas notícias sobre Angola. Elas: novos oficiais israelitas vieram juntar-se recentemente ao estado-maior da FNLA. Estes oficiais colaboram com os técnicos e instrutores sul-africanos, portugueses (fascistas), americanos e chineses, que andam também a ajudar Holden Roberto... Fontes próximas do MPLA detectaram em Luanda outros instrutores asiáticos, cuja nacionalidade se desconhece por enquanto. Entretanto, o governo chinês interrompeu totalmente o seu auxílio ao MPLA, enquanto continua a apoiar militarmente (e não só) a FNLA.

UMA CARTA

Carta ao «DL», enviada pelo dr. Marcelo Rebelo de Sousa:

«Em relação a uma local, publicada no número do passado dia 17, e em que sou referido, gostaria de esclarecer:

1 — As duas únicas deslocações que fiz ao estrangeiro, antes de 25 de Abril de 1974, em serviço público, foram a Haia, pela Comissão Nacional do Ambiente, para a negociação de uma convenção sobre poluição do alto mar, por operações de «dumping», e a Paris, pelo Secretariado da Emigração, para a negociação de uma convenção franco-portuguesa, relativa a matéria de segurança social dos nossos emigrantes.

Ambas as viagens, em delegação, se verificaram em 1972.

2 — Naquelas deslocações desempenhei uma função técnico-jurídica, num domínio da minha especialidade — Direito Internacional Público, domínio que também ensinei na Faculdade de Direito de Lisboa, onde sou assistente.

3 — Todas as demais deslocações foram efectuadas em serviço do «Expresso», ou a expensas minhas».